



UMA  
Odisseia  
COREANA

UM ROMANCE DE  
Stella

# Índice

[Aviso de gatilho](#)

[Glossário](#)

[Mikrokosmos](#)

[1 Nicole](#)

[2 Taeyang](#)

[3 Nicole](#)

[4 Taeyang](#)

[5 Taeyang](#)

[6 Nicole](#)

[7 Nicole](#)

[8 Taeyang](#)

[9 Nicole](#)

[10 Taeyang](#)

[11 Nicole](#)

[12 Taeyang](#)

[13 Nicole](#)

[14 Taeyang](#)

[15 Nicole](#)

[16 Taeyang](#)

[17 Nicole](#)

[18 Taeyang](#)

[19 Nicole](#)

[20 Taeyang](#)

[21 Nicole](#)

[22 Taeyang](#)

[23 Nicole](#)

[24 Taeyang](#)

[25 Nicole](#)

[26 Taeyang](#)

[27 Nicole](#)

[28 Taeyang](#)

[29 Nicole](#)

[30 Taeyang](#)

[31 Nicole](#)

[32 Taeyang](#)

[33 Nicole](#)

[34 Taeyang](#)

[35 Nicole](#)

[36 Taeyang](#)

[37 Nicole](#)

[38 Taeyang](#)

[39 Nicole](#)

[Dois meses tinham se passado.](#)

[40 Taeyang](#)

[41 Nicole](#)

[Epílogo](#)

[Taeyang](#)

[Nicole](#)

[Notas do texto](#)

[Agradecimentos](#)

# Uma Odisseia Coreana

STELLA

2ª edição, 2021

Copyright © 2021 Stella

Uma Odisseia Coreana — Stella

Produzido no Brasil

Ilustração interna © Bia Bock

Ilustração de Capa © Nica Park

Revisão: Letícia Oliveira, Letícia Santana e Joyce Mikaelly

Diagramação: Stella

Esta obra segue as regras da nova ortografia da Língua Portuguesa.

2ª edição — 2021/ 341 páginas

## **TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.**

É proibido o armazenamento e/ou reprodução de qualquer parte dessa obra através de quaisquer meios sem o consentimento por escrito da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do código penal.

*Para minha avó, todas as estrelas se apagarão antes que eu deixe de amar você.*

## **Aviso de gatilho**

Depressão, automutilação e suicídio.

## **Glossário**

**Aboji:** Pai

**Ahyu:** Expressão usada quando alguém fala alguma bobagem

**Aish/Aigo:** Interjeições em coreano

**Debut:** A estréia de um grupo ou artista

**Won:** Moeda usada na Coreia do Sul

**Latte:** Bebida de café expresso com uma quantidade generosa de espuma

**Sunbaenim:** Sênior no trabalho ou na escola/universidade

**Oppa:** Mulheres falam para homens mais velhos, pode ser usado para definir um irmão ou alguém considerado próximo

**Noona:** Homens falam para mulheres mais velhas que eles

**Sasaeng:** Fãs extremos

## Mikrokosmos

As estrelas reluzentes

Os prédios bem iluminados

Nós brilhamos como diamantes

Em nossos próprios quartos, em nossas próprias estrelas

Algumas luzes são ambiciosas

Algumas luzes são rebeldes

Todo mundo emite luz

Cada uma delas é preciosa.

— BTS.

# 1 Nicole

Minha mãe me levou até o aeroporto de Guarulhos com as janelas fechadas e o ar-condicionado no último. Estava beirando seus 37° em São Paulo, um típico dia de verão numa selva de pedra. Eu estava preparada para voar, vestia meu melhor pijama de Star Wars, onde estava grafado na minha camiseta cinza “vida longa a resistência” um pouco acima da princesa Léia. Usando-o como um gesto de afronta para minha mãe que estava quase encostando o carro para comprar alguma roupa para me enfiar a força.

— Você tem certeza? — ela perguntou pela décima vez apertando os lábios ao encarar minha roupa — O shopping não está tão longe...

Nós duas não nos parecíamos em nada. Minha mãe tinha cachos com curvaturas menores e mais volume nos fios ébano, assim como sua pele que era dois tons acima do meu. Lembro-me bem das tentativas dela de amenizar as piadas em reuniões de família, eu era clara demais para uma filha de negros e bronzada para uma família de coreanos.

Essa sou eu, Nicole Dias, nunca no tom certo e filha de pais divorciados.

— Você não precisa ir. — Ela tinha encostado o carro na área de embarque. Eu já tinha feito aquela viagem para Seul inúmeras vezes, poucas desacompanhadas, mas eu sabia muito bem como me virar. — Pode esperar até o natal, e ele virá como combinamos. — Acrescentou a última parte com algo que não reconheci.

A situação dos dois não era complicada, divórcio por conta da imersão excessiva do meu pai no trabalho, e a da minha mãe era passar o tempo com a família, dualidades que não souberam equilibrar. Mas o divórcio só aconteceu mesmo quando eu tinha 10

anos, desde então sempre ganho dois em tudo, o que nem sempre é ruim.

— Eu quero muito ir.

E era parcialmente verdade, mas minha mãe estava usando todas as forças para me convencer do contrário durante a semana, já não sabia até que ponto era “querer” ou o que ela classificava como “fazer para irritar”.

Ela me abraçou tão apertado que tive que conter meus órgãos dentro do corpo que estavam a um salto de escaparem, os cabelos macios dela acariciaram meu rosto e o cheiro de colônia masculina amadeirada dela ficaria em mim, eu sabia. Toquei o topo de sua cabeça.

— Eu te amo tanto, meu bebê — ela disse sem cerimônias, como sempre fazia, acrescentando um “bebê” em todas nossas despedidas, não importando o fato de eu ter 19 anos.

— Também te amo, mãe. — Me desvencilhei de seu abraço apertado e estiquei o braço para pegar minha bagagem de mão, e uma blusa grossa, aqui o sol estava insuportável, mas duvidava que meu amigo infernal fosse me aquecer assim na Coreia.

— Vejo você daqui um mês para o aniversário da vovó Maria — ela disse enquanto eu checava se minha mochila roxa estava bem fechada e o passaporte fácil de ser alcançado, meneei a cabeça em concordância. Em um mês muita coisa poderia acontecer.

Olhei uma última vez para os olhos castanhos e doces da minha mãe, e saí apressada do carro no exato momento em que o táxi branco buzinou para que ela retirasse o carro da zona de desembarque rápido. Respirei fundo e me preparei para entrar naquele avião que me levaria até meu pai, e a um mar de oportunidades desconhecidas.



Quando meu avião pousou no aeroporto de Daegu, eu não sabia dizer ao certo se ainda era capaz de sentir minhas pernas, mas sabia que o pijama tinha sido a melhor decisão que eu havia tomado na minha vida inteira.

Acertei no clima, minha blusa seria eficiente para esconder a imagem da atriz Carrie Fisher e me aquecer, estava nublado, mas não fazia frio severo, sabia que quando eu estivesse prestes a voltar para o Brasil seria o início de *jangma*, a menos que estivesse errada, mas sem dúvida espero estar, a Coreia costuma me assustar com essas mudanças climáticas, e *jangma* significa muitos tufões ou pelo menos, ventos fortes o bastante para desestabilizar minhas estruturas.

O Brasil podia ser muitas coisas, mas tinha um clima parcialmente abençoado, e sem tufões. Um voo do Brasil para a Coreia do Sul levava em média 26h quando o sol nasce em um, se põe noutra, eu sempre perco e ganho tempo nessa linha de raciocínio, mas voar esse tempo todo estressaria qualquer pessoa normal, no entanto eu gostava de estar sobre as nuvens, o céu parecia um campo de algodão-doce.

Quando atravessassei o mar de gente, e passei pelos tubarões da migração logo encontrei meu pai, no mesmo lugar onde ele sempre costumava ficar, tinha trocado novamente de carro. O que já era de se esperar, a cada ano ele sentia a necessidade de um automóvel novo, e bom, não nos víamos há três verões. Ele ergueu uma mão para mim, como se eu não tivesse o reconhecido.

Ele apertou minha mão quando saí aos tropeços para a rua, como se fôssemos sócios de negócio. Pisquei um tanto surpresa, não era assim que esperava ser recebida pelo meu pai.

— Muito bom te ver, Nick — ele disse em português, arrastando as palavras. — Você cresceu bem. — Ele rapidamente pegou minha mochila e me guiou até o carro, como se eu estivesse perdida. — Como foi seu voo?

Até o final do dia, eu fecharia um negócio com meu pai nesse ritmo, pagaria quantos *wons* ele quisesse para me tratar como sua filha.

— Foi tranquilo, sem turbulências. — Eu o olhei tranquilamente quando fechou a porta do carro para mim, colocou minha mochila como se fosse algo precioso no banco de trás e ligou o carro — bom te ver também, papai.

Ele sorriu ao ouvir isso, e deu partida para seu apartamento no complexo de condomínios em Dokseodang-ro, Hannam The Hill. Era um lugar estimado na Coreia pois era o lar de alguns famosos, eu gostava por estar perto do Starbucks e da ponte Hannam.

Se bem que eu estava fugindo de café nas minhas férias, já que eu trabalhava diariamente com isso.



A maior parte das minhas roupas ficavam na casa do meu pai, e bom, eu torcia para que elas ainda me servissem como se três verões não tivessem passado. Meu guarda-roupa daqui era bem diferente do Brasil, aqui eu não precisava usar vários casacos no frio, um bastaria por ser mais pesado, e lá eu poderia usar camisetas com gola “v” sem me preocupar em atrair olhares negativos.

— Comprei roupas novas para você — ele anunciou, talvez sem perceber, mudando o tom da conversa para o coreano, o que pra mim era um enorme tanto faz, eu cresci imersa nos dois idiomas, eu só não sabia ler e escrever muito bem — fiquei com receio que aquelas não te servissem.

— *Oh* — exclamei entrelaçando meus dedos sob o colo, enquanto de fundo a mini tv do carro noticiava — obrigada, pai.

O silêncio recaiu, e quando ficou um pouco constrangedor, papai aumentou o volume do noticiário.

— *Morreu aos 20 o cantor Jeong do grupo S.T.A.R.* — disse a repórter que vestia um terno azul, e a imagem avançou para um grupo de jovens que colocava flores em frente a uma casa — encontrado hoje...

— Você gostava dele?

Eu nem sabia que ele existia.

— Eu não gosto muito de k-pop — digo, e papai me olhou de relance como se eu tivesse contando algo engraçado, mas ao ver que falava sério, ele contornou o assunto.

— E o que você ouviu?

— Coisas que não me irrite — respondi automaticamente.

— K-pop te irrita? — pergunta, um pouco atordoado, sei que aqui alguns jovens são obcecados por isso, mas vivo bem sem.

— Não tanto quanto o presidente.

— Ah, isso é uma pena. — Observou, um pouco antes do silêncio recair novamente.

O nome do papai nunca era mencionado em casa, Do-yun, literalmente queria dizer "caminho", gosto da etimologia dos nomes, ainda mais os coreanos. Mamãe disse que se dependesse do papai meu nome teria sido algo como "Bada", não acho que eu gostaria de ser chamada assim.

A verdade é, acho que eu não gostaria de pensar em ter mais espaço na vida do papai, com o divórcio, aos poucos eles foram perdendo o contato um com outro, trocando apenas informações básicas sobre mim, e eu era a responsável pela minha comunicação com ele, usualmente fazíamos chamadas de vídeo pelo *Line* de dia pra mim, e de madrugada para ele, mas isso acontecia uma vez por mês.

Em resumo, não conversávamos muito.

— Eu tenho ingressos para um show, como sou o responsável pela produção do álbum é esperado que eu vá. — Ele me olhou de soslaio.

Ah . Por isso a roupa nova. Não que eu me importasse de andar por aí com pijamas, aliás, acho que mais pessoas deveriam fazer isso.

— E você quer que eu o acompanhe. — Presumi e puxei o cinto cinza do carro que estava na base do meu pescoço. — Okay — disse de modo hesitante.

Papai havia decidido arrumar um tempo pra mim, tentaria ser legal.

E além do mais, o quão ruim poderia ser?

## 2 Taeyang

— Definitivamente não — disse encarando três patetas diferentes, que provavelmente estavam pensando algo semelhante ao meu respeito.

— Taeyang, querido — disse minha assessora de imagem corpulenta, estava extremamente bem-vestida hoje com um terno social giz e o cabelo fortemente preso em um rabo, mas talvez ela estivesse assim todos os dias. Ela fazia um esforço absurdo em momentos como esse para manter a tonalidade na voz. — Esse tipo de coisa fará muito bem para sua imagem, uma entrevista com Riza sempre te coloca em destaque.

Eu revirei os olhos. Eles não entendiam que eu não ligava para isso.

— Um cantor não precisa de imagem — disse apertando a espuma da poltrona de couro na qual estava sentado — precisa de música, apenas.

— Você cuida da sua música. — Meu pai interveio, e pela primeira vez no dia, eu o olhei sem qualquer julgamento — E nós, da sua imagem, portanto, faça o que estamos mandando.

Foi um breve momento. *Pateta* .

Ele parecia comigo, mas tinha alguns fios grisalhos na cabeça, mas o rosto fino e o nariz levemente inclinado eram os mesmos. Perturbador. A mulher atual dele estava ao seu lado segurando seu braço, talvez ela achasse que eu o irritaria a ponto de fazê-lo perder a compostura na frente dos outros.

Ela me olhou com urgência, silenciosamente pedindo para que eu parasse. Talvez nós dois tivéssemos uns 8 anos de diferença. Os cabelos dela estavam presos em um coque alto, eram acobreados assim como seu vestido provocante. Assenti na sua direção. Afinal, em alguns momentos ela entendia o que era estar na minha pele.

— Então concorda? — minha assessora perguntou esperançosa.

— Se eu disser que sim, vocês vão sumir? — perguntei ainda mais esperançoso. Cruzei os braços, o ar-condicionado estava começando a me causar calafrios, e a esse ponto do dia, eu mataria por um café quente.

Meu pai me lançou um olhar cortante, o qual devolvi quando me levantei da poltrona em que estava esparramado. Via a raiva quase transpassando sua camada de fingimento. Eu subi meu capuz por cima do boné, peguei minhas chaves e um óculos escuro, o primeiro que encontrei na mesa de descanso arredondada perto da porta.

Olhei por cima dos ombros, os quatro me encaravam desacreditados.

— A reunião acabou — disse caminhando até a porta branca de aço escovado — se vocês não somem da minha casa, sumo eu.

Com isso fechei a porta estrondosamente atrás de mim. Uma das coisas boas de estar na minha pele é que eu sabia que nenhum deles viria atrás de mim a não ser que precisassem de algo. Me olhei no retrovisor enquanto o ajustava. Minha maquiagem nos olhos estava mal feita e agora estava quase sumindo junto com os raios de sol e as lentes de contato lilases combinavam com meu boné.

Coloquei o óculos sob o banco, provavelmente precisaria dele para comprar *lattes* e ir para o mesmo lugar de sempre, o Rio Han. Olhei mais uma vez transtornado no espelho e dei ré com um cantar de pneus.

Faria um *debut* idiota que eles queriam, mas não faria essa merda por mim. Depois de olhar as luzes refletidas na Ponte Banpo e ouvir o leve ruído das águas talvez toda essa ideia não me irritasse tanto assim. Ela é responsável por ligar os distritos Seocho e Yongsan. O Rio Han é o centro de Seul, de certo modo, seu coração e todas as 27 pontes funcionam como suas veias.

No caminho eu costurei entre os carros enquanto encarava o painel do meu carro para a ligação recebida, era o velho.

— Pronto — disse ao apertar o botão no volante para o viva-voz — Taeyang na linha.

— Escuta aqui seu *moleque*, — de perto eu ouvi a atual esposa sussurrar o nome dele em súplica, ela estava me defendendo seja lá do que — essa é sua chance de passar por cima de todo mal que fez para essa família, está me entendendo?

Me controlei para pisar no freio e não no acelerador quando as luzes do carro da frente se acenderam.

— A minha chance? — perguntei, ligeiramente curioso. A voz dele estava carregada de álcool, sabia de longe. Pelo menos agora não morávamos mais juntos eu não precisaria abrir tanta distância entre

nós — A vida é minha e eu estou na reserva assistindo vocês jogarem.

— Você deve isso ao seu irmão, Taeyang — disse o velho, e em seguida escutei três bips, ele havia desligado.

Eu soquei o volante, e sem querer acabei buzinando.

No final daquele dia, eu estava com dois *lattes* com chocolate extra sentado na grama observando a água sussurrar algumas respostas para meus problemas. Olhei por cima do ombro enquanto algumas pessoas passavam e admiravam meu carro azul sem perceber que eu estava perto, sem luzes e cores eu não era um cantor famoso, afinal de contas.

Encarei a ponte, ela tinha muito mais brilho e ninguém além de mim parecia olhar para ela.

— Um brinde ao *debut* de merda — disse erguendo o meu latte, enquanto o outro permanecia intocado ao meu lado na grama fria.

Como permaneceria o resto da vida.

### 3 Nicole

A música “Eduardo e Mônica” do Legião Urbana nunca havia feito tanto sentido pra mim, principalmente na parte onde ele canta “Festa estranha, com gente esquisita”, nem ia gastar tanto tempo falando sobre minha roupa estranha, mas se resumia em uma camisa rosa pastel de babados com uma saia rodada preta cintura alta que ficava acima dos meus joelhos, exatamente como eu odiava.

A esse ponto o lenço vinho que estava na camisa parecia uma coleira de cachorro, estava me sufocando apesar de

eu ter a plena consciência que estávamos sob o ar-condicionado que deveria manter a temperatura do ambiente moderada, mesmo com o clima fresco e ventos razoáveis encarar um ambiente cheio, sem isso era complicado.

Olhei de relance para meu pai que estava ao lado.

Ele estava extremamente bem vestido, com uma camisa branca bem fechada e abotoaduras prateadas, sua gravata vinho combinava com sua calça e conseqüentemente com meu lenço patético, mas nele as cores caíam como uma luva. Seu rosto era levemente arredondado e sua barba estava aparada. Ele me devolveu o olhar, seus olhos, apesar da reserva eram gentis.

Bom, esse era um traço que eu queria ter herdado dele, mas se alguém que olhasse de fora, presumiria que eu tinha sido adotada por ele, meu rosto era um pouco arredondado, meus olhos tinham uma certa inclinação como os dele, mas eram um tanto “abrasileirados” como minha mãe dizia.

— *Sunbaenim* — disse uma mulher elegante em um vestido azul até os pés de babados se aproximando, ela segurava com afinco uma taça de champanhe que estava quase no fim, seu olhar estava nos garçons com bandejas arredondadas que carregavam mais taças — O que acha? — ela ergueu uma mão fina e adornada para o salão cheio de mesas redondas e um palco decorado com rosas brancas e luzes. Era lindo e glamoroso. Meu pai devolveu a saudação com um sorriso caloroso, que eu observei com espanto.

— Fez um ótimo trabalho com a decoração. — Ela devolveu o sorriso, percebi seu olhar se fixar em mim, ela bebeu o resto da taça e entregou para mim o cristal vazio, eu recolhi as mãos e a coloquei entrelaçada nas costas.

— Eu não trabalho aqui — respondi um pouco consternada com o gesto.

Meu pai olhou para mim, achei que haveria julgamento em seu olhar pela forma a qual me referi a sua colega de trabalho, mas parecia conter um certo desespero.

— Yuna, essa é minha filha, Nicole — ele disse colocando uma mão morna suavemente no meu ombro, enquanto eu concentrava todas minhas forças em não desviar o olhar da mulher na minha frente, que parecia exercer o mesmo esforço.  
— Acabou de chegar do Brasil para passar suas férias comigo.

Parecia que meu pai tinha acabado de estapeá-la.

— Seja bem-vinda, aproveite sua breve estadia na Coreia.  
— Ela enfatizou a palavra breve, e com uma reverência curta ao meu pai, se desfez na multidão, junto com meu autocontrole.

Bom, essa não era a primeira vez que isso aconteceria, não importava o quão bem-vestida eu estivesse, para algumas pessoas, eu ficaria melhor longe, ou apenas trabalhando para elas, nunca com elas.

Meu pai mal conseguiu me olhar nos olhos depois dessa conversa.

— Fique com isso — ele disse me entregando a chave do carro, sem me olhar ou explicar. — Eu... eu preciso ver se a nossa estrela já está pronta.

Com isso, ele me deixou também no salão lotado de pessoas que eu não conhecia, segurando firmemente uma chave, a qual parecia ser a reserva, pois a que eu vira no dia anterior tinha um chaveiro com pedras jade. A música que tocava de fundo estava me irritando.

Suspirei.

Uma, duas, três vezes. Minha mente ainda girava.

Um homem esbarrou em mim, e quando virou para pedir “desculpas” as palavras não vieram. Meu coração martelou no meu peito. Eu nunca deveria ter concordado em vir, não me importava mais se isso alegraria meu pai, minha mãe entendia o que era estar na minha pele, e só agora havia ocorrido a mim, o porque ela não tinha ficado tanto tempo na Coreia.

Antes que pudesse pensar com clareza, apertei a chave entre meus dedos suados a ponto de ficarem brancos com o gesto. Eu iria sair dali. Eu sabia dirigir é claro, mas era recém-habilitada, com ênfase em recém, e habilitada em outro país. Mas meu pai tinha me dado a chave enquanto ele tinha bolsos na camisa e na calça, não era para eu guardar a chave para ele.

Isso era ilegal na Coreia. Era ilegal, mas sabia que ninguém aqui faria algo assim, portanto, essa poderia ser uma boa oportunidade.

Suspirei outra vez, a música a esse ponto da festa estava melhorando, era uma melodia tranquila de um quarteto de cordas que estava no palco, evidentemente ganhando tempo, percebi quando as pessoas começaram a ecoar: “onde ele está?”.

Eu não tinha tempo para hesitar.

Cortei por entre várias pessoas em direção ao estacionamento no subsolo para cometer meu primeiro crime.

## 4 Taeyang

Eu estava parecendo um corvo. Na minha camisa tinha algumas penas preta-azuladas descendo em “v” pela minha gola. As penas combinavam com o meu cabelo escuro, e minha maquiagem era azul metálica.

— Saia — disse para minha maquiadora *trainee*. Ela tinha olhos enormes e assustados, parou a meio caminho do meu rosto com um pincel macio. Os cabelos eram rosa *pink* assim como a maquiagem dela, ela parecia uma versão não famosa de Riza.

— Mas, não terminei... — ela protestou retraíndo o pincel e guardando em sua maleta dourada que estava sobre o camarim iluminado — Yuna *sunbaenim*, disse que você deveria ficar deslumbrante.

— Está me dizendo que não sou deslumbrante? — perguntei de modo divertido, ergui uma sobrancelha, e vi ela ficar vermelha.

— Não, não é nada disso...

Eu ri.

— Então saia.

Ela assentiu consternada e se despediu de um jeito que nem parecia coreano. Apenas agitei a mão em sinal de dispensa.

Sozinho eu olhei para o camarim atrás de mim, meu violão estava ali encostado ao lado da porta branca, adornado com *strass* pretos, e no braço em dourado estava escrito “Hye”.

Respirei fundo.

Não, eu tinha pedido para que fosse gravado o meu nome, estava escrito “Tae”. Quase esfreguei meus olhos esquecendo que estava de maquiagem e lentes azuis.

*Naquele* tempo eu podia simular o diabo vagando pelas ruas da Coreia, bebendo e quebrando câmeras em bares e karaokês. Podia fingir que meu rosto não era reconhecido em qualquer lugar que eu fosse por um curto período, durava tão pouco quanto qualquer outra coisa na minha vida. Hoje, não posso ter esse luxo.

— Reserve um tempo para ele depois do show para que fale com a gravadora, alguns detalhes das faixas precisam ser repassados — disse meu pai ao entrar no camarim, estava com um terno risca-giz bem aparado, ele estava sozinho, olhou brevemente para mim e ergueu dois dedos como um sinal de espera, revirei os olhos e girei na minha cadeira vermelha enquanto ele terminava a ligação. — Certo, repassarei os detalhes agora. — Ele me olhou novamente. — Sim, ele está aqui.

Ele desligou e colocou o celular enorme no bolso do paletó.

— Certo a gravadora confirmou os detalhes da apresentação comigo, no telão, ao invés das rosas que você havia pedido eu pedi para que colocassem imagens suas e de Hye juntos...

— O quê? — perguntei quase engasgando.

Ele alisou o terno, e fixou seus olhos em mim da forma patética que sempre fazia quando eu perguntava algo que ele considerava incorreto.

— As rosas eram uma boa ideia, filho. — Suspirou — Mas não venderiam sua imagem. Com Hye ficará mais fácil, se trabalharmos a sua nos padrões dele... as pessoas vão ter empatia desse modo vão consumir o seu álbum com mais facilidade.

— Já passou pela sua cabeça que talvez eu não consiga cantar com nossas lembranças literalmente me encarando de frente?

— Então você seria fraco — disse, olhando-me sem ver. — e eu não tolero fraquezas.

Ele caminhou na minha direção, quis recuar, senti meu estômago se agitar, eu queria vomitar, mas não comia há horas. Colocou a mão no meu queixo e me fez encará-lo por um bom tempo, e por um momento eu voltei há dois anos, onde eu não reagiria.

— Só quero o melhor pra você, Tae — me disse, mantendo a voz grave contida.

Eu senti minha garganta queimar, e estapeei sua mão ruidosamente. Ele recuou com o gesto, e vi seus olhos brilharem.

— E eu quero o pior para você, pra sempre — eu disse me levantando, apressei os passos e atravessei a porta branca sem olhar uma última vez para meu violão, achei que meu pai me agarraria no meio caminho e depenaria minha roupa ridícula com as mãos, mas não fez isso.



O ar noturno fora do camarim me atingiu com tudo, respirei fundo. Alguns seguranças vigiavam a porta, não precisei pedir para que eles saíssem da minha frente, eu nunca precisava pedir, vi que dois deles começaram a me seguir silenciosamente, apressei o passo e olhei por cima do ombro, vi que fizeram o mesmo. Ouvi eles responderem alguma coisa no rádio.

Eles seriam minha sombra, eu sabia disso. Então como se eu tivesse dez anos, eu comecei a correr.

— *Aigo*. — Um grupo de meninas que estavam no corredor branco de piso cinza exclamaram em conjunto, elas tinham alguns cartazes com meu nome. Pânico me agarrou, eu sabia que melhor que meus seguranças para me seguirem, apenas um grupo de adolescentes histéricas. — Ta...Taeyang! — uma jovem corpulenta terminou a frase.

Olhei por cima do ombro e vi os dois de terno preto e óculos continuarem a correr. Minha garganta estava queimando e meus pulmões mal conseguiam puxar o ar. Meus sapatos definitivamente não eram feitos para correr, coturnos pretos brilhantes, eu deveria parecer um corvo esquisito correndo pelo corredor, dos seguranças, e agora das jovens que entraram no frenesi comigo.

Virei à esquina do corredor apático o mais rápido que consegui e segui para a saída de emergência que daria para o estacionamento do subsolo. Tinha um segurança de costas, esperava eu que fosse patético o bastante para não perceber que estávamos em um novo episódio da minha vida chamado: Idol em fuga.

Não era tolo, eu sabia os privilégios que eu tinha.

Poderia cantar se eu quisesse, muitos se matariam pela oportunidade, e parte minha também faria isso, lutaria com garras para estar sob os holofotes, mas a ideia de ver Hye sem que de fato ele estivesse ali no palco comigo era a coisa mais perturbadora que poderia me acontecer.

Passei pela porta e fui agarrado pela brisa da noite, mas não pelo segurança, o que era um ponto pra mim. Meus pés estavam queimando nos calcanhares quando eu descii a rampa de concreto queimado do estacionamento pulando por cima da catraca branca de carros.

Um cherry prateado estava saindo no exato momento, e em pânico eu me joguei na frente. O carro estava numa velocidade baixa, mas ainda sim ouvi o som da freada súbita.

— Você perdeu sua cabeça?! — era a voz de uma mulher, era suave como o florescer, mas suas palavras eram ácidas — Se está tentando se matar arrume outra alma para o serviço — ela disparou.

Pisquei e encarei a motorista, pela primeira vez na noite eu vi algo que valeu a pena ser visto.

— Me dê uma carona — inquiri, dando duas batidinhas no capô, a menina apertou os lábios fartos e ergueu uma sobrancelha, vi seu braço se mover para o câmbio.

— Não, — ela disse sem hesitar — saia da minha frente.

Sorri, tentando parecer o mais doce possível.

Ela não me reconhecia? A voz dela era diferente, assim como o jeito que falava coreano. Era difícil ver seu rosto com detalhes aqui.

Em segundos sabia que seria alcançado.

— Me *dê* uma carona — repeti, beirando ao desespero. As penas da minha gola estavam começando a pinicar meu pescoço e meus pés estavam escorregadios.

Eu deveria estar patético na visão dela.

— Último aviso, — ouvi ela dizer, um pouco antes de acelerar o carro no lugar — saia da minha frente.

Ela estava blefando, é claro que estava.

Eu sorri, para sua brincadeira. Um pouco antes do carro avançar na minha direção.

Ela não estava blefando.

Me joguei o mais rápido que consegui no chão sem me preocupar se cairia de cara na parede do estacionamento. Caí no chão com um ruído e ouvi um *crack* do meu braço direito o qual havia caído sobre. A região começou a queimar como se alguém tivesse encostando brasas. Contive um grito.

Fiquei vermelho, eu não, o local. O carro voltou lentamente em ré. Ouvi o barulho da porta do motorista se abrindo, e em seguida uma série de palavrões vindos dela.

— Você é maluco! — Gritou comigo, parcialmente desesperada. — Por que não saiu?!

— Me dê uma carona — disse com meio sorriso no rosto, encarando-a quando abaixou para ficar na minha altura, os cabelos pareciam ondas cheias e ela cheirava a chiclete de frutas vermelhas. — *Por favor* — acrescentei quando ela ergueu uma sobrancelha, não usava a palavra com muita frequência, e saiu com um gosto esquisito nos meus lábios.

— Vou ter que te levar para o hospital — disse, mas não parecia falar comigo, ela parecia esquecer que estava de saída, mas percebeu rapidamente que eu percebi. — Ou posso fingir que não estou te vendo.

Me ajudou a levantar, era forte para seu tamanho. Segui para o carro sozinho, ainda suspeitava que se enrolasse ela me deixaria ali, acho que não duvidaria dela outra vez numa mesma noite.

— Coloque o cinto — me disse antes de dar a partida — , sou recém-habilitada.

Eu fiz o movimento para puxar o cinto à direita, mas mesmo mexer o braço esquerdo doía, olhei na direção dela. Ela poderia fazer aquilo por mim, esperei que fizesse, mas não fez.

Parecia nervosa o bastante para que eu não ousasse dizer para fazer aquilo.

## 5 Taeyang

Poucas foram às vezes que me senti tão próximo da morte.

— À esquerda, à esquerda — repeti consternado segurando meu braço ainda mais firme quando ela virou o volante com tudo, como se fosse uma partida e não algo real.

Com aquela menina no volante, era como se a morte me sussurrasse no ouvido.

— Pare de ser repetitivo! — ela devolveu sem tirar os olhos do horizonte, mas eu não parava de encará-la, oscilava minha atenção em alguns momentos necessários para orientação.

— Então preste atenção — eu devolvi. Aquilo doía. Eu não podia me machucar, estava no meu contrato, mas eu também não podia fugir de eventos da gravadora e *tã-dã*. — Não estamos longe, pode seguir reto agora.

Ela ainda não me olhava, não parecia ter me reconhecido.

— Qual o seu nome? — eu perguntei, um pouco incerto se queria saber.

— Nicole. — Ela fez uma pausa, e me olhou rapidamente, seu olhar estava inquieto — Nicole Dias, e o seu?

Pisquei. Era uma pergunta simples, claro que era. Mas não me lembro da última vez que ouvi essa pergunta em solo coreano.

— Taeyang — eu disse, um pouco desconcertado — você não sabe quem eu sou?

— Oh — ela soou preocupada — você sabe quem você é? — ela me perguntou de volta.

*O quê?*

— É claro que eu sei quem eu sou! — respondi, sentindo o pulsar absurdo no meu braço.

— Ah, que alívio, você não era muito... — ela me olhou novamente, ela não usava maquiagem, não precisava usar — bom, fiquei com medo da batida ter causado mais danos.

— Eu não me joguei na frente do seu carro de propósito! — Eu a encarei como se pudesse me fazer ser percebido, mas ela não me olhou. *Por que não estava olhando?* — Ei, estou falando com você, é falta de educação não olhar nos olhos.

Ela me olhou. Tinha chamas nos seus olhos âmbar, e eles brilhavam um pouco. De um jeito que eu reconhecia em mim mesmo nas margens do Rio Han.

— Eu estou dirigindo! — rosnou em resposta — Como espera que eu fique te encarando enquanto falo?!

— *Ei!* — Exclamei quando a ouvi fungar, e o pensamento me ocorreu um pouco tarde — Você quer que eu dirija...? — tentei pescar seu nome na minha cabeça, a dor estava me deixando, como ela havia dito? Com danos.

Ela freou brutalmente e quase voei através do vidro da frente. Estava tentando me matar. Beije o painel de couro cinzento do carro.

— Falta muito, Taeyang? — ela perguntou, olhando para o horizonte, ela parecia e cheirava como chiclete nessas roupas, eu quase ri. — Para chegar ao hospital.

Meu nome soou bonito com o sotaque dela, as vogais eram mais alongadas trazendo uma melodia estranhamente reconfortante.

— Não — respondi, impulsionando meu corpo para trás na direção do banco. Parecia ter um coração no meu braço, e minha pele estava grudada, conseguia sentir em cada molécula o impacto da queda. Estava suando frio. — Posso dirigir.

Ela colocou a mão na minha testa sem pedir. A olhei transtornado, mas não me afastei. Seu toque era preciso, tinha mãos de artista.

— Você está muito quente! — exclamou recolhendo a mão fria do meu rosto.

Sorri em resposta.

— Estou sempre quente, não acha? — Me olhou como se eu fosse um inseto esquisito.

## 6 Nicole

A espera foi uma das piores partes.

Não podia deixar ele sair sozinho, mas ele havia me dito para ficar no carro e pediu para que eu não chamasse atenção, isso de fato eu não soube interpretar, ele não tinha o mesmo tom que os demais quando falava comigo, provavelmente porque sua dor devia ser maior do que estar com alguém como eu.

Ao sair do carro Taeyang implorou para que o deixasse usar meu chapéu rosa que estava no banco, o motivo daquilo estar ali nem eu sabia. Ele havia tirado aquela roupa chamativa de corvo, ficando apenas com uma camiseta preta em meio ao frio. Depois que tinha se jogado na frente do carro de um estranho, aquilo não me surpreendia mais.

Estava com a cabeça apoiada no volante tomando cuidado para não buzinar. Taeyang, havia me direcionado até o *Hospital Fatima*, era mais perto de casa do que eu esperava, ele poderia ter apenas me dado o nome do lugar, eu não teria ficado tão nervosa.

Olhei para o estacionamento que estava quase vazio exceto por um pequeno grupo de fotógrafos que pareciam registrar algumas árvores baixas que dançavam com o vento perto do carro. Era um hospital bonito, na cor creme e repleto de pequenas janelas espelhadas.

Taeyang estava demorando.

A esse ponto da noite, eu queria ser uma árvore. Onde eu estava com a cabeça quando decidi dar a ré? Talvez se eu tivesse deixado ele lá.

Minha mente parou de maquinar quanto um forte ruído atingiu o carro. Estiquei a postura rapidamente em alerta.

Passei a mão pelo cabelo, estava solto.

Outro barulho.

Eu olhei pelos espelhos e vi Taeyang do lado de fora, em seguida o escutei gargalhar alto.

Soltei o cinto e corri para fora.

— O que está *fazendo*?! — perguntei quando ele caminhou novamente na direção do porta-malas, determinado a atravessar o metal. O vento soprou seu cabelo perfeitamente arrumado — Taeyang! — exclamei, e ele pareceu me olhar um pouco perdido.

Seus olhos estavam azulados como algodão-doce e eram pintados de azul metálico, aqui era um lugar comum para rapazes bonitos fazerem isso, mas ele em específico estava alguns patamares acima de “bonito”.

— *Ei!* Chicletinho!! — disse alegremente, ao me ver, estendeu uma mão no ar, a outra estava ao lado do seu corpo, engessada. Sua voz mesmo agora era aveludada. — Eu achei que essa fosse a porta — Taeyang tinha um sorriso estampado no rosto, e desse modo sua boca parecia formar um coração.

*Chicletinho?* Eu pisquei, mas me concentrei nele. Mesmo quase vazio, não era o melhor lugar para se elevar a voz, não era educado, não que ele parecesse ligar.

— Não me chame assim! — grudei na lateral do seu corpo. Grudei não, apoiei-o e com uma mão livre abri a porta do carro, para o inferno “chicletinho”.

Ele era bem mais alto, e tinha cheiro envolvente de colônia, e um suave cheiro de café caro, como os que eu costumava servir no

trabalho. Era uma mistura de aromas que eu nunca tinha sentido.

— Entre logo! — exclamei, quando ele permaneceu de pé ao meu lado me encarando.

— Por que não? — perguntou fazendo um muxoxo, usava um gloss rosado — *Eu gosto.*

Ele assoprou meu rosto.

Deveria ter dado uma ré sobre ele no estacionamento. O corpo dele estava um pouco mole, ainda me encarava e sorria, como se eu fosse um palhaço recém-descoberto.

— Exatamente por isso,  *você gosta* — respondi e ele me olhou perdido, em seguida começou a rir alto, tapei sua boca com os dedos, seus olhos até se fecharam nas laterais. Olhei para o grupo distante, eles continuavam fotografando com flashes intercalados sem parecerem se incomodar com Taeyang. Que vergonha. — O que eles te deram?

Taeyang piscou.

— A... — Ele começou a falar abafado pelos meus dedos, seus lábios fizeram cócegas e seu gloss ficou na minha pele. Retirei a mão e limpei o gloss no meu antebraço. —...nalgésico — concluiu.

Estava começando a ficar frio demais para essa conversa.

— *Ei!* — ele disse, ainda perdido. Agora sabia que os remédios eram a causa do efeito. — Me leve pra casa. — Com isso ele entrou no carro, ao se sentar olhou pra mim, como uma criança esperançosa.

Suspirei de modo audível. Fechei a porta e segui para o lado do motorista apertando meus braços na frente do corpo quando o vento soprou contendo o calafrio, Taeyang não pareceu sentir o mesmo.

Esse era um *dia "bão"*, podia vê-lo me olhando com um tridente e rindo dos acontecimentos. Apertei as mãos no volante quando olhei para Taeyang, ainda tentando esquecer a ideia do chiclete. Vi ele estender o braço bom na direção do rádio, quis impedir, mas ele já estava dedilhando as estações com seus dedos longos.

— Vamos, — disse sem me olhar nos olhos, parecia ter um foco em específico no horizonte, parcialmente alarmado, na medida que ele conseguia parecer alarmado dopado de analgésicos — quero ir embora, *chicletinho*.

— Você pode ir andando — disse soltando o ar, enquanto eu não tinha tempo de identificar as músicas. Ele parou em uma estação que estava tocando Bon Jovi, para minha surpresa. Gostava muito dessa música, contava a narrativa de alguém que estava sendo incompreendido. — E se me chamar assim outra vez, duvido que será uma opção confortável.

— Ou, você pode ligar o carro e me levar — sorriu, como alguém doce teria feito. Só que não era o caso.

— Onde você mora? — olhei para o relógio, talvez a esse ponto da noite meu pai estivesse chamando a polícia, ou ainda estaria na gravadora rindo com seus colegas sem perceber minha saída.

A minha sorte era que não tinha me enganado, a polícia não tinha me parado e eu havia cometido dois crimes: dirigir não sendo habilitada na Coreia, e atropelar um cara.

— Hannam The Hill — ele respondeu sem rodeios. Meu corpo inteiro congelou. Quando o silêncio se arrastou ele disse: — Posso dirigir até lá se quiser, se estiver nervosa...

Não o olhei quando liguei o carro. Ignorei o comentário de alguém dopado sobre dirigir, a ideia era tão ruim quanto eu dirigir.

— Eu moro lá também — disse sentindo as mãos úmidas.

— Mas eu nunca te vi lá — ele observou, estava passando a mão longa pela janela como uma criança.

— Eu quis dizer que a casa do meu pai é lá.

— E a sua?

Suspirei.

— Eu moro em São Paulo — ele tentou repetir o nome da cidade, mas soou esganiçado — é no Brasil.

— Eu sei. — Sorriu em resposta e pareceu encerrar o assunto.

Nos guiei lentamente para casa, a essa hora as ruas estavam praticamente desertas a não ser por nós e uma van que parecia estar indo para Hannam The Hill também. Abaixei a janela do lado do motorista pelo botão da porta, se Taeyang se incomodou não disse nada, ele estava com a cabeça virada para sua janela e respirava profundamente, seu corpo estava abaixado no banco do passageiro, de modo que seus joelhos estavam encaixados na parte inferior do painel. Seus cabelos estavam emaranhados com spray e glitter.

Estava dormindo. Assim era extremamente mais agradável.

Olhei mais uma vez pelo retrovisor, no começo não me incomodava, mas quando virei pela terceira vez consecutiva e a van preta me acompanhou, algo em mim se acendeu. Taeyang não tinha falado nada sobre, mas agora acho que não precisava. Acelerei um pouco, tentando conter a suadeira, não queria ser parada, portanto, me manteria no limite das placas. A van acompanhou.

Taeyang provavelmente, não era apenas um menino bonito em uma festa chata que havia se jogado na frente do meu carro.

Ele estava fugindo de algo.



Não demorei muito para chegar em Hannam The Hill do hospital, fiz o caminho em 15 minutos tranquilamente, Taeyang estava apagado quando parei o carro na rua de casa. Mexi nele, sabia que aqui era um tabu absurdo sexo opostos se tocarem sem cerimônia, mas ele não parecia se importar com esse tipo de coisa, perguntei para ele qual dos apartamentos com janelas espelhadas era o seu, tomando o devido cuidado para não dividir o que eu não tinha certeza.

Aquele era um condomínio onde algumas pessoas importantes tinham residência, ou no caso de papai, alguns funcionários importantes de gravadoras. Eu não precisei me identificar ao entrar, o porteiro me liberou pela placa do carro, presumi.

Todos os prédios eram padronizados por se tratar de um complexo de condomínios, eram marfins com as coberturas em verde-água, mas alguns eram maiores que outros. E o que Taeyang apontou meio sonolento era enorme em comparação com o nosso, que já era parcialmente grande.

O lugar era repleto de árvores baixas com folhagens vastas. Passei por cada um dos apartamentos devagar, tomando cuidado para não fazer barulho.

— Sabe, — começou Taeyang ao lado, continuei olhando pra frente  
— você está em dívida comigo...

— Estou? — eu havia levado o bobão ao hospital após ele se jogar na frente do meu carro.

— Sim — ele respondeu sistematicamente. — Sei que no fundo não fez por mal, então tenho uma proposta pra você, Nicole — ele falou meu nome arrastado, e percebi tarde demais, que quando falava comigo, suas palavras eram como se me conhecesse há um bom tempo.

Totalmente informal.

A todo momento quando alguém se comunica na Coreia, temos dois questionamentos: eu conheço essa pessoa? Ela se sentirá confortável se eu me comunicar assim? Mas o tom de Taeyang não foi tão alarmante quanto ser chamada de "chicletinho".

— Guarde a proposta pra você — disse olhando no retrovisor, a van tinha sumido um pouco antes de passarmos pela portaria, mas eu não podia deixar de pensar...

— Trabalhe pra mim e em troca não te denuncio pra polícia — ele disse.

Freei o carro bruscamente e o vi voar na direção do vidro, como minha mãe costumava fazer comigo, eu ergui um braço para aparar seu tronco, não foi difícil o segurar, mas sentir sua pele morna contra a minha foi estranho, vai ver porque nunca tinha ficado tão perto assim de um cara, mesmo sendo *esse cara*, ainda era um cara.

Ele me olhou surpreso. Talvez tivesse engasgado com um comentário idiota. Recolhi o braço e voltei o olhar para a vaga em frente à garagem dele, que tinha um portão branco bem largo e uma cesta de basquete ao lado.

— Eu nem te conheço — disse, e medi com os olhos o espaço, deveria caber.

Não tinha mais nenhum carro na frente e nem atrás o espaço seria mais do que o suficiente. Inspirei, e senti os olhos falsamente azuis dele sobre mim.

— Exatamente por isso — disse com aquela voz que me lembrava uma criança empolgada com algum brinquedo que não poderia comprar.

— Aonde quer chegar?

— Eu não faço um boletim de atropelamento.

Desliguei o carro, e esperei até que ele entendesse que deveria sair. Mas continuou me olhando, esperando sua resposta.

— *Não*, Taeyang — repeti, como se não tivesse ficado claro o bastante. — Agora, boa noite.

Ele sorriu de modo endiabrado, o gloss pêssego estava fraco, a maioria tinha ficado na minha pele mais cedo. Assoprou meu rosto novamente e acrescentou ao abrir a porta:

— Te vejo amanhã às 7h em ponto, não se atrase. — E com isso, me deixou encarando o banco vazio. A pressa o fez caminhar rápido. Ou o instinto de sobrevivência, porque a esse ponto da noite eu poderia muito bem atropelar ele novamente.

Assisti ele se afastar pelo gramado, mesmo de longe parecia alto, e não se importar com o abraço do vento. Estava só de camiseta preta e com um chapéu rosa de pescador, não parecia mais o corvo de antes. Ele estava só de camiseta? Olhei para o banco de trás onde estava jogada sua blusa espalhafatosa, a agarrei, era pesada e tinha cheiro de *latte* e colônia, o cheiro dele.

Quando me preparei para sair entregar sua blusa, Taeyang não estava mais no meu campo de visão. No dia seguinte, deixaria na portaria e esqueceria essa noite estranha.



Quando finalmente cheguei em casa, tomei cuidado para ser silenciosa, e como de costume retirei minhas sapatilhas vinho na entrada e as coloquei com os demais sapatos no cantinho atrás da porta, papai havia construído uma espécie de sapateira, o que mais parecia um conjunto esquisito de madeira colada uma na outra que tinha quatro fileiras de sapatos, em sua maioria eram sociais pretos e bem polidos.

Quando segui para o primeiro cômodo, a sala-de-estar, que era muito confortável com sofás azuis Tiffany e uma enorme TV no centro, uma luminária se acendeu automaticamente, e encontrei meu pai. Seus cabelos estavam desgrenhados e dois botões superiores da sua camisa branca estavam abertos e sem sua gravata.

Vi seus olhos se arregalarem ao me ver.

Droga.

A TV estava transmitindo um noticiário, e eu podia ler “astro em fuga”. E para meu choque. Minha foto estava lá.

— Filha...

Olhei nossa foto no estacionamento do hospital. Eu parecia abraçar aquele imbecil. Não eram fotógrafos. Caminhei lentamente para o sofá ao lado do que meu pai estava sentado, o meu tinha uma janela branca enorme para a vista do condomínio.

— Posso explicar, pai. — Curvei um pouco minha cabeça, como eu já tinha visto ele fazer algumas vezes quando pedia desculpas para minha mãe por chegar atrasado.

*Explicação: roubei seu carro, atropeliei um cara. Dois delitos em uma noite, imagino que esteja muito orgulhoso.*

Me deu um meio sorriso, era fraco. De perto pude ver sinais de cansaço em seus olhos amendoados que eram um pouco caídos, porém, gentis.

— Não te protegi hoje, — ele começou, e eu arrumei minha postura.  
— Na festa, deixei que falassem com você daquele jeito, não passou pela minha cabeça que isso aconteceria no meu trabalho.

Ah.

— Estou acostumada com esse tipo de situação, tudo bem, pai. —  
Menti — Não está bravo por eu ter pegado seu carro? — desviei o assunto.

Não estava acostumada a lidar com esse tipo de situação, mesmo tendo nascido na minha pele, era estranho ser analisada principalmente por isso. Não esperava que meu pai me defendesse, mas confesso que queria que tivesse feito isso.

— Ah, sobre isso — riu — estou feliz que tenha feito! — apontou para televisão.

As imagens agora tinham se alternado e mostravam Taeyang cantando e dançando como eu nunca havia imaginado. A voz dele era aveludada, mas ouvir ele cantar era diferente. Desviei o olhar da TV para o meu pai.

— Ele é o astro de quem fui atrás mais cedo — disse colocando as mãos nos joelhos — mas ele se recusou a cantar.

Irresponsável e mimado.

Como meu pai reagiria se eu dissesse que tinha atropelado o astro dele? Acredito que o sorriso dele desapareceria. Ele não era o tipo que elevava a voz, mesmo irritado, mas sei como os coreanos são em relação ao trabalho, e se de fato Taeyang fosse a estrela da noite que me usou para fugir...

— Ele quer que eu trabalhe para ele — disse.

Meu pai me olhou com os olhos iluminados.

— E quando começa?

— Eu recusei.

Ele passou as mãos largas pelos fios finos da cabeça, alguns cabelos brancos estavam mais presentes do que eu imaginaria.

— Não pode fazer isso, Nick — ele me disse cauteloso.

Não só posso como já fiz. Estava apostando alto que ele não abriria um boletim.

— Não posso trabalhar para esse idiota — disse apontando a TV, que agora mostrava ele jogando o microfone e saindo do palco. Os cabelos estavam azuis e sua roupa era um conjunto de rosa pastel.

— Sua mãe contou pra mim que está pensando em entrar numa faculdade de Direito, a Mackenzie...

Não era totalmente mentira.

Claro que queria estudar, mas jamais poderia falar para a minha mãe que queria estudar desenho, ela derrubaria uma cidade inteira no soco se eu proferisse esse tipo de coisa; então eu tinha ficado na zona neutra, e focado no sonho de todo pai ou mãe que era algo como Medicina ou Direito.

Medicina era totalmente fora do orçamento, e Direito seria uma desculpa mais fácil de validar.

Era por isso que eu me matava de trabalhar quando não desenhava. Não gostava de servir cafés, nem um pouco na verdade, trabalhava no Starbucks do Moema Shopping, entrava às 7h e saía 12h40 ganhando um salário mínimo, e gastando minimamente para que pudesse comprar materiais de desenho realista e a outra parte era destinada para meu orçamento para faculdade e para sair de casa. Pois seria um lugar inabitável a partir do momento em que Direito não fosse minha real opção.

Podia parecer um pouco medrosa por isso, mas não vi nenhum artista negro ganhar tanto dinheiro por aí. Nem minha mãe tinha visto. Tudo que ela sabia era que eu gostava de desenhar. Não sabia que eu passava a madrugada inteira imersa nesse meu mundo. Colocava um rock na minha playlist feita somente para desenhos, e

começava por volta das 20h e quando costumava olhar a hora, eram 4h da manhã.

Desenho todos os rostos que me marcam no trabalho, e com as cores imagino suas histórias e emoções. Que cada um de nós temos, eu não sou tão boa em ler as pessoas sem papel e lápis ao meu lado. Tudo bem, talvez eu seja mesmo uma medrosa.

Suspirei.

— Sim, pai, por isso estou trabalhando duramente — sorriu ao ouvir isso.

— Fico muito orgulhoso, e tenho uma proposta para você...

Outra numa mesma noite? O que a Coreia estava virando? Um país de negociações crescentes em relações interpessoais, ao que me parece!

— Tudo bem.

Ele apurou os ombros e abaixou a TV.

— Trabalhe para Taeyang, faça de tudo que estiver ao seu alcance para que esse menino volte aos palcos, e tope uma turnê mundial.

*Quê?*

— E por que acha que eu conseguiria algo assim? — perguntei realmente curiosa.

— Porque ele não dispensou você essa noite, muito pelo contrário. — Ele sorriu — E em troca pagarei a sua faculdade, — ele fez uma pausa — não importa qual curso escolha. Eu pagarei.

Pisquei um pouco incomodada com a iluminaria alta ao lado do sofá.

— Por quê?

— Porque Taeyang pode me promover ainda mais, quem colocar ele nos palcos será um vitorioso, sem dúvida, você faz isso, e a vitória será minha; você retorna ao Brasil e qualquer despesa que queira acrescentar nisso...

Não estava acreditando. Me levantei tomando cuidado para não cair. Me inclinei rapidamente na frente do meu pai e acrescentei:

— Boa noite — com isso me retirei o mais rápido que consegui para meu quarto.

Essa tinha sido a noite mais estranha em um longo período da minha vida.

Quando fechei a porta branca atrás de mim, me encostei nela, e deslizei meu corpo até o chão de carpete de madeira em tom escuro extremamente polido. Encarei meu quarto que continuava o mesmo de vários e vários anos indo e vindo do Brasil para a Coreia, era neutro. As paredes pintadas de cinza com uma cama box no meio, uma cabeceira branca com alguns livros que nem me lembrava quais eram e um guarda-roupa também branco desatualizado.

Estava faltando uma foto da nossa família bagunçada, devia estar dentro de uma das gavetas da cabeceira. Lembro-me vagamente de ter jogado em algum canto que ficaria fora da minha visão quando estive aqui pela última vez. Foi quando o caos ainda estava começando a se alastrar entre o casamento dos dois.

Era difícil ser imparcial, a maior parte do tempo. Acredito agora que minha vida seria bem diferente nesse país. Claro, não deveria pensar nessas coisas com um prazo nas minhas costas para retornar ao Brasil, para minha família grande e meu trabalho horrível.

Minha mochila roxa estava intocada ao lado da cama, mas nela eu sabia que tinha um kit de 64 lápis profissionais para pintura, estavam extremamente embrulhados em plástico bolha, mesmo tendo sido

minha bagagem de mão sabia o quão delicado era para os grafites sofrerem qualquer impacto.

Vesti meu pijama, de coalas, com listras azuladas e me joguei na cama após pegar os lápis e meu *sketchbook* de viagem, que era uma versão menor do que eu usava em casa, sua capa era preta e dura, tinha meu nome gravado na frente em letras douradas, meu nome não, meu a pelido.

Comecei a rabiscar com uma lapiseira que tive a sorte de encontrar na primeira gaveta da cabeceira, e quando meu desenho finalmente tomou forma, eu não pude deixar de observar o fato em bom tom:

— Droga! — exclamei e cobri a boca, ao encarar uma versão reduzida de Taeyang na minha folha.

Ele estava com os lábios cor de pêssego e em seus rostos várias e várias borboletas estavam pousando, em um tom profundo de azul como algumas mechas do seu cabelo, o nariz dele estava mais fino e inclinado como eu me lembrava, ele parecia perdido em azul e breu, não me lembrava dele ser assim mais cedo, ele parecia apenas um idiota.

Perturbada eu soltei o caderno no chão ao lado da cama.

Bastava de desenhar por hoje.

## 7 Nicole

Acordei no inferno. Na Coreia não é como no Brasil, no trânsito buzina para tudo, se alguém nos corta, irrita, ou até mesmo para cumprimentar-nos, em funerais, casamentos e por aí vai, só tomamos cuidado em zonas hospitalares, às vezes nem assim. O trânsito aqui consegue ser bem pior que o coração de São Paulo e ainda mais engarrafado, mas os motoristas não buzina, soltam palavrões a esmo ou fazem sinais estranhos.

Então confesso que foi fora do comum acordar com um buzinaço na frente de casa. Abri os olhos ao primeiro som, mas julguei ser parte de um sonho estranho, voltei a fechar meus olhos bem apertados pois a luz do sol começava a invadir a enorme janela branca do meu quarto que eu havia deixado aberta.

O som se repetiu.

E quando ouvi pela sexta vez, me levantei pronta para matar. Debrucei o corpo sobre o batente da janela que não era telada, os raios de sol me fizeram piscar várias e várias vezes e umedeceram meus olhos. Ao olhar para baixo, eu preni minha respiração ao encontrar uma Ferrari azul profunda, como as asas das borboletas do meu desenho.

Taeyang estava sentado na janela do carro, com um óculos lilás e uma jaqueta de couro preta manchada de verde. Minhas mãos umedeceram no batente.

— Chicletinho! — acenou com a mão que não estava na tala, o braço direito — Está atrasada!

Quase engasguei.

— Eu não estou... — a porta do meu quarto se abriu, e vi meu pai, estava vestido como na noite anterior, camisa branca, abotoaduras prateadas, mas hoje sua gravata era preta padrão. — Bom...Dia...Pai — disse esquecendo como se formulava algumas palavras simples em coreano.

— Você não está pronta? — me analisou dos pés à cabeça — Descerei avisá-lo.

Eu saí da janela o mais rápido que pude e segurei o pulso do meu pai.

— O quê? Por quê? — quis saber, ele olhou para minha mão parecendo as pinças de um caranguejo, inflexíveis.

Os cabelos brancos dele estavam escondidos hoje e bem baixos.

— Ele está buzinando lá embaixo há um bom tempo, alguns vizinhos chamarão a polícia em breve, e isso não vai ajudar nem um pouco o resto da reputação dele.

Encarei meu pai.

— Eu não vou com esse cara a lugar nenhum!

— Você tem minha aprovação, agora vista-se antes que ele suba — disse, e com isso me deu as costas.

Ouvi a porta da saída se fechar um segundo após. Encarei onde meu pai estava um pouco antes. Aparentemente meu “boa noite” não se fez entendido, eu não conseguiria fazer algo assim, mesmo que para benefício próprio, pelo menos, era o que eu acreditava.

Tomei o cuidado de enviar uma mensagem para minha mãe através do *Line* para avisar o que havia acontecido ontem, e o que meu pai havia me proposto, ela não tinha me respondido até agora, deveria estar dormindo.



— Está atrasada, — ele repetiu quando soquei a porta do carro dele ao entrar — o que aconteceu?

Puxei o cinto que era um cinza claro, tomando o devido cuidado para não olhar para ele, ainda não consegui tirar o desenho da minha cabeça.

— Nada, só não queria vir.

— *Ah* — ele respondeu, e sua voz parecia quente, sabia que ele estava com um meio sorriso imbecil nos lábios rosados sem precisar olhar.

Ele colocou *Missundertood* do Bon Jovi no rádio, coincidentemente, a mesma canção que estava tocando ontem, eu adorava essa música, contive a vontade de cantar, e fiquei olhando a janela do meu lado, o carro dele tinha o insulfilme extremamente preto, nem sabia se isso era permitido por lei.

Vi que ele tamborilava os dedos compridos no volante. A tala ainda estava lá, estava camuflada com a jaqueta. Fico me perguntando como ele se vestiu de ontem para hoje.

Ele dirigia bem, para um delinquente no trânsito.

— Está tentando me matar? — eu perguntei quando ele cortou o terceiro carro no nosso caminho, talvez o pensamento não tivesse me ocorrido se ele estivesse com os dois braços bons dirigindo.

Deus abençoe os carros automáticos.

Ele olhou pra mim, os óculos lilases não tinham contorno para as lentes, eram presas com perninhas douradas. Ele estava com os cabelos pretos com mechas azuladas tocando as maçãs proeminentes do rosto.

— Não gosta de ir rápido? — ele perguntou, com aquele sorriso idiota no rosto.

Eu voltei a encarar a janela e senti meu rosto queimar. Mesmo falando sobre carros. Era sobre velocidade de trânsito. Passei as mãos sobre minhas coxas, estavam ficando um pouco grudentas. Hoje eu havia escolhido um vestido rose com alguns morangos estampados, ele ia até minha canela em uma saia leve e rodada com um laço na minha cintura. Outra peça recém-comprada no meu

guarda-roupa pelo meu pai que me fazia parecer um bombom de festa.

— Não — respondi olhando os prédios altos da avenida.

O carro de Taeyang era extremamente limpo, mas tinha cheiro de *latte*, e no painel tinha um copo vazio, me arrepiou, encontrei o copo branco familiar com uma sereia estampada na frente. Eu não aguentava mais ver aquelas coisas no trabalho.

— Então não se atrase da próxima vez — ele disse, e deixou o carro seguir viagem atrás de um modelo popular prateado — Não que eu ligue de deixar aqueles patetas esperando que nem bestas.

Ele reduziu a velocidade do carro.

— Aonde estamos indo? — perguntei olhando em paz para o horizonte que não parecia remeter a uma morte súbita.

Vi a garganta dele se mexer mesmo sem olhar.

— *Master Hit* — Seus dedos longos apertaram firmes o volante de couro acinzentado — Hoje vai ser a primeira vez que entro naquele prédio, em muito tempo, Nicole — disse meu nome daquele mesmo jeito arrastado e entrecortado de ontem, era diferente ouvir.

— E qual é o meu papel nisso? — O olhei, e ele me devolveu o olhar. Seus olhos eram pretos e abismais.

Ele me deu um meio sorriso, como se aquilo respondesse a alguma coisa.

## 8 Taeyang

O caminho foi mais longo que de costume, claro que dirigir com um braço não era minha especialidade, mas duvidava que se Nicole tivesse assumido o volante teríamos chegado a tempo. O prédio da *Master Hit* era de frente para a *Samsung Medison*, em uma rua relativamente pacata e estreita, repleta de prédios pouco atrativos. O qual estávamos parados em frente era só mais um.

Cinzento e alto, como quase tudo aqui. Ela parecia estar contemplada com o prédio, abria e fechava os lábios e murmurava algo que eu não entendia.

Estava usando um vestido longo rosa com estampa de morango, e ainda cheirava a chiclete. Não que eu tivesse me aproximado o bastante hoje, mas o vento que mexia os cachos bem formados do seu cabelo arrastava o cheiro até mim. A ideia de tocar o cabelo dela era tão tentadora.

Ela me olhou.

— O que foi? — perguntou inclinando um pouco o queixo, desafiadora.

Desviei os olhos.

— Nada. — Apertei minha mão boa na lateral do corpo e olhei mais uma vez para aquele prédio.

Não sabia bem o por que toda essa ideia tinha me ocorrido, mas acho que seria melhor ter alguém como Nicole junto comigo.

— Não estamos atrasados? — ela perguntou ainda analisando a estrutura cinzenta.

Senti meus lábios se curvarem.

— *Ah*, eles não podem começar sem mim. — Ouvi Nicole bufar.

Meus pés pareciam ter colado no concreto da calçada, não conseguia andar mesmo sabendo que precisava, pensei no que *e/e* faria nessa situação, mas meu cérebro parecia tão congelado quanto meus pés. Senti um calor como o próprio sol, e olhei para minha mão que Nicole segurava apertado. Os dedos dela estavam grudentos e quentes.

Eu não devolvi o aperto, mas permiti que me arrastasse através da portaria do prédio.

— Então vamos logo — ela me disse, ainda me olhava como se eu fosse um inseto.

Suspirei assim que atravessamos a porta branca com um vidro bem limpo. O interior cheirava a flores frescas. Meus pés ainda pareciam pesar, mas correspondiam bem ao caminho traçado por ela.

Nicole não fazia a menor ideia para aonde ir, presumi. Soltei a mão dela, e a assisti recolher o braço sem me olhar.

— Obrigado — disse, a palavra estava caindo em desuso. Ela não perguntou o por que, apenas assistiu enquanto eu chamava o elevador com os braços firmemente cruzados.

O elevador chegou com o som de uma campainha e abriu suas portas prateadas lentamente, tinha o carpete vinho e fofo aos meus pés, Nicole entrou em seguida e ficou parada ao meu lado. Apertei o botão 22 e assisti as portas se fecharem. Tudo era tão nostálgico, mas de um jeito ruim e azul. Mas mesmo assim, não me imaginei voltar aqui tão cedo.

A luz piscou uma vez, e o elevador perdeu a potência.

— *Merda* — ouvi ela dizer baixinho, não era coreano. Definitivamente.

Eu me virei para ela que havia se apoiado na parede metálica do elevador.

Em seguida ele voltou a subir. Como sempre fazia, nada aqui nesse prédio poderia parar, mesmo precisando de conserto, e eu era uma dessas coisas.



A sala de reunião estava repleta. Eu tomei a liberdade de roubar o som das vozes deles assim que entrei empurrei as duas portas de aço escovado sem cerimônias. Encontrei vários e vários pares de olhos sobre mim, a luz do dia era linda de ser vista nessa sala que possuía as maiores janelas do prédio eram largas e altas deixando o ambiente extremamente iluminado.

A mesa ovalada era ocupada por umas 6 pessoas. Mas a única que me chamava atenção na mesa, era meu pai. Como sempre olhar para ele me causava um misto de emoções, eu oscilava entre querer ir pra cima dele e entre querer correr que nem um garoto assustado.

Aquele garoto que eu tinha aprendido a esconder.

Seus cabelos estavam jogados para trás e contidos com pomada fosca, o velho estava confiante com a idade hoje, e novamente usava um terno risca giz, provando que só tinha a variação da mesma roupa. Ele apertou as sobrancelhas quando percebeu que eu o olhava. Estava com os óculos na metade do nariz fino, estava com vários papéis erguidos, a um nível pouco abaixo do queixo.

— Além da falta de noção, não entende o conceito mínimo de pontualidade, *moleque*. — Continuei a encarar meu pai, mesmo após dizer isso — E isso aqui não é camarim para visitaçã — acrescentou ao ver Nicole.

Eu senti minha garganta fechar. Mas todos os olhos estavam em mim, suspirei, eram apenas os patetas de sempre, não importava que estavam nesse ou em outro prédio.

— Peço perdão pelo atraso, — menti, e continuei onde estava, minhas pernas agora pareciam gelatinas — e também por ontem.

— Sabe quanto nos custou te acobertar? — olhei para minha assessora de imagem bem-vestida sentada na cadeira estofada na frente do meu pai. — Para quê? Sendo que foi visto...

Um homem bem apresentável grisalho que eu havia visto algumas vezes em estúdios e hoje pela manhã no condomínio, a interrompeu.

— Eu acredito que ele tenha seus motivos. — Seu olhar não estava em mim, estava fixado ao meu lado, em Nicole. — E para nós, não vai importar nesse momento, precisamos correr atrás do tempo que foi perdido. — Ele olhou para meu pai, seus olhos eram gentis, mas seu tom era firme — Não confunda seu papel aqui.

Comecei a rir. A cara do meu pai ficou estática, ele contraiu seus lábios em uma linha fina e novamente seus olhos brilharam com aquele fogo que ele costumava conter em público. Senti Nicole puxar minha manga solta da jaqueta, a que eu não consegui vestir por conta da tala.

— *Pare com isso* — sussurrou, sua voz estava estranha.

Tentei. Mas quando eu voltei a falar as palavras ainda saíram entrecortadas com meu riso.

— Minha saída de ontem foi dada ao fato do meu empresário não respeitar minhas decisões, que a propósito, já achei que estivessem de acordo com a gravadora. — Eu engoli em seco senti uma dor que não tinha relação alguma com meu braço — Portanto, eu retomarei normalmente, com uma pequena mudança de equipe.

Assisti entretido eles se entreolharem, a minha maquiadora trainee estava sentada na mesa, o por que nem eu sabia. Era um pensamento maldoso, mas ela era a mais inútil em uma reunião de

planejamento. Brilhava de tanto suor, para poupá-la um pouco, retomei a fala.

Senti Nicole soltar a manga da minha jaqueta de couro.

— O que propõe ? — me perguntou o homem sentado na ponta da mesa, ele havia parado de olhar para Nicole, agora seu olhar estava todo em mim.

— Desejo a substituição do meu empresário por alguém de minha escolha.

Vi meu pai arriar os óculos.

Eu conseguia ler sua mente apenas olhando para ele. “esse moleque não pode estar brincando com minha cara” alternando os pensamentos para “eu não sei porra nenhuma sobre isso”. Quis rir, mas não queria que a gravadora visse isso como outra brincadeira minha, portanto me esforcei para neutralizar minha expressão.

— E quem seria? — minha assessora perguntou, com a voz contida, e presumo um pouco aliviada por não ser a minha escolhida. Sabia o preço que as ações que envolviam meu nome valiam para a empresa.

Dei um passo para o lado e com o braço bom gesticulei na direção de Nicole, que parecia prestes a me jogar da janela.

— Nicole... — não sabia seu sobrenome, ou não me lembrava? — Ela.  
— Terminei.

Esperei que alguém falasse alguma coisa, ou que Nicole falasse alguma coisa, tudo que fez foi me olhar fixamente com seus enormes olhos âmbar, um cacho estava entrelaçado com a lateral do seu cílios, ela pareceu não notar.

— Só pode estar de brincadeira, *moleque*. — Me virei para meu pai que estava empurrando sua cadeira de couro com rodinhas para trás, evidentemente transtornado — Isso aqui é coisa séria ela é... ela é...

Vi Nicole se encolher parcialmente ao meu lado.

— Garota, você é muda? — meu pai perguntou.

— Tire aquelas férias que tanto queria, pai. Para a puta que pariu. — Todos na sala me olharam mortificados, ninguém falaria assim com seu responsável nesse país, acredito eu. Mas já provamos várias e várias vezes, que nossa relação não era *normal*. Mas nem eu acredito que já tenha tido a chance de verbalizar isso — Começamos a organizar tudo amanhã pela manhã, certo?

— *Ahyu* — ouvi minha maquiadora sussurrar levando as mãos aos lábios, e algumas pessoas repetiram o gesto. Alguns se inclinaram na cadeira, outros fizeram a menção de levantar, mas continuaram em seus lugares.

Senti Nicole segurar minha manga com uma força que me fazia acreditar que ela gostaria de segurar meu pescoço.

— Você perdeu a cabeça? — sussurrou tentando alcançar a base do meu ouvido, senti seu cheiro inundar meu ser, a olhei rapidamente e ela estava vermelha, com chamas no olhar — É o seu pai — murmurou para mim, como se isso devesse significar algo.

Eles ainda estavam travados em seus lugares. Vi o homem da ponta se mexer desconfortavelmente em seu lugar afrouxando um pouco o nó de sua gravata preta. Muitos burburinhos se espalharam pela sala, eu olhei para cada um deles para ver se alguém tentaria me corrigir, eu empinei meu queixo e aguardei.

— Nos vemos amanhã, Taeyang. — Ele acenou com a cabeça.

Sem pensar ou filtrar o que fazia. Grudei no pulso de Nicole e empurrei a porta o mais rápido que conseguia. Meu coração estava na minha boca, assim como ontem. Deveria parecer ridículo aos seus olhos, mas ela não estava olhando pra mim, de novo. Olhava para frente, para o elevador.

Ela estendeu a mão livre e apertou o botão redondo que ficou verde ao toque.

Nicole não falou nada enquanto refazíamos o caminho. Eu não sei se eu conseguiria dizer alguma coisa para irritá-la a esse ponto, então fiquei em silêncio, assisti enquanto ela abria a porta do meu carro e fechava sem ruído algum, fiz o mesmo.

— Sua blusa ficou comigo — ela disse, mas não parecia falar comigo. Encarava fixamente o painel do carro.

— Pode ficar para você, ela é ridícula — disse, e fui sincero.

Nicole não riu.

— Por que me trouxe aqui?

Suspirei e encostei a cabeça no volante para olhá-la.

— Porque não conseguiria fazer isso sozinho.

— Por que *me* trouxe? — repetiu como se eu não a tivesse respondido — Você mal sabe meu nome, então me recuso acreditar que tenha um motivo bom para isso.

Ela ainda encarava o painel sem me olhar, e alisava o tecido do vestido, voltei a me encostar no banco quando senti minha testa começar a doer com a pressão.

— Mesmo não te conhecendo, você foi a primeira a perguntar meu nome em muitos anos.

Me olhou confusa.

— Cresci exposto, Nicole, ninguém nunca perguntou quem eu era, nunca precisei apresentar um documento sequer dentro desse país, e então na noite de ontem você me perguntou isso tão abertamente, que de primeira, achei que estava me sacaneando — fiz uma pausa

quando os olhos dela encontraram os meus — então, eu posso não te conhecer, mas pela primeira vez, eu quero.

A vi inspirar fundo, e também pela primeira vez, ela não me olhou como se eu fosse um inseto, e de alguma forma estranha, isso tinha valido a merda do meu dia.

Ela sorriu.

— Prometo que você irá se arrepender de querer isso —virou o rosto para a janela e não me viu sorrir de volta.

Liguei o carro, já bastava desse prédio por hoje.

— Estou contando com isso.

Acho que meu irmão ficaria orgulhoso de mim, em muito tempo eu não me sentia tão pesado, mesmo com uma tala no meu braço quebrado. Olhei de relance para Nicole que admirava os prédios. Refiz o nosso caminho tomando o cuidado para não tesourar o trânsito, deixei o carro em 60km/h e assisti enquanto ela mexia no rádio do carro como eu tinha feito na noite anterior.

*Viver é tão estranho Hye, mas acho que posso gostar disso.*

## 9 Nicole

O dia anterior tinha sido tão estranho quanto o dia da festa da gravadora. O fator em comum desses eventos tinha esquisitice e nome: Taeyang. Estava encarando meu celular desbloqueado nas minhas mãos com o chat da minha mãe aberto, após ter atualizado tudo o que tinha acontecido nas últimas horas com o bônus da proposta novamente replicado no chat ela me respondeu.

Aqui eram 8h da manhã, ela estava do outro lado do mundo então estava me respondendo às 20h.

**Não se atreva a recusar algo assim. Eu sei que não é legal pensar sobre, mas acho que esse dinheiro vai te ajudar.**

**Claro que deveria ser uma obrigação desse imprestável desde o começo...**

Respondi:

**Definitivamente não é legal.**

Bloqueei o aparelho e o joguei por cima dos ombros em direção aos travesseiros fofos da cama. Encarei as luzes que vinham da rua do condomínio, eram brancas e transbordavam pelo cômodo, levantei para olhar com atenção os pequenos detalhes que de dia geralmente deixaria passar.

Segurei o batente branco da minha janela, que estava aberta. Não havia ninguém caminhando, acredito que por ser quase final de semana, os jovens não estejam ali, e os mais velhos optam por descansar, como meu pai, que a essa hora estava esparramado no sofá comendo uma quantidade absurda de kimchi, eu não gostava de pimenta e muito menos de nabo, preferiria comer grafite. O lugar era tão bonito que me espantava nunca ter tido uma única novela gravada aqui, em todas as ruas existiam árvores baixas e cheias com uma base de concreto em forma de círculo para delimitar o nosso espaço e o delas.

Poderia fazer companhia para o meu pai, mas não gostava de assistir programas relacionados a astros do k-pop e comer pimenta, e agora que eu conhecia um k-Idol, Taeyang, jamais me sujeitaria a dar audiência para a indústria sensacionalista. Não queria tocar no assunto com meu pai, que a todo momento não parava de perguntar sobre ele.

A verdade é: Nunca encontrei alguém que tivesse tudo e nada. O modo como ele agiu hoje mais cedo ainda me era tão estranho, acho que nunca falei assim com minha mãe, e eu sou metade brasileira. Aqui levantar a voz para alguém mais velho é considerado um tabu dos sérios. Ele é um tremendo idiota, e o fato de estar pensando nele encarando a luz de um poste, me torna tão idiota quanto.

Minha mãe estava certa, até metade do seu raciocínio. Deveria ser obrigação do meu pai me ajudar, não pagar totalmente, mas me ajudar com despesas. Depois que eles se divorciaram, e cada um foi para um canto diferente, minha mãe acabou se tornando meu pai também, e o verdadeiro passou a ser meu pseudo-herói. O tipo que quanto mais tempo eu passo junto, mas alguns hábitos me chocam.

Procurei a casa dele no condomínio com o olhar, não era longe. Que tipo de caos ele deveria estar implementando agora? O caminho a pé até lá deveria ser feito com atenção se optado pelo jeito mais rápido, pois as chances de enroscar os sapatos na escada existente construída sobre a grama são altíssimas, ela tem pedras largas e cinzentas na base e nas laterais, é um lindo lugar para se sentar e observar o pôr do sol, mas eu só havia feito isso uma vez na minha vida. E lembro até hoje do papai tentando desenroscar meu pé.

Ouvi uma batida singela na porta.

— Pode entrar — disse, e me virei para encarar quem batia.

— Quero te levar em um lugar hoje — meu pai me disse, sua camisa branca ainda era a mesma da reunião de hoje, mas estava com uma mancha laranja na lateral da barriga.

Concordei com a cabeça em resposta, limpando a mente. O último lugar que ele tinha me levado me colocou nessa fria.

\*\*\*

Definitivamente não era uma festa, o que já significava muita coisa. Meu pai tinha me trazido até a Torre Namsan, eu estava usando uma blusa branca bem grossa e uma máscara preta pois esse era um ponto alto da região, geralmente as máscaras são comuns aqui na Coreia, mas eu gosto de colocar em noites frias para aquecer meu rosto, e também não chamar tanta atenção.

Para chegar ao topo da torre, os visitantes devem pagar uma taxa em uma cabine. Nós subimos através de um teleférico, eu não gostava muito da ideia toda de coisas metálicas que nos continham e elevavam, mas num geral, não era um medo. Esse lugar arrepiava minha alma por completo.

Coloquei minha mão sob o vidro da janela, à minha esquerda estava uma torre fina de transmissão com uma luz vermelha na ponta.

— Eu costumava vir aqui todo ano — disse meu pai, que estava parado ao meu lado encarando as luzes de Seul, a essa altura pareciam pequenas estrelas espelhadas do céu, algumas coisas são mais bonitas vistas de longe, e a cidade grande era uma dessas coisas. De perto não analisamos a beleza como um todo.

— Você não faz mais isso? — perguntei para puxar assunto.

Ele sorriu.

— Não é legal... esse tipo de coisa fazer sozinho. — Ele sorriu encarando as luzes abaixo de nós, algumas vezes papai trocava a ordem das palavras, geralmente os verbos eram suas vítimas, eu me confundia em algumas palavras também — eu vinha aqui com meu *aboji* quando era bem criança.

*Ah.* Meus avós paternos já haviam falecido e o meu pai não gostava de tocar em seus nomes, então eu nunca perguntaria.

— E eu vinha com o meu pai — ele me olhou, o mesmo olhar que tinha lançado na reunião mais cedo. Mesmo em público, meu pai se

esforçava para falar em Português comigo, por mais que algumas pessoas não vissem isso com bons olhos. Os pais que não se comunicam com os filhos em coreano são como pais que não educam bem. Baboseira.

Ele ergueu a mão calmamente e colocou no meu ombro, me puxando para perto.

— Podemos fazer isso mais vezes, se quiser — eu o encarei, nossos olhares se encontraram.

Não sabia dizer se ele um dia havia trazido minha mãe para o ponto mais alto de Seul num encontro, ela tinha pavor de lugares altos, mas aqui parecia um bom lugar para se estar com quem ama. Lembro de algumas vezes em que nós três estivemos aqui comendo tteokbokki que era uma massa com molho picante, papai comprava e eu não era tão crítica com pimenta na época. Olhei mais uma vez para as luzes que brilhavam intensamente, dos prédios altos que daqui pareciam pequenos, minha alma via jogos de cores que poderiam ser retratados mais tarde.

Eu encarei as estrelas que estavam tão intensas quanto as luzes artificiais, talvez pudesse me acostumar com esse céu, um dia.

— Eu vou gostar disso — disse, e fui sincera.

Meu pai tinha cheiro de sálvia, e estar perto dele era reconfortante, era como se eu voltasse a ser criança de certo modo. E ele tinha evoluído de um aperto de mão para um abraço em apenas 4 dias, isso era algo a ser comemorado.

— Você fez um ótimo trabalho mais cedo com Taeyang, — ele disse, e eu foquei nas vastas florestas que balançavam com o vento da noite — havia um tempo que ele não comparecia a nenhuma reunião da gravadora.

— Eu não fiz nada, ele me arrastou até lá. — Meu pai me olhou de soslaio como se não acreditasse.

— Quando eu era mais novo, eu me parecia com ele. — Encarei meu pai.

Não queria associar Taeyang e meu pai num mesmo patamar, isso era esquisito.

— Como assim? — perguntei quase engasgando.

Ele apertou meu ombro de leve.

— Seu avô era um homem severo, queria que eu fosse advogado. — Riu fracamente — Já minha mãe, sempre me apoiou. — Ele fechou os olhos, estavam brilhando um pouco sob a luz. — Disse que eu poderia ser músico se eu quisesse, mas eu nunca tive talento para isso.

— Então, decidiu ascender algumas estrelas?

Ele me olhou, e vi uma lágrima escorrer.

— Não, eu ia fazer Direito quando sua avó infartou. — Então era isso. — Arrumei um trabalho de meio período para a gravadora a qual eu me tornei assistente, mas minha principal função era entregar café e receber bronca. Demorei anos para conquistar confiança e subir, de cargo a cargo. Não foi uma decisão... Simplesmente aconteceu.

Meu pai fez uma longa pausa, achei que ele não falaria mais nada quando acrescentou:

— Eu era um menino perdido, demorei para encontrar o meu lugar, — ele disse — fingir fazer algo que não gosta, só vai atrasar sua vida.

Arfei.

— Então você sabe?

— Que você está mentindo sobre fazer Direito? — riu — Mas é claro que sei, Nick, você nasceu com um pedaço de grafite e uma folha para pintar a sua história.

— Pai... — eu não achei que isso não iria convencê-lo, ele soltou meu ombro com delicadeza.

Depois de um bom tempo, nós dois sentados num banco branco olhávamos para o além quando um funcionário de cabelos grisalhos empurrando um carrinho de limpeza, se aproximou de papai dizendo que estaria fechando as visitas.

— Vamos voltar para casa. — Eu o segui em direção ao bondinho metálico azul de manutenção suspeita.

Nunca achei que teria o apoio do meu pai para seguir minha alma, ele era extremamente gentil, no entanto sempre achei que ele concordaria com minha mãe. Mas parte de mim parecia livre ao saber que mais alguém tinha em mente que eu precisava de cores e papel para entender o que ainda era um mistério.

Olhei para a plataforma mais uma vez antes de entrar no bondinho, tomei um lugar ao lado do meu pai num banco azulado, estava vazio pois estava próximo do horário de fechamento, com um rangido a porta se fechou e retomamos o mesmo caminho de minutos antes.

## 10 Taeyang

— De jeito nenhum — disse para Jina, minha assessora de imagem, ela estava sentada com as pernas cruzadas e usava um terninho violeta. Os cabelos firmemente pretos emaranhados no topo da cabeça, Nicole estava sentada ao seu lado, hoje estava com uma camiseta de Star Wars e uma calça xadrez vermelha e preta, as mãos estavam entrelaçadas sobre as pernas e na lateral do corpo tinha uma bolsa pequena preta.

— Você concordou que sairia com Riza no dia do show de abertura da gravadora — disse Jina comprimindo os lábios.

Eu me empertiguei. Apertei os braços da minha poltrona preta e me levantei rapidamente. Eu preferia me reunir na minha casa, mas quando enviei a mensagem para Nicole com seu contato recém-adquirido convidando-a pra vir para minha casa, ela literalmente digitou:

### **Queime no inferno.**

Não tinha entendido.

Ela parecia pouco à vontade aqui, às vezes via seus olhos vagarem pelos espaços.

— Concordei com tantas coisas somente com a finalidade de discordar.

Ela me olhou novamente como se eu fosse um inseto, as sobrancelhas dela faziam um desenho charmoso quando ela ficava assim.

— Diga alguma coisa para ele — Jina falou olhando para Nicole, que amenizou a expressão.

— Qual seria a finalidade desse encontro? — ela perguntou, eu quis rir. Mas me contive.

Jina quase engasgou.

— Ele mandou a reputação dele para o lodo fugindo da festa da gravadora, e entre alguns incidentes anteriores...

— Não comente com ela isso! — eu a interrompi, ela me olhou com receio.

— E um encontro vai ajudar *nisso* ? — Nicole perguntou gesticulando na minha direção, ela não usava adorno algum — Ele não se ajuda.

*O quê?* Eu pisquei.

— Ei! — Exclamei e ela não me olhou, estava olhando para Jina.

Minha assessora endireitou a postura e olhou de relance na minha direção. O ar - condicionado de casa estava ligado no 17, hoje era um típico dia na Coreia do Sul, onde sair é se expor o suficiente para derreter e no meu caso, precisar de óculos e chapéus e muito fator de proteção.

E fora que em dias assim o portão da minha casa costumava ficar cheio de garotas com presentes ou comida. Não era permitido pela gravadora eu consumir ou usar qualquer um desses presentes pois em alguns casos eles continham veneno ou substâncias químicas. Maluquice. Meu segurança, o qual eu não fazia a menor ideia de como se chamava, era responsável pela coleta e por tirá-las de lá.

— Ele fez um acordo, e a popularidade dele pode subir com a ajuda de Riza, o grupo Sweet Pink está no topo das paradas agora — Jina argumentou. A música delas era mais do mesmo da nossa indústria, um grupo de meninas bonitas cantando algo que nem haviam produzido.

Nicole me olhou, dos pés à cabeça, prendi a respiração.

— Não é melhor tentar fazer ele parecer desejável?

*O quê?*

— Está me dizendo que eu não sou desejável ? — Apertei uma mão na outra e me inclinei na direção da mesa de centro amarela que ficava entre minha poltrona preta e o sofá de dois lugares.

Ela continuou a me olhar por alguns segundos e depois olhou para as próprias unhas.

*O quê?*

— Interessante — disse Jina — você tem um bom palpite, dá para ver o por que ele te escolheu.

Não tinha sido exatamente por isso. Me levantei e fui até a janela vasta de casa, as cortinas brancas estavam fechadas de modo que quem estava fora não conseguia enxergar o ambiente interno de casa, mas eu via com atenção as meninas jogando várias coisas como: ursinhos, flores, alimentos e roupas no gramado.

Ela não me conhecia e eu não a conhecia, e tinha fé que ela seria um alívio para minha alma, até agora tudo planejado. Eu a olhei por cima do ombro, e vi que fazia o mesmo.

— O que você quer? — ouvi ela me perguntar com a voz fraca.

Não tínhamos conversados sozinhos desde a reunião, ela me olhava diferente agora, exceto pelas vezes que eu dizia algo que talvez ela considerasse idiota.

— Está aí outra pergunta rara.

Jina não esperou que eu respondesse, ela se levantou e andou calmamente até mim.

— Riza quebrará o mundo se adiar o encontro de hoje, sabe disso — suspirei, nem lembrava quando tinha sido a última vez em que nos vimos, e não estava a fim de repetir. — Cuidarei para vazar a informação de vocês, portanto haverão alguns paparazzo, e depois podemos trabalhar no que sua agente temporária disse.

Olhei para Nicole, ela me deu um aceno tímido de cabeça.

— Eu preciso cuidar da campanha da sua fragrância agora, ainda não escolheram uma imagem. — Ela me deu um aceno de cabeça e ao passar por Nicole colocou as mãos rapidamente em seus ombros. — Durante a tarde te passarei outras instruções por telefone.

— Obrigada. — Nicole sorriu fracamente para Jina que se retirou da sala com um bater de saltos no carpete de madeira.— É melhor eu ir embora também — disse para mim.

Arfei.

— Não! — ela arqueou uma sobrancelha — Eu preciso de ajuda para escolher minha roupa, e um lugar para levar Riza hoje...

— Eu sou sua babá? — ela empinou o queixo.

— Pode ser o que quiser comigo. — Levantei a abaixei as sobrancelhas em sinal de provocação, vi ela ficar vermelha, mas acredito que tenha sido de fúria.

— Vamos logo então — ela disse ao se levantar e caminhar em direção ao corredor, eu a segui, seus passos eram lentos, e seu olhar vagava pelo corredor.

Eu apressei meus passos para ficar do lado dela, e vi o que ela olhava. O corredor de casa tinha as paredes pintadas de listras pretas e brancas e várias e várias molduras de fotos douradas, elas estavam sem fotos. E seus olhos estavam parados nesse detalhe.

— Onde estão suas fotos? — ela perguntou ainda com os passos desacelerados, o corredor de casa possuía passagem para mais 7 cômodos com portas brancas entre um conjunto de moldura e outro.

Pensei no que responder. Ela não sabia nada sobre mim, mesmo?

— Você não me googlou? — perguntei levemente curioso e passei por ela, abrindo a terceira porta branca à direita, a do meu closet.

— O quê? — ela perguntou me seguindo — Por que eu faria isso?

Suspirei. Porque eu não conseguia verbalizar certas coisas, seria mais confortável pra mim se ela fizesse isso.

— Para me conhecer — disse como se respondesse.

— Eu definitivamente não farei isso — ela respondeu — Se quiser que eu saiba algo, vai me contar, caso o contrário, eu não irei atrás — eu senti minha boca se separar, encarei o vasto cômodo cheio de roupas, não só as minhas. — Ou você pode ser resumido por fofocas sobre você?

Eu arfei, acho que ela era de outro mundo.

— Não, não posso. — Sorri, e novamente contive o impulso esquisito de querer tocar seu cabelo, que ainda possuía aquele cheiro adocicado de chiclete. — E aí? — perguntei gesticulando para o cômodo. — O que vai ser?

Ela se aproximou da sessão da esquerda era a de casacos e segurou entre os dedos uma jaqueta dourada minha, ela me olhou arqueando as sobrancelhas.

— Não me olhe assim, eu não costumo escolher a maioria das minhas peças.

— Ah, mas essa é a sua cara — ela disse e passou as mãos por todas as mangas soltas pelos cabides das minhas jaquetas e casacos.

— É, talvez de fato tenha comprado essa. — Eu dei ombros, tinha comprado mesmo, a minha era dourada, gêmea da azul metálica que era de Hye.

Ela puxou a última de uma longa sessão, era uma jeans clara com alguns spikes, mas essa era de Hye, no entanto ele nunca tinha usado essa peça.

— Gostei dessa. — Ela tirou a peça do cabide de veludo preto e jogou na minha direção, eu apertei a peça automaticamente ao pegá-la no ar, não tinha o cheiro dele como as demais peças, essa tinha cheiro de lavanda por conta dos aromatizadores de ambiente do

closet. — Tudo bem? — ela perguntou, virando totalmente o corpo para me olhar.

— Não sei se consigo usar essa jaqueta — disse examinando a peça.

Ela colocou um cacho do cabelo solto atrás da orelha e voltou a olhar os diversos armários brancos. Caminhar aqui era gostoso graças ao carpete alto avermelhado, também não era ruidoso, e o ambiente era incrivelmente iluminado. A cada divisão de estante havia um espelho que ia do chão até o teto.

— O que quer usar? — ela me perguntou, caminhando na minha direção para pegar a peça das minhas mãos.

— Pode deixar que eu coloco no lugar, — disse ao passar por ela e procurar o cabide vazio que ela havia retirado a peça — chicletinho — acrescentei.

— Pare de me chamar assim — ela disse olhando as demais peças.

— Não — respondi automaticamente, e vi as sobrancelhas dela se redesenharem em seu rosto.

— Por que eu tenho que te ajudar com isso? — ela se encostou em um móvel, como ela tinha feito no elevador, claramente desconfortável — Não deveria ser o papel da Jina?

Eu ponderei, Jina era minha assessora de imagem, mas ela nunca havia dado opinião sobre como eu iria me vestir ou quem teria mais destaque em determinada temporada, era tudo decisão do meu velho, que aliás, eu não tinha notícias desde a reunião, ele devia estar fumegando, e eu estava perdendo isso.

— Porque eu não lembro de fazer isso sozinho — disse, e vi a boca dela se escancarar, ela fechou em seguida.

— Está me dizendo que não sabe se vestir? — ela piscou diversas vezes de forma dramática — E suas roupas da reunião?

— Repliquei as peças de uma sessão de fotos da semana passada.

— Vamos fazer assim, você se troca e eu digo se está okay. — Ela fez um sinal de joia com a mão direita.

Eu sorri.

— Mas preciso de ajuda para colocar minha camiseta. — Apontei para a tala preta no meu braço, nem sentia mais a dor latente de antes, mas estava num ponto que não sentia meu braço.

Ela me olhou esquisito e apertou a bolsa na lateral do seu corpo até os nós de seus dedos ficarem pálidos.

— Tá, seja rápido antes que eu mude de ideia — disse saindo do closet e fechando a porta branca atrás de si, me deixando encarar o batente, eu quis gargalhar, mas tive medo dela entrar e terminar o serviço no meu braço.

Observei as várias e várias roupas, passando os olhos de forma curta pelas peças que estavam ali e eu não conseguia me desapegar e nem usar. Tinha se passado 1 ano, mas o cheiro dele ainda estava naquelas que ele sempre replicava, um aroma fraco de baunilha e em algumas até mesmo de chocolate, em outras não apenas o cheiro, como barras escondidas nos bolsos ou migalhas de pedaços que ele quebrava nas reuniões, escondido. Hye não podia comer doces apesar de amar, nem eu, mas eu nunca fui fã de chocolate.

Pensei e pensei, o que se escolhia para um encontro que não queria ir? Suspirei e caminhei coletando o que parecia ser algo que dissesse “prefiro fraturar meu tornozelo de tanto dançar de novo, do que estar aqui”.



Eu havia deixado Nicole em casa, após ela me ajudar com minha camiseta, eu necessariamente não precisava da ajuda dela para

vestir, mas essa parte foi a mais engraçada do meu dia, vi ela evitar desviar os olhos dos meus, ela definitivamente não era como uma garota coreana, para ela era parcialmente normal me ver sem camisa, no entanto ela não me olhou assim.

— Pare de enrolar — me disse vermelha tentando passar meu braço pela manga da blusa de manga preta da *supreme* que eu havia escolhido, e eu fiz o oposto do que pediu — Você quer morrer? — me perguntou com as bochechas ruborizadas.

Estava rindo até agora, apertei o volante do meu carro com força. Não sabia porque, mas era engraçado e viciante vê-la desse jeito. A deixei em casa, e ela nem se virou para dizer um “tchau” apenas socou a porta do carro e andou depressa para a o saguão de sua casa.

O trânsito estava infernal, como sempre. Aproveitei o fato de estar sozinho, pressionei meu pé com mais afinco e senti meu carro avançar ainda mais, eu precisei cortar por entre os veículos para não passar por cima deles. Estava indo para um restaurante 5 estrelas de comida japonesa para encontrar Riza, Jina havia espalhado em forma de rumor o que estaríamos fazendo hoje, os paparazzis apareceriam de todos os cantos, eu teria que me controlar dessa vez.

A última câmera que eu tinha quebrado ainda estava na minha memória. Não ligava para a idiotice de fingir ser um santo em público, mas minha santidade não durava quando as perguntas envolviam o nome de Hye. Deveria me preparar para algumas delas, já que assim que o álbum lançasse, elas iriam pipocar.

Suspirei, troquei a música do rádio pelos controles do volante, deixei tocar a central de notícias de k-pop, e encarei enquanto escutava o meu nome ser narrado por um radialista que parecia ser um velho com uma voz áspera.

*O empresário Kim Dong-hun foi afastado na manhã de ontem a pedido do próprio filho ao que parece Taeyang voltou a brincar de rei*

*com Master Hit.*

Revirei os olhos, e desliguei o rádio. Acelerei ainda mais. Quanto mais rápido eu chegasse a esse encontro mais rápido ele acabaria.



Estava sentado numa mesa redonda em tom de cinza e preto encostado em uma vasta janela de vidro no *La Table*, era um restaurante grande, mas geralmente ficava vazio por conta do valor pago. O ambiente estava com o ar-condicionado ligado, as luzes não eram brancas o que deixava o lugar mais agradável aos olhos. Brinquei com os talheres dispostos sob meu prato com minha mão boa, remexi no sushi de salmão que estava no prato, sendo suprimido pelo tédio.

Havia uma taça larga de vinho tinto ao lado, eu havia ganhado do chef após posar para uma foto com ele.

— *Oppa!!* — ouvi alguém exclamar, a voz era familiar, portanto, levantei os olhos e encontrei Riza acenando e remexendo várias de suas pulseiras douradas. Prendi o ar, e torci para que aquilo fosse o suficiente para uma morte rápida.

Ela estava com os cabelos rosa pink na altura da cintura e uma saia que parecia de bailarina e por cima uma jaqueta de couro preta com correntes. Riza falou alguma coisa para o homem de terno que cuidava das reservas do restaurante. Havia mais 6 mesas ocupadas no ambiente, e não queria chamar tanta atenção assim.

— *Oppa*, o que aconteceu com você!? — perguntou apontando uma unha alongada para a tala preta no meu braço, e me cumprimentou puxando uma cadeira para si mesma — Você não me esperou para pedir — observou fazendo um muxoxo.

— Não, — respondi o óbvio, e lhe estendi o cardápio de couro marrom e bege — veja o que quer e eu chamo o atendente. — Como

poderia dizer para alguém que me conhecia há um bom tempo que eu tinha sido atropelado por uma menina linda? — Fugi do show da gravadora e me machuquei.

Riza era diferente antes, quando éramos *trainees* ficávamos tempo demais juntos, ela passava mais tempo com Hye, é claro, exceto quando ele precisava de fato. Os seus cabelos eram curtos e pretos, e seu rosto não era tão em “v” quanto agora, era uma menina gentil à sua maneira.

— Que falta de atenção, *oppa*. — Mastiguei meu sushi que não estava tão apetitoso quanto antes. Encarei os prédios ao lado da janela que era uma vista relativamente interessante. Esse restaurante ficava no décimo andar, era um lugar silencioso.

Eu tentei sorrir, mas deveria parecer um maníaco a essa altura. Mas era importante parecer que essa merda estava sendo divertida. Eu odiava ser chamado de *oppa* por Riza, era estranho saindo de seu lábios, pois era assim que ela chamava meu irmão, mas não parecia algo forçado na época, parecia sincero apesar das circunstâncias.

Ela colocou a mão sobre a mesa para alcançar minha taça, a segurei na metade do caminho. Vi alguns flashes pela visão periférica, fingi estar rindo de uma piada que ela havia contado. Riza me olhou surpresa, não se foi pela risada ou pelo toque.

— O que foi, *oppa*? — inclinou o rosto um pouco para esquerda, sua pele era fosca.

— Você está bonita hoje. — Vi Riza sorrir de volta.

Não era mentira, Riza era uma mulher muito bonita, mas o tipo de beleza que parece rápido. O que não me encanta para além de uma noite. Sei que esse tipo de pensamento nem deveria me ocorrer a essa altura, mas de certo modo era nostálgico estar perto dela, mesmo sendo irritante.

— *Oppa!* Assim eu fico sem jeito, — não era verdade, ela sorria, mas estava tão robotizada quanto eu. Jamais seria o Hye para Riza, mas ainda era o mais próximo da memória dele que ela poderia ter em uma noite — *pare* .

Ela mordeu o lábio inferior, eu fingi não ver.

— Vou querer isso. — Apontou para o lagostim no cardápio, levantei a mão para o garçom que estava no canto do salão e observei enquanto ele caminhava em direção a nossa mesa.

Repliquei o pedido quando ele se aproximou, parecia um pouco sem graça, após terminar de anotar o segundo pedido se virou para Riza, um pouco corado. Como a maioria dos homens ficavam perto dela.

— A senhorita tiraria uma foto comigo ? — ele se inclinou um pouco

Riza o encarou por cima dos cílios alongados.

— Mas é claro que não, estou num encontro agora, apresse-se com meu pedido, por favor.

*A encarei. Como a reputação dela estava melhor que a minha?*

— Riza... — soltei sua mão, e peguei minha taça em defesa do bom vinho, e a segurei perto dos lábios, não estava a fim de compartilhar minha bebida com ela, se quisesse beber, pedisse. E reformulei qualquer coisa que poderia dizer, não poderia dar um sermão nela, já tinha gasto minha moral — Eu...Eu tenho estado bem na maioria dos dias, é claro, mas continua sendo difícil — respondi à pergunta que ela havia feito há um tempo — e você?

— Estou... ótima, — hesitou para responder, e Riza não hesitava — viu meu ensaio dessa semana, *oppa* ? — peguei mais um sushi no meu prato, soltando a taça, essa tala estava me irritando . Tinha visto o ensaio, era *sexy* e era esse o tipo de imagem que a gravadora tentava vender de Riza, como alguém desejável e em algumas horas

passavam a ideia de que ela poderia ser alcançada com facilidade, sei como isso funciona.

— Não — menti como um tolo — você pode me mostrar outra hora.

Riza me olhou intensamente. Vi mais algumas luzes se acenderem, tomei a liberdade de olhar para os paparazzis que estavam na entrada perto das reservas e fiz a cara mais patética e fingida de quem não sabia que eles estavam ali.

— Posso te mostrar hoje, *oppa*. — Encarei Riza, definitivamente eu não estava pensando com inteligência. Esse era um jogo perigoso e sem sentido que nós fizemos algumas vezes.

Meneei a cabeça em concordância, e vi ela sorrir novamente. Suspirei e tomei o resto do vinho. Talvez isso tornasse o encontro mais divertido. Devolvi a taça até a mesa, agora vazia e assisti enquanto o garçom trazia a comida de Riza. Eu nunca insultei quem cuida da minha comida enquanto eu não vejo, não sei se foi a coisa mais inteligente que ela fez hoje.

Ele colocou o prato e se retirou em silêncio. Assisti ela comer cuidadosamente para não borrar o *gloss* avermelhado, enquanto eu me arrependia precocemente das decisões que tomaria. A parte cativante de viver, era se emaranhar nos seus erros mais do que se libertar pelas decisões certas. Estava cumprindo o que a gravadora havia pedido, um encontro conjunto de Idols da temporada, mas o resto tinha sido escolha minha.

Não ligo para minha reputação, mas eu ligo para minha música, e acho que não posso ter um sem outro.

Suspirei e olhei para a janela a fim de captar os últimos raios do sol, ele era uma estrela sem valor para muitos, mas gostava de ter seu brilho sobre mim, minha mãe tinha dito que era dele que meu nome tinha vindo, ela queria que eu brilhasse, mas sempre pensava coisas inversas.

Um dia me tornaria também uma estrela sem valor?



Olhei para Riza do outro lado da cama, ela estava enrolada nos lençóis brancos e também me olhava. Seus cabelos estavam emaranhados e sua maquiagem tinha borrado. As luzes do quarto tinham sido apagadas assim que entramos, mas a lua brilhava intensamente através da janela.

— Está sem sono? — ela me perguntou.

Estava sempre sem sono. Mas estava começando a relaxar ao seu lado por conta do cansaço físico. Eu tinha tirado o suporte da tala que ficava atrás do meu pescoço, mas isso tinha sido desconfortável não apenas pelo duplo esforço físico que eu tinha feito, mas pelo remorso emocional.

— Estou cansado, mas não com sono. — Eu puxei o lençol para cobrir meu corpo e coloquei uma mão atrás da cabeça — eu quase nunca consigo dormir.

— Eu sei, — ela respondeu — também não durmo, não de forma natural pelo menos.

Eu a encarei.

— Estou tomando duas medicações ultimamente, uma para dormir e outra para controlar minha ansiedade toda vez que vejo um flash contra meu rosto. Nunca vou esquecer *aquela* noite.

Riza foi a primeira da empresa a aparecer *naquela* noite. Ela gritou quando percebeu que não tinha sido eu. Corri na sua direção, o que tornou tudo ainda mais interessante para a mídia, poderiam criar teorias, um novo casal, ou qualquer porcaria que eles quisessem inventar, e foi o que fizeram.

— E isso te ajuda? — quis saber.

— Perdi meu namorado naquela noite...

— Se importava tanto assim com ele? Eram escolhidos pela empresa.

Ela se sentou e puxou o lençol com ela. Riza abriu a boca e a fechou duas vezes antes de falar.

— Você está sendo um idiota, Taeyang *oppa* .

— Não me chame assim, e responda.

— Eu o amava.

— Bobagem...

— Eu o amava! — ela gritou — E você acha mesmo que pode me julgar? Está tão doente quanto eu.

Engasguei.

— Acha que não sei o que faz todos os dias que não está trancafiado nessa casa? Eu sei cada passo que você dá nessa cidade, porque eles são os mesmos que os meus.

— Você só ficava com ele quando era favorável...

— Seu irmão era gentil, mas ele não permitiu ser amado.

— Ele moveria o mundo por...

— Hye *oppa* estava tão doente quanto qualquer um de nós — ela me interrompeu.

Era demais para mim. Apertei o lençol e encarei Riza, não conseguia falar pela primeira vez em um tempo.

— Você não percebeu, eu também não, *oppa*. — Ela mordeu o lábio, mas dessa vez não era em um tom provocativo, Riza estava tentando manter a tonalidade da voz.

O quarto estava sendo iluminado pela luz da lua vinda da enorme janela, mas pude ver os olhos dela brilharem.

— Usamos um ao outro como uma droga para negar o que não tem como fugir, o nosso passado não vai voltar, e você só parece o meu Hye por fora.

Me sentei e encostei na cabeceira da cama, minha cabeça estava girando.

— Deveríamos parar com isso, eu acho que essa deveria ser a última vez...

— Ele sempre foi o melhor, por dentro e fora, — Encarei Riza, essa noite estava toda errada, e eu sabia o que ela queria dizer. Ninguém deveria se sentir um lixo depois de dormir com uma menina bonita.

— Não é bem assim, — ela se permitiu sorrir, seu rímel estava escorrido pela sua bochecha — você é bom, mas não pra mim, e às vezes não para si mesmo.

— O que quer dizer?

— Que você precisa ficar bem, se não for por você, pelo Hye.

Vi Riza levantar da cama, soltou o lençol e o puxei para mim. Ela estava procurando as peças de roupas espalhadas pelo chão, eu encarei minha mão que estava avermelhada.

— Eu não sei mais como ficar bem.

— Não é algo que sabemos "como", nós só ficamos.

Estava vestida, o cabelo ainda estava bagunçado e a maquiagem desalinhada.

— Isso não ajuda muito.

Ela riu.

— É, não mesmo, mas receio que vai ser algo que você vai ter que descobrir sozinho, o seu motivo de levantar da cama.

Riza era bem grandinha, eu sabia que não precisaria explicar como me sentia naquele momento, pois acredito que ela se sentia igual, se virou para a porta branca do quarto e no meio caminho ela parou.

— Qual o seu motivo? — perguntei, estava sendo invasivo, eu sabia.

— Eu ainda estou descobrindo. — Ela trocou o peso de perna — Posso passar no seu closet antes de ir embora?

Não precisei perguntar o que exatamente ela queria lá.

— Claro, — respondi voltando a me deitar — você pode pegar uma peça se quiser.

Tinha sido um idiota com ela que tinha sido meu passado, e de certo modo, era onde ela deveria ficar no que se tratava das minhas emoções.

— Obrigada, Taeyang.

## 11 Nicole

Taeyang me deixou em casa, mas não queria ficar lá, entrei e comuniquei meu pai que iria sair novamente, ele tinha me perguntado se eu queria companhia, vi que foi por educação pois estava atolado em papéis relacionados aos Idols, e eu queria ficar sozinha de qualquer forma.

Coloquei meu *sketchbook* na bolsa e um conjunto de lápis, e retornei para a Torre de Namsan.

Estava me sentindo um pouco estranha hoje.

Com meu falso emprego e a familiaridade que eu estava tendo com a Coreia, aquela que eu só tinha na minha infância, não estava preparada para me "acostumar" a ficar aqui, era tudo temporário. *É tudo temporário*. Repeti para conter minha idiotice.

Me sentei na 4ª plataforma e assisti os bondes azulados um pouco gastos subirem e descerem, esse horário era relativamente mais movimentado do que o horário que meu pai me trouxe no dia anterior. Era melhor para desenhar. Observei algumas pessoas desembarcarem do bonde recém-chegado, um casal idoso desceu primeiro, estavam de mãos dadas e o senhor era ligeiramente mais baixo que sua mulher, eles sorriam muito.

Eles tinham lenços parecidos entrelaçados no pescoço em tom de vermelho, e os cabelos como algodão, exceto por alguns fios dos dela que puxavam para um marrom fraco nas pontas. Isso era extremamente fofo, mas me dava uma pontada desgostosa, eu queria que meu pai e minha mãe fosse esse casal no futuro. Mas a probabilidade de isso acontecer, era a mesma de Taeyang se portar como alguém admirável. Quase quebrei o grafite no papel, só de pensar no que eu tinha passado mais cedo.

Seguido do casal, desceu um menino alto segurando uma câmera enorme na frente da blusa branca, ele era bonito.

Gravei suas feições o mais rápido que consegui sem parecer estranho, tinha um rosto bem desenhado, e uma pintinha no topo da maçã do rosto, os olhos dele tinham um formato bem mais estreitos com ângulos mais nítidos e eram como os olhos de muitos modelos, era atrativo de um jeito diferente.

Nossos olhares se encontraram e desviei o olhar o mais rápido que consegui.

E comecei a desenhar meu modelo misterioso, ouvir o som do grafite arranhando o papel era satisfatório. Eu gostava de começar meus desenhos sempre pelos olhos, eram a parte mais expressiva da feição de alguém, e acredito que o termo “espelho da alma” de fato se encaixe, então eu comecei a traçar as linhas estreitas angulosas do olhar dele.

— Com licença, senhorita — ouvi alguém dizer. Olhei na direção da voz.

Vi o rapaz alto parado a mais ou menos meio metro de distância, ele estampava um sorriso tímido nos lábios levemente rachados. Eu cobri o desenho com as mãos e braços.

— Oi — respondi atordoada, alguns cachos cobriram meus olhos.

Ele tinha os cabelos levemente mais curtos com alguns fios na altura das sobrancelhas e elas eram grossas e desenhadas.

— A senhorita estava me desenhando? — ele perguntou.

Eu quis morrer.

— *Hã* — eu esqueci como falar. — *Não* — respondi, e em seguida percebi que não tinha falado em coreano. — Não — repeti, agora falando de um jeito que ele entendesse.

— Interessante — ele disse se abaixando e apoiando as mãos nos joelhos da calça jeans preta. — Me chamo Park Jun-ho.

O quê?

— Me chamo Nicole Dias — disse ainda segurando os papéis entre os dedos.

— Posso falar informalmente com a senhorita? — ele perguntou, extremamente educado, geralmente não era uma pergunta usual, quando tínhamos uma idade evidentemente próxima, era raro alguém fazer essa pergunta, geralmente já se comunicavam assim, apesar de ser grosseiro.

— É claro — respondi, e observei ele se dirigir para sentar ao meu lado, logo, meu toque pegajoso mancharia a folha do meu caderno, tomei o cuidado de deixar o toque leve para não arrastar o grafite.

Ele começou a mexer na câmera dele, parecia cara e pesada. Percebendo meu olhar, ele levantou o equipamento e eu escutei um *click* antes do clarão do flash explodir na minha cara.

Pisquei.

— Pronto — ele anunciou afastando o equipamento da altura dos nossos rostos, a câmera estava presa em seu pescoço por uma faixa cinzenta e grossa.

— Ei! — exclamei, *que inconveniente* .

Ele sorriu.

— Agora ficou mais justo, não acha?

Não acho.

— Apague — pedi.

— Depois que deixar eu ver o desenho eu pensarei — ele disse apertando um botão da sua câmera preta.

Olhei para a folha grossa coberta pelos meus dedos, e em seguida para os olhos da fonte do desenho, Jun-ho. Não estava preparada para ouvir uma crítica ou uma reprovação de algo que não terminei. Mas olhei para a câmera e suas mãos longas e mudei de ideia na hora.

— Jun-ho prepare-se pois terá 3 segundos para olhar.

Sorriu novamente, e vi ainda mais atentamente os cortes em seus lábios.

— Okay — ele disse a palavra de modo cortado.

Tirei a mão da folha e comecei a contar em voz alta, ele continuou a sorrir.

— É, tem razão, não sou eu, esses olhos são bonitos demais para serem esses aqui — ele disse apontando para os próprios, que gracinha.

Não quis mais cobrir o desenho.

— Agora apague a foto.

— De jeito nenhum — ele respondeu.

Tratante.

— Você disse que iria! — repliquei encarando o aparelho.

— *Correção*, — me olhou no exato momento em que o vento soprou seu cabelo dividido no meio — disse que pensaria.

Droga. Considerei tomar sua câmera e apagar, mas fiquei com medo de derrubar o equipamento no chão, e sabia que aquelas lentes eram mais caras que meu consumo anual de materiais.

— Tratante — disse, e percebi o quão infantil deveria soar.

— Jamais apagaria uma foto de uma modelo tão bonita quanto você — disse e voltou a levar o equipamento na altura do rosto, como se tivesse dito algo trivial. Ele estava apontando para as outras pessoas, e percebi quando ele registrou o casal de idosos mais cedo — adorável — eu o ouvi murmurar para a foto.

— Isso não é um pouco invasivo? — perguntei.

— Tanto quanto um desenho — ele respondeu ainda procurando por rostos.

Pisquei.

— Não é invasivo desenhar...

— Exatamente.

???

— O que quer dizer? — perguntei e fechei meu *sketchbook* silenciosamente e alisei a capa preta sobre meu colo.

Ele abaixou a câmera e olhou pra mim.

— Ora, não se irrite comigo — ele disse, eu não estava irritada — É para meu acervo pessoal sobre a vida, uso lentes para capturar momentos bonitos — ele fez uma pausa — ou pessoas.

Eu não respondi, senti meu rosto queimar de um jeito diferente.

— Está vendo aqueles dois — ele disse, e me mostrou a captura do casal de idosos que eu tinha admirado minutos antes — é uma história de dificuldade e amizade, o segundo sobressaiu o primeiro, como dá para ver — ele deu um zoom em seus rostos, o senhor levemente mais baixo apontava para uma Seul distante de nós e a mulher segurava sua mão livre.

— É lindo — eu disse, e fui sincera. Os desenharia mais tarde, não sei se conseguiria fazer isso sendo observada.

Senti meu celular vibrar na minha bolsa, eu abri o zíper prateado e largo e o procurei entre meus materiais, atendi a chamada pelo Line sem hesitar, o contato não estava salvo.

— *Chicletinho* — ouvi aquela voz aveludada e inconveniente do outro lado da linha — *Preciso de você aqui* .

Eu suspirei, não era convencional, mas sabia que se eu assumisse mesmo que temporariamente o lugar do empresário dele eu tinha que estar à disposição dos seus caprichos descabidos e falta de noção.

— O que foi? — perguntei, vi Jun-ho me olhar.

— *Me diz onde está e vou mandar um carro* — ele respondeu ignorando minha pergunta.

— Torre de Namsan — suspirei.

— *Okay. Em 5 minutos estará aí.* — Com isso ele desligou.

Eu me levantei e senti meu pulso ser segurado, por mãos mornas, assim que olhei para Jun-ho, ele me soltou.

— Desculpe — ele acrescentou em seguida. — Eu posso ter o seu contato?

Puxei a mão do ar e a mantive nas alças da bolsa. Ponderei. Eu não o conhecia, mas ele não parecia ser um maníaco ou coisa do tipo, mas minhas interações com garotos eram um tanto limitadas, e eu sabia que tinha sido péssima.

— Tudo bem — respondi, e lhe passei meu contato — mas meu chip não é daqui, então não dá para fazer ligações sem internet...

— De onde ele é? — ele perguntou me interrompendo.

— Brasil — respondi, e observei ele sorrir.

— Foi um prazer te encontrar, Nicole — ele disse meu nome um pouco entrecortado após pegar meu número — falei certo?

Eu ri.

— Bom, foi bem perto. — Ele se levantou.

— Te pagarei uma refeição em troca da foto.

Esses hábitos que eles tinham de tudo ser uma dívida ou uma declaração era estranho para mim, mesmo sendo meio coreana, eu não costumava vivenciar isso com frequência, definitivamente não temos esse hábito no Brasil. Agradecemos e ponto.

— Certo, obrigada. — Eu me virei para pegar o bonde que havia acabado de subir e desembarcar um grupo de turistas, logo desceria para o estacionamento. — E cuide-se — acrescentei já de costas, andando em direção a caixa azul enferrujada sustentada por cabos grossos.

Me afastei rapidamente de onde tinha conhecido o garoto charmoso com uma câmera fotográfica, acabei rindo sozinha ao retomar meu caminho, essa tinha sido a primeira vez que um garoto tinha pedido meu número, a sensação era estranha.

E falando em sensação estranha, eu não tinha passado meu número para Taeyang, apenas Jina o tinha, nós duas fazíamos troca de informações constantes, não achei que trabalharia para um astro de k-pop nas minhas férias, mas valeria a pena, eu poderia cursar minha faculdade de desenho em paz.

Eu acho que valeria.

Tinha que valer.

## 12 Taeyang

— Só escolhe uma cor logo — disse empurrando o catálogo de cores de tinta com fios sintéticos na direção de Nicole que estava sentada ao meu lado direito na mesa ovalada da sala de reunião, a mesa era

de vidro extremamente limpa e as luzes artificiais da sala estavam acesas iluminando cada poro de todos.

— Não é assim que funciona, Taeyang — disse Jina sentada ao meu lado esquerdo, ela estava com uma prancheta anotando alguns detalhes e com o smartphone ao seu alcance na mesa, seu cabelo preto estava preso firmemente e ela usava um terno azul, seus olhos proeminentes estavam marcados por olheiras.

Nicole estava anotando alguma coisa em uma folha sulfite. Essa droga de reunião sempre acontecia antes do álbum ser oficialmente lançado, no meu caso, ele já estava pronto. Continha 10 faixas. Mas eu tinha total liberdade de adicionar mais faixas, já que as presentes não tinham sido compostas por mim, eram letras de Hye.

Essas chatices eram resumidas em escolher como eu me pareceria em relação as músicas apresentadas, e quais delas deveriam virar MVs.

— Acredito que deveria ser uma cor neon, chamativa e nova — disse um homem de olhos estreitos e cabelo bem rente a cabeça, parecia ter uma idade próxima a minha. Não me lembrava da maioria dos nomes e rostos dos funcionários da gravadora, apesar disso, seu rosto alongado parecia familiar. Mas um “você” sempre bastou para saberem que o assunto é com eles.

Que sugestão ridícula.

Nicole escreveu alguma coisa no papel, mas não era em hangul, me empertiguei. Que língua era aquela? Arrumei minha postura na cadeira e apertei os olhos para o papel, ela não notou meu olhar.

Éramos apenas eu, Nicole, Jina e o homem que eu não fazia ideia do nome, e honestamente, estava bem com a situação.

— Neon fugiria do conceito das músicas... — disse Jina para o homem que estava ao seu lado sem seu blazer da roupa social,

apenas a camisa — apelaria para a ideia de verão ou festas.

O ar condicionado estava tão forte que estava começando arrepiar os pelos finos do meu braço, passei a mão pelo antebraço. Não tinha muita coisa festiva no meu álbum.

— Eu gosto de azul — disse Nicole.

suspirei enquanto observava ela alisar os fios sintéticos de cabelo dispostos no catálogo branco.

— Por quê? — perguntou Jina

— É minha cor favorita dentro das minhas paletas de desenho, — então ela desenhava. Eu me inclinei e apoiei os cotovelos na mesa, isso atraiu seu olhar. — Passa a ideia de segurança, e em alguns casos, alegria. — Ela me olhou nos olhos a sensação era estranha. — Eu não entendo sobre conceitos de álbuns, mas não consigo pensar em outra cor para Taeyang que não seja azul.

Toquei meu cabelo. Azul também poderia representar tristeza em alguns contextos. Era assim que eu me sentia em boa parte do tempo, triste, azul. Em alguns momentos eu era extremamente feliz com minha vida, azul de novo.

É perfeito.

— Azul é legal — disse, e todos me olharam.

— Da última vez o pigmento azul te causou alergia... — Jina começou.

— Se me permite — disse Nicole com a voz um tanto contida — existem alguns produtos veganos, eles não provocam isso.

Vi Jina menear a cabeça, e lançar para Nicole o olhar que ela há muito não lançava ao meu pai: aprovação. Claro, as decisões dela

ainda estavam abaixo das do velho, mas eram ouvidas por todos, ela tinha mais tempo dentro da gravadora.

— Chae-won, por favor encontre algum produto assim aqui e marque um salão para Taeyang ainda hoje.

Eu dei uma piscadela para Nicole, que grunhiu em resposta.

— Chamarei um carro para levar o senhor Taeyang e a senhorita Dias até o salão. — disse Chae-won, então era esse seu nome, pegando o seu telefone enorme e discando o número, muito provavelmente do meu motorista de eventos, o mesmo que deveria ter trazido Nicole até a reunião.



Durante o caminho nós não conversamos. Nicole estava encarando a tela do telefone, uma mensagem havia apitado. Então peguei o meu e comecei a ver meu feed de fotos, o que não era tão comum, pois não estava autorizado a mexer no meu perfil sem supervisão da gravadora. Enquadrei os rasgos da minha calça jeans clara com o sapato branco na tela e cliquei, tirando foto das minhas pernas e pegando um pouco do meu sapato.

Coloquei no *story* escrito: Dia de beleza. Não porque era relevante, mas gostaria de balançar a Master Hit.

Vi Nicole me olhar enquanto fazia isso, ela parecia prestes a pular do carro em movimento, mas não falou nada. Pensei no que dizer para ela, mas simplesmente não consegui. Achei que Nicole atenderia a ligação entretida por eu ter roubado seu número com Jina, mas parecia ter ficado brava mais cedo. Puxei um fio da minha calça durante o caminho, deixando mais da minha pele exposta, a minha era pálida e sem cor, já a dela era perfeita. De um jeito que eu não via sempre, parecia conter o próprio sol.

Ela não me olhou de volta, enquanto sabia claramente que a encarava. Guardou o celular na bolsa preta, onde eu percebi que estava cheia de lápis de cor e um livro de capa preta. Quando chegamos no salão, o que levou mais ou menos uns 15 minutos saindo do prédio da gravadora, eu coloquei meus óculos escuros e puxei o capuz da blusa para minha cabeça.

Quando o carro parou, eu ia dizer para Nicole fazer o mesmo, mas ela já tinha saído do carro e fechado a porta na minha cara. Pisquei. Ignorei o gesto e abri a porta por conta própria, meu motorista fez nossa escolta até o salão. Prendi a respiração quando algumas meninas passaram perto de nós, elas estavam embaladas em uma conversa paralela e para minha surpresa não me notaram.

*Ufa.*

Nicole já tinha passado as portas de vidro espelhadas do salão, inacreditável a velocidade que ela abria de mim em um piscar. Suspirei e fui atrás dela.



O salão estava vazio, Jina deveria ter alugado o dia para fazer o meu cabelo de modo exclusivo, o que era parcialmente reconfortante. Eu estava sentado em uma poltrona quadrada preta com base dourada, o salão era grande, mas o espaço parecia ainda maior pela sequência de espelhos e luzes, a cada camarim havia uma cadeira igual a minha.

A profissional responsável pelas demais que havia se apresentado como Min-ji havia colocado uma cadeira preta perto de mim para que Nicole sentasse, ao meu pedido. Ela me olhou fulminantemente. Uma equipe se posicionou para me atender, duas cabeleireiras começaram a aplicar o produto descolorante no meu cabelo, ele ardia meu nariz de um jeito insuportável e eu controlava o reflexo para não chorar com o ardor.

Quando uma manicure se posicionou na frente do meu corpo e me estendeu as mãos eu lhe disse:

— Aquela moça ali também. — Ela sorriu ruborescida, e sinalizou para sua colega que estava sentada um pouco constrangida na recepção do salão. Ela olhou em pânico, mas foi pegar seu material que se resumia a uma pequena cadeira preta com rodinhas, assim como a de sua colega. Elas eram jovens, todas elas, tirando a profissional responsável que parecia uma senhora de meia idade, mas muito extravagante com os cabelos platinados e uma maquiagem forte.

— Definitivamente: Não. — Ouvi Nicole dizer ao meu lado na cadeira, ela estava com aquele caderno preto sobre o colo, ainda usava as roupas de mais cedo, mas parecia diferente de algum jeito.

— Ignorem ela — comentei, e elas fizeram isso.

Vi as mãos de Nicole serem puxadas pela profissional que tinha um lenço estampado na cabeça escondendo os fios, e também uma maquiagem extravagante, seus olhos eram bem estreitos e pareciam ávidos, de ora em ora via que ela me olhava.

Não era de se espantar, eu estava parecendo um palhaço.

Me olhei no espelho, um dos raros momentos em que eu era obrigado a fazer isso, e olhei fileiras e fileiras de papel laminado sobre minha cabeça . Tudo isso era detestável, com exceção da minha chicletinho que acabava tornando a experiência menos horrível. Eu realmente só queria poder cantar, pegar o violão de Hye. Não. Meu violão, e subir em um palco com poucas luzes, e cantar sobre experiências de um jeito simplificado, não carregado de pirotecnia, efeitos e fumaça.

Acho que Nicole estava certa, azul era a minha cor. Olhei para ela de canto e percebi que ela estava dormindo enquanto pintavam suas unhas, ela estava encolhida de lado na poltrona parecendo uma

criança e somente seus pés escapavam da cadeira. Eu ri, mas não sei exatamente o motivo. Alcancei meu celular no bolso traseiro e bati uma foto dela. Escutei risinhos das profissionais, mas as ignorei.

Não era uma captura como material de chantagem, era algo para ser só meu. Duvido que ela sequer hesitaria em quebrar o celular na minha cabeça se soubesse. Eu não a culpava por dormir, eu mesmo estava ficando cansado, a noite anterior ainda martelava na minha cabeça.

Meu cabelo é bem escuro, e, portanto, estou acostumado a levar horas e horas para que ele chegue no tom de branco. O meu couro cabeludo ardia infernalmente, e já era a terceira aplicação. Quando o azul finalmente foi colocado na minha cabeça, Nicole já tinha mudado a posição na cadeira no mínimo quatro vezes, e não tinha reclamado em nenhuma delas. Suas unhas estavam pintadas de azul caneta, ela havia dormido na escolha de esmaltes, então eu escolhi. Combinava com meu cabelo atual.

Eu toquei os fios que pareciam o céu em um dia bonito, o tonalizante que Nicole havia indicado tinha cheiro de *tutti-frutti*. Antes de ser liberado, as profissionais quiseram tirar uma foto em conjunto comigo, fiquei no centro da equipe. Após passar o cartão corporativo da gravadora, que eu tinha acesso para todos meus gastos estéticos, caminhei tranquilamente até a cadeira em que Nicole ainda dormia.

Eu cheguei com os lábios perto de sua orelha, e senti alguns fios fazerem cócegas na minha pele.

— Chicletinho, — eu sussurrei, e a vi estremecer com o susto — hora de ir.

Ela abriu os olhos instantaneamente e eu me afastei o mais rápido que consegui de seu alcance.

— Não se aproxime assim de mim! — Ouvi ela dizer, então novamente eu ri, pois sabia que era algo que eu ignoraria

inconscientemente.

— Está bem — eu menti me afastando com as mãos na cabeça.

Ela levantou com os olhos fixos em mim.



Esperamos juntos na porta do salão, estava um vento gelado. Ainda não tinha me acostumado com as mudanças drásticas de clima, onde geralmente eu tinha duas estações em um mesmo dia, o tempo ia migrar logo para ventos fortes constantes, eu particularmente gostava de momentos assim, porque tinha certeza de que não seria o momento de viajar, portanto meus shows seriam reduzidos à Coreia.

Mas minha maior base estava na América. Por isso ainda me assustava Nicole não saber nada sobre mim. Mas de certo modo, era uma sensação diferente, era como se eu fosse um cara normal de 22 anos. Uma coisa que eu sempre quis me aconteceu em um acidente.

Literalmente.

— Está frio — ela anunciou, ainda estava evitando me olhar — não esperava que o tempo mudasse assim.

Estava só com a camiseta que ela tinha escolhido ontem, se eu tivesse de jaqueta...cheguei mais perto, de modo que nossos corpos ficassem alinhados, meu braço ruim que estava quase recuperado encostando no corpo dela. Eu tinha tido sorte, o médico disse. Foi uma lesão de impacto. Se eu tivesse quebrado, tenho certeza que o CEO da gravadora viria em pessoa para me bater, com o mesmo discurso de sempre:

— *Seu corpo não é só seu.*

Que seja.

— O que está fazendo? — ela perguntou se afastando.

— Calor corporal — disse em resposta — Também estou com frio.

— Você tem que ser sempre assim? — ela perguntou me olhando.

Não sabia do que ela estava falando.

— Eu também estou com frio — repeti — você poderia me abraçar, se quisesse...

— Só que eu não quero — ela rebateu, mal esperando eu terminar.

Bufei. Ela estava com frio, eu também. Era uma decisão tomada por lógica, eu acho. Parei de falar, e fiz "shh" para a Nicole que me olhava com chamas no olhar, um grupo de jovens caminhavam na nossa direção em passos acelerados.

Onde estava aquele idiota? Disse que estaria aqui em 5 minutos. Odiava depender do carro da empresa para me locomover, eram lerdos e prudentes demais no trânsito.

— Ta...Taeyang — disse uma delas apontando pra mim, ela tinha os cabelos pretos cortados rentes ao queixo. Eu as enxergava através da luz da rua, que não era potente, mas percebi que eram três, estavam com roupas do colégio, não deveriam estar vestidas assim, a essa hora da noite.

Nicole piscou. Eu me coloquei na frente dela por extinto. Estava acostumado com esse tipo de coisa, mesmo não lançando nada em um período de 12 meses, eu continuava sendo noticiado em canais patéticos.

— Boa noite, meninas — eu disse estampando meu melhor sorriso.

Ouvi elas gritarem. Olhei para trás para ter certeza que Nicole não tinha se afastado outra vez, mas ela estava parada.

— Procuramos você em todos os salões da região — uma delas disse, era a mais baixa do grupo, e a gravata de borboleta xadrez do seu uniforme estava pendurada no ombro.

Que não sejam *Sasaengs* . Que não sejam *Sasaengs* .

Eu forcei uma risada, que presumiria ter saído como um dinossauro sendo estrangulado.

— Deveriam estar em casa, meninas, não quero que se machuquem — disse.

Elas gritaram novamente. Pareciam uma espécie adestrada de hienas.

— Podemos tirar uma foto com você?

— Claro — disse sorrindo, o tipo que doía minhas bochechas, o tipo que me ensinaram a dar. Me movimetei para me aproximar delas quando, graças à seja lá o que, vi o carro da empresa estacionar em uma velocidade considerável. Acreditei que seria mais lerdo. Com um ruído de pneus, o motorista alto de ombros largos desceu rapidamente.

— Tudo bem, senhor Taeyang?

Eu olhei como quem dizia: Não.

Me posicionei entre as meninas que eram mais baixas que eu, dobrei levemente os joelhos para me enquadrar na foto.

— Quem é ela? — perguntou a mais baixa, apontando para Nicole.

— Minha empresária, temporária — respondi, sorrindo para o dispositivo.

— Ela está camuflada com o horário — disse a de cabelos rentes no queixo.

— Ela é de fato, difícil de enxergar — disse a de gravata solta.

Olhei para Nicole que estava estática.

— Vocês duas não percebem que ele está estudando o povo dela para se tornar ainda melhor na música? — *o povo dela?*

Eu me afastei delas. E vi Nicole correr para o carro, aquilo me acendeu.

— Vocês três — eu disse olhando para a porta do carro prateado se fechando dessa vez sem ruído. Eu dobrei o dedo do meio apoiando com o dedão, e dei um repelão na testa de cada uma delas. — Se continuarem assim, me deixarão extremamente desapontado com vocês.

Elas começaram a chorar.

— Vamos — disse meu motorista me pegando pelo ombro e me levando até o carro — Me perdoe pela demora, senhor Taeyang.

Ao entrar no carro, senti meu coração afundar no peito, de um jeito que só outra pessoa tinha conseguido fazer comigo: Hye. Nicole estava com as mãos no rosto de forma que eu não conseguia ver sua expressão, mas eu sabia o que ela estava fazendo.

Eu a encarei enquanto meu motorista dava a volta no carro antes de entrar.

Eu não sabia o que fazer.

## 13 Nicole

A pior parte era que nada disso era novo pra mim, mas eu nunca tinha passado por essa situação, já tinha recebido olhares feios, ou gestos preconceituosos como no caso da colega de trabalho do meu

pai, mas hoje eu tinha sido tratada como um animal exótico fora de sua cela.

Tinha ouvido a porta do carro abrir e se fechar em seguida. Respirei fundo. Minha garganta estava ardendo, eu não

chorar, e não queria ser vista chorando. Apertei mais as mãos no meu rosto quando senti minhas lágrimas rolarem pelo meu rosto.

Ouvi a porta do carro abrir e se fechar novamente.

— Nicole. — Ouvi Taeyang dizer com a voz abafada, eu o ignorei. Ele colocou a mão boa nos meus pulsos e tentou baixá-los, eu lutei contra isso.

— Me deixa — disparei com a voz entrecortada, ela soava estranha aos meus ouvidos.

Os dedos dele estavam mornos e pararam de forçar meu pulso. Sempre ouvi dizer que quem chorava na frente dos outros eram crianças ou fracos, eu não acreditava em nenhum desses dois, minhas lágrimas são o que meu coração não aguenta sozinho, e não é errado. Mas uma parte de mim não queria olhar nos olhos dele.

— Não. — Ouvi ele responder quando o carro foi ligado, ele murmurou alguma coisa que não era pra mim. — Por favor não chore.

Ignorei Taeyang.

Ele finalmente ficou em silêncio do meu lado com os dedos mornos começando a formigar meu pulso. Não podia culpar Taeyang pelo que tinha acontecido, não era isso. Mas duvido que ele me entenderia. Minha garganta não ardia tanto quanto antes, pensei nos rostos daquelas meninas, em quanto ódio elas deveriam espalhar escondidas através de perfis falsos.

Ele sabia lidar com isso, aparentemente.

Os dedos de Taeyang soltaram meus pulsos somente para pousarem sobre meus ombros, senti meu corpo todo ser puxado e colidir contra o dele. Eu tirei as mãos do rosto para tentar reduzir o impacto, eu as encaixei no peito dele espalmadas, o tecido de sua camiseta pareceu fino demais para o contato. Tomei cuidado para não tocar seu braço imobilizado com a tala preta.

— O que está fazendo? — eu perguntei sem olhar em seu rosto, era mais fácil encarar seu pescoço pálido do que seus olhos profundos. Ele estava cheirando a doce e a café, o doce eu estava atribuindo ao cabelo, sabia que esses tonalizantes tinham um cheiro assim, uma vez eu tinha tentando fazer uma mecha rosa na minha nuca, mas tinha ficado péssima e manchado minhas camisetas claras.

— Grite, me bata, faça o que quiser, mas pare de chorar.

— Você está sendo ridículo — disse, e coloquei as costas da mão no nariz, eu não queria me tocar a camiseta desse idiota. — Não vou fazer nenhuma dessas coisas.

Senti ele colocar a mão que estava no meu ombro nos meus cabelos, seus dedos entrelaçaram alguns cachos meus, aquilo enviou uma corrente para cada célula minha. Quis me afastar, mas também quis continuar daquele jeito.

— Estou sempre sendo ridículo de alguma forma. — Me acostumei a ficar encaixada contra seu corpo um pouco rápido demais.

Suspirei e me afastei.

— Acho que estou melhor. — Era parcialmente verdade, eu não sentia mais a vontade de sumir, mas o formigamento ainda estava na minha pele. Ele me olhou, seus olhos eram quase pretos, eu me ajustei no meu canto do banco.

— Tudo bem não estar bem, chicletinho. — Taeyang olhou para seu motorista que dirigia de forma prudente e tranquila pelo trânsito

moderado, muitas luzes vermelhas de faróis se acendiam no meu campo de visão.

— Você não entende — *você não é nem negro e nem branco*, eu queria dizer, mas percebi o quão idiota soaria. E maldoso.

— Não, — respondeu passando as mãos pelos fios soltos de sua calça rasgada — mas ouvirei se quiser me explicar.

Eu queria falar, mas as palavras tinham sumido. Ouvei Taeyang dizer que desceríamos na sua casa, eu contestei. Ele ignorou, como sempre fazia com qualquer coisa lógica, tudo no seu ritmo impulsivo. Me fez ligar para meu pai e colocá-lo na linha, ouvi ele contar parcialmente o que tinha acontecido, mas Taeyang mesmo sendo o querido da empresa de papai ainda era um cara, e duvidaria muito que meu pai autorizasse qualquer coisa do tipo.

— É, estamos indo pra casa. — Ouvei ele falar para o motorista que nos olhava pelo retrovisor, como se visse um meteoro prestes a colidir com a terra. — Obrigado, tenha uma boa noite, — fez uma pausa — sim, eu a levarei para casa em seguida.

Estava usando mais palavras assim ultimamente, mas ainda era Taeyang.

— Tente qualquer coisa, e morra — disse e encostei minha cabeça na parte de plástico do carro, era desconfortável, mas encaixava bem.

— Eu prometo. — Ele usou o mesmo tom de mais cedo.

Não queria ter que explicar a situação para meu pai, e não queria responder a perguntas que ele me fizesse sobre, então parte de mim ainda me chocava, eu não afastei o idiota ao meu lado como eu teria feito antes, senti meus olhos arderem um pouco, esfreguei com as costas das mãos, e olhei para Taeyang que estava mexendo no celular e vendo fotos, ao perceber que eu olhava, ele olhou de volta.

Desviei instintivamente. E tomei a liberdade de tentar compassar meu coração, se eu pudesse resumir essa noite em um jogo de cores eu definitivamente usaria azul, vermelho, e talvez, roxo. NÃO! Eu não poderia...?

## 14 Taeyang

Ela tinha razão. Realmente não entendia o que era não ser tratado bem pela cor da minha pele, tudo o que eu sabia era que a minha não podia escurecer nem mesmo um tom, daí vinham minhas rotinas absurdas de produtos e coberturas para quando eu saía sob o sol. Não era agradável, mas não me fazia sofrer pelo simples fato de ser assim, muito pelo contrário, as pessoas me tratavam bem demais, não importando como eu fosse com elas, com a exceção de Nicole.

Assisti enquanto ela se acomodava no sofá preto da sala-de-estar, deixei as luzes bem acesas, não queria passar uma ideia diferente para Nicole. As luzes da sala eram quentes, algumas pessoas diziam tornar o ambiente mais acolhedor, não sei se ajudava em algo, parecia um cômodo grande demais para mim em alguns momentos, em outros, pequenos demais.

Sentei no sofá de frente para o dela e coloquei meus pés na mesa redonda de vidro no centro, aqui estava relativamente mais quente do que fora de casa, mas ainda sentia uma corrente estranha de vento soprar minha nuca e me arrepiar.

Alcansei um controle prateado entre as almofadas do assento do sofá, estava preso entre duas delas, como sempre ficava quando eu dormia na sala. Apertei o botão vermelho central dele e o apontei para uma lareira eletrônica no canto esquerdo da sala, não tinha TV aqui, somente no meu quarto.

Olhei para Nicole, ela parecia mais calma, seu peito não estava subindo e descendo em um ritmo descompassado como estivera antes. Com a situação descabida de mais cedo, eu não acreditava

que eu a tinha abraçado, eu não sabia o que fazer naquela hora, e mesmo agora não sabia. Só não queria que ela fosse embora daquele jeito pra casa, vê-la daquele jeito acabou sendo um mix de emoções minhas e de Hye misturadas.

— Eu... — Comecei e parei.

— Eu... — Ouvi ela dizer e fazer o mesmo.

— Pode falar — disse me encostando preguiçosamente no sofá, minha leal companhia das noites.

— Você primeiro. — Seus olhos ainda estavam um pouco avermelhados, e seu rosto inchado.

— Desculpe. — Puxei mais dos fios da minha calça. — O que aconteceu hoje foi culpa minha.

— Não seja idiota. — Ela colocou uma mecha do cabelo atrás da orelha. — Isso sempre aconteceu comigo...

— Mas elas te atacaram por estar comigo, por isso estou sempre sozinho.

Nicole inspirou profundamente.

— Não, — ela repetiu — elas me atacaram por eu ser dessa cor. — Ela ergueu o braço no espaço entre nós. — Não sou nem um nem outro, mas ainda incomodo algumas pessoas...

— Você é perfeita, — eu disse um pouco rápido demais, ela abaixou o braço e me olhou em silêncio — só um idiota pensaria o contrário.

Ela olhou para as mãos, como sempre fazia. Gostaria de saber o que ela pensava quando fazia isso.

— Minha família brasileira me acha clara demais, sabe? — não fazia ideia, eu nunca era claro o bastante para as pessoas — Minha família

coreana, me achava morena demais.

— Não acham mais?

Ela remexeu as mãos sobre o colo.

— Meu pai é filho único, e meus avós...

— Tudo bem, — eu a interrompi, ouvir alguém verbalizar “morto” ainda me dava calafrios, esse era outro motivo de eu preferir morar sozinho numa casa nova, algumas lembranças novas para um futuro cicatrizado. — Você está melhor?

— Sim, não é a primeira vez... só é a primeira na Coreia. — Ela deu um meio sorriso. — Espero que em um mês, tenha sido a primeira e última.

Engasguei. Nicole me olhou alarmada.

— Um mês? — repeti.

Ela meneou a cabeça e emitiu concordância.

— É pouco tempo... — Olhei em volta. *Para quê? Para quê?* — Para desfrutar a culinária vasta do meu país e... as mudanças de estações. Duvido que o Brasil seja assim.

Eu me levantei, ela recuou no assento dela. Provavelmente pela minha cara patética.

— Você já esteve lá, Taeyang? — perguntou em resposta.

Ri, eram poucos lugares que eu não tinha estado, mas eu adorava responder essas perguntas.

— Duas vezes, mas nunca sozinho. — Tinha feito quatro shows com Hye, um era em uma cidade chamada Rio, a outra cidade eu não me lembrava o nome. Sentei ao lado dela no sofá, e ela me olhou

redesenhando suas sobrancelhas. — Fui com meu irmão, foi legal. — Senti minha garganta arder. — Mas tudo pra mim hoje parece mais legal.

— Você tem um irmão? — Nicole me olhou atenta, seus olhos eram grandes e seus cílios faziam uma extensa curva. Eu apertei a almofada do sofá, e senti as pontas dos meus dedos esfriarem.

Nicole observou o gesto, e senti minha mão esquentar com a dela que estava depositada sobre minha palma, estava quente e úmida, eu assisti ela fazer isso atônito.

Respirei fundo. Virei minha palma para alcançar a dela e entrelacei os nossos dedos.

— Tinha — respondi, ainda observando nossas mãos, os dedos dela estavam soltos no ar, mas eu tinha consciência de estar apertando sua mão, o choque que corria pelo meu corpo espantava o frio, afugentava um pouco do vazio.

Vi os lábios dela se abrirem e fecharem.

— Quero te mostrar uma coisa, chicletinho.

Levantei e a puxei, ciente que pela primeira vez ela não contestou ser chamada assim, e pela primeira vez eu faria o que estava prestes a fazer.

## 15 Nicole

Me senti estranha. O dia estava estranho. Mesmo sendo uma forma de Taeyang afrontar seu pai e sua gravadora, eu estava no meio, e era carro de frente dessa mini batalha dele, mas eu estava levando a sério esse “emprego” eu estava estudando, tudo. Desde a rotina de shows até a de cuidados com a pele dele, que não eram poucos.

A pior parte, é que não era ruim. Mas para completar o quadro do meu dia nada ordinário, era sentir o toque dele, quente e firme, mas eu não estava devolvendo o aperto de sua mão, isso era uma novidade pra mim, a proximidade com um cara. As pontas dos dedos indicadores dele eram um pouco ásperas, algo que não imaginei.

Ele soltou minha mão quando chegamos ao final do corredor repleto de molduras douradas sem fotos, e paramos na última porta branca que tinha marcas de descamação nos cantos e ao lado dela não tinha molduras douradas como as demais. Ele me olhou, seu olhar parecia mais profundo a meia luz, Taeyang era como um feérico de livros de fantasia com esse cabelo, a tonalidade azul combinava com ele.

O ar frio alcançou meus dedos com o rompimento de calor das mãos dele. Suspirando, ele abriu a porta branca e não olhou para trás ao atravessar, ele sabia que eu iria acompanhá-lo.

O cômodo era vasto e bem iluminado, compensando a fraca luz quente do corredor. As desse lugar eram frias, e espelhadas por um lustre enorme de cristal no meio, havia um piano abaixo do lustre, ao redor do piano haviam mesas e mesas de mix de som, um microfone felpudo com um rede na frente dele envolto de paredes de vidro ao lado.

— Por aqui — disse Taeyang caminhando até uma namoradeira vermelha com um encosto reto em forma de curva. Na parede da namoradeira haviam seis instrumentos pendurados, quatro eram violões, um era preto lustroso com cinco estrelas escrito “Tae”, assim como um roxo, e os outros dois eram em tonalidades de marfim e tabaco, estes não tinham nomes, ao lado dos suportes dos violões estava uma guitarra *les paul* laranja, essa parecia muito com a do guitarrista Slash, a que ele tinha usado no clipe de *november rain*, e um banjo marfim bem arranhado estava ao lado.

— Você sabe tocar tudo isso? — perguntei, percebendo em seguida que eu pareceria uma admiradora pela tonalidade.

Ele sorriu, daquele jeito endiabrado.

— Sou bom em tocar algumas coisas. — Ele caminhou em direção ao violão preto com estrelas, vi sua mão pairar minutos no ar antes de alcançar o braço do instrumento, com um suspiro ele alcançou o instrumento, aquela foi a coisa que eu mais vi Taeyang pensar para fazer.

Com a respiração um pouco irregular ele segurou o instrumento com seu eu fosse retirar dele, e se sentou na namoradeira vermelha olhando para mim, para que eu fizesse o mesmo, ele não era de pedir nada.

Idiota.

E eu me sentia ainda mais, porque a essa altura eu sabia o que ele queria sem verbalizar.

Me sentei ao seu lado, o braço do violão estava virado para fora, ressaltando o fato de Taeyang ser destro. A textura da namoradeira era aveludada, eu permiti minha mão deslizar por ela fazendo cócegas nas pontas dos meus dedos.

Ouvi ele emitir um barulho com a garganta e o olhei.

— Eu queria te mostrar isso, antes de cantar para mais pessoas, eu acho que quero sua opinião... — Ele olhou ansioso para o violão e passou um dedo suavemente pelas cordas, verificando a afinação, movimentava a mão esquerda com uma leve dificuldade, mesmo tendo sido uma lesão amena ele ainda estava recuperando a destreza dos movimentos.

— Eu não sou a melhor pessoa para falar sobre k-pop, Tae... — Pisquei, ele me olhou, suas pupilas pareciam maiores. — ...Yang — acrescentei depressa antes que parecesse um apelido. — E eu nunca escutei nenhuma música sua...

Ele sorriu, como fazia em raros momentos, parecia conter uma inocência que lutava para ser preservada, um fio de cabelo caiu sobre o olho dele. Mas ele não se moveu para tirar. Senti um dedo formigar, e o enterrei ainda mais no veludo.

— Eu gostei de Tae, você fala de um jeito diferente. — Ele se livrou do fio sobre os olhos. — Eu fiz algo diferente, para poder cantar sem acompanhamento ou dançarinos, eu gostaria de poder abrir um show com essa canção, pois nela tem muito do meu coração e de tudo que passei durante esse tempo que... *Esse tempo*.

Ele colocou uma espécie de presilha nas casas do violão que ficou presa na terceira divisão.

— Essa canção tem um nome?

— Eu pensei em algo como: *Sweet Night*, e enquanto terminava de escrever, vi seu rosto, achei que deveria cantar pra você primeiro, chicletinho.

Prendi a respiração.

Olhei para minha mão, que estava pintada de azul, assim como o cabelo dele, eu definitivamente não escolheria aquele esmalte se tivesse opção, mas acredito que nem sempre podemos escolher tudo.

Ouvi ele descer os dedos em um ritmo compassado pelo violão.

Meu corpo inteiro pesou com o som da sua voz. Ouvir Taeyang falar era uma coisa, sua voz era marcante, e um pouco rouca, mas cantar... Eu o olhei, sem qualquer controle sobre isso. Estava cantando em inglês, seu sotaque coreano havia sido perdido entre as notas.

Não era apenas uma música sobre o que alguém tinha passado, mas sim, o que estava passando. Ele se perguntava se tudo ficaria bem, se trouxesse esse alguém para mais perto de si. Taeyang não tinha

apenas composto uma música, ele tinha colocado seu coração em cada parte, e pela primeira vez, eu não o vi como um idiota pretencioso.

Ele cantava sem olhar para o violão, acredito que não precisava fazer isso, pela propriedade que trocava de acordes rapidamente, ele conhecia aquele instrumento tão bem quanto a si mesmo. Meu rosto estava quente e os olhos dele, agora quase pretos, estavam em mim.

*Essa música não poderia...?* Não, claro que não. Ele só queria a minha opinião sobre o ritmo talvez? Taeyang cantou que seu coração estava acelerado essa noite, o meu parecia acompanhar a letra, estava torcendo para que não parasse de cantar, tinha medo que ele escutasse.

começou a assobiar uma melodia como a que ele estava cantando antes, e as notas do violão ficaram um pouco mais abafadas, e então ele parou de tocar.

— O que achou? — o ouvi perguntar, mas sua voz parecia distante, mal conseguia olhar em seus olhos, encarei meus dedos — chicletinho? — ele tocou meu ombro, sua palma estava quente e úmida.

— Eu... — Queria falar que Taeyang cantando era como sentir todas as emoções dele no meu próprio coração, queria falar que sua voz era inebriante, e que ele tinha um olhar diferente enquanto cantava, mas nenhuma dessas palavras saíram, e parecia uma idiota tentando formular uma frase, eu só conseguia pensar em português, e geralmente quando pensava em um idioma, falava usando o mesmo.

Isso acontecia em algumas raras situações que sentia todas minhas emoções correrem soltas por um rio.

— Raramente consigo dormir, mas quando você me atropelou, senti uma paz estranha, mesmo sabendo que você me olhava diferente das outras pessoas, e que se tivesse tido a oportunidade, me

atropelaria de novo, mas mesmo assim... — Colocou o violão ao lado encostando-o com cuidado na parede e na namoradeira e colocou uma mão sobre o meu ombro. — Você foi a primeira garota que eu quis compor uma música, e a qual me deu um motivo estranho para descansar quando a noite chegasse, acho que por isso o nome.

— Não sei o que dizer, eu não sou boa em falar as coisas que eu penso...

Vi Taeyang se aproximar de mim, ele curvou um pouco a cabeça para que ficasse perto da minha. Senti seu nariz, o qual a ponta estava fria ao roçar o meu, e sua respiração dançar entre minha pele, estava entrecortada, quente e com cheiro de gengibre, devia ser das balinhas do salão. Senti meu estômago ficar leve, e meu coração parecia o de um maratonista, acho que ele estava perto demais de mim.

Conseguia ver a intensidade dos seus olhos, e a curva extensa dos seus cílios, uma de suas mãos ainda tocava meu ombro, a essa altura ela parecia brasa em contato com minha pele.

— Não. — suspirei, ainda sentindo ele avaliar meu rosto. Conseguia enxergar o desejo em seus olhos, os meus deviam beirar ansiedade. Ele parou, mas não se afastou.

— Não? — perguntou baixinho.

Me afastei, e senti o frio me abraçar.

— Eu preciso voltar, nós começamos muito cedo amanhã... — O que era verdade, mas também uma desculpa.

— *Ah.* — Ele encostou na namoradeira, e cruzou os braços, movimentando a mão, a que havia aquecido minha pele, na lateral do seu próprio braço, eu me levantei. — Espere aqui, vou pegar uma blusa pra você, e te levo.

— Não, não precisa, já tenho uma blusa sua...

Revirou os olhos.

— Só espere aqui, chicletinho — ele disse e saiu do cômodo.

Não parecia bravo comigo, mas parecia um pouco diferente, aquele sorriso idiota não estava lá, e sua postura não era usual.

Interceptei Taeyang no batente da porta, onde eu o esperava. Peguei a blusa branca esticando bem o braço, ele demorou a soltar. Quando finalmente a vesti ela parou no meu joelho, era um moletom esportivo liso.

— Obrigada, pela blusa, e por... — Engasguei, Taeyang me olhou, seus olhos ainda permaneciam os mesmos de quando cantava, agora conseguia notar, que talvez, eu que o olhava diferente agora. — Compartilhar comigo — foi o que consegui dizer.

— Vamos?

— Eu vou sozinha.

— Eu prometi ao seu pai que a levaria para casa em segurança, pode ir andando, mas eu vou atrás de qualquer jeito.

Assenti, e ele fez exatamente o que disse. Caminhou dois passos atrás de mim durante o caminho inteiro, eu olhei para o céu estrelado, ainda podia ouvir as notas do violão e o timbre da voz de Taeyang, mesmo ele estando quieto.

Não virei para ver se me acompanhava, eu sabia que ele estava lá.

Talvez fosse uma covarde, mas não sei como poderia olhar para Taeyang no dia seguinte se tivesse permitido que aquele beijo acontecesse, não sei como eu poderia seguir como a garota que está sendo custeada para que um Idol realize um *debut* solo. Não seria algo limpo, se eu permitisse aquilo.

Por mais que uma parte de mim parecesse querer. Taeyang havia sido sincero com o que sentia, eu não sabia se era mútuo. Quando chegamos na porta de casa, fiquei atordoada por um minuto pensando em como me despediria dele, no entanto, ele levantou o braço em um aceno simples, e se virou de costas, sendo abraçado pelas estrelas, e eu assisti enquanto ele se afastava.

— Até amanhã, *idiota* — eu murmurei para a noite.

Eu não consegui fechar os olhos a noite inteira.

Mesmo tendo comido uma generosa porção de *bibimbap* sem pimenta e tomado uma ducha fervendo, nada parecia me tirar do estado de alerta. Quando olhei para a cabeceira branca e alcancei o meu celular, vi que haviam várias mensagens da minha mãe, mas o que mais chamou minha atenção foi o horário: três horas da manhã.

Minhas mãos formigaram outra vez, e eu saltei da cama para pegar meu *sketchbook* e meus lápis. Eu não conseguia falar sobre o que eu tinha sentido essa noite, era algo novo pra mim, acreditei que ao desenhar essa confusão passaria, mas novamente, eu vi o rosto dele nos papéis, em uma sequência de quatro folhas, eu tinha quatro Taeyang diferentes.

Uma das páginas, era o momento certo em que eu senti um descompasso, enquanto seus olhos haviam ficado mais escuros e vidrados nos meus enquanto seus dedos dançavam livres pela madeira do violão. Eu respirei fundo e joguei o *sketchbook* na parede do quarto, esquecendo totalmente que meu pai já estava dormindo a essa hora.

Fui até a janela, e procurei no céu alguma resposta, mas no fundo, sabia que não encontraria.

## 16 Taeyang

Eu levantei meus óculos quadrados escuros na frente do espelho do carro que ficava atrás do banco do motorista. Tinha acabado de voltar do hospital, fui examinado e liberado de usar a infernal tala. Meu braço ainda estava estranho, mas o médico tinha dito que era por não ter movimentado o bastante nesse período eu tinha sensação de estar “travado”. Era verdade, e um alívio parcial.

— Parabéns, você é o rei dos patetas — disse pra mim mesmo, nos meus olhos estavam lentes douradas que Jina havia instruído o uso, dada a uma parceria recente com o fabricante de lentes chamada: Íris, eles estavam patrocinando meu *debut*, e alguns dos meus shows na Coreia. Odiava usar lentes, era como colocar areia nos meus olhos, e eu parecia uma espécie de criatura abominável, resisti ao impulso de enfiar os dedos nos olhos quando Jina me olhou por cima dos ombros.

Ela estava sentada no banco da frente, ao lado do meu segurança e também motorista, ela me lançou um olhar empertigado ao me ouvir.

— Não se atreva a remover as lentes — ela me disse, tentando manter o tom sutil e amistoso, o qual eu sabia que ela se esforçava muito. Revirei os olhos e senti a camada da lente acompanhar.

— Que seja — disse ao abaixar os óculos e encostar no banco.

O dia estava nublado, o que me faria ficar em paz com a rotina e maquiagem, não transpiraria, e não precisaria de retoques cansativos, os meus olhos estavam marcados para parecerem mais intensos e no canto inferior havia um rastro de glitter da cor do meu cabelo.

O dia mal tinha começado e eu já estava irritado.

— Vamos passar na senhorita Nicole saindo daqui. Ela já avisou que está pronta. — Jina me avaliou em busca de qualquer imperfeição, seu rosto era acolhedor, apesar do cabelo e suas roupas parecerem severos e certos demais. — Vou repassar com você a programação.

Ela fez uma pausa para se certificar que eu não tinha dormido, eu emiti um barulho de concordância para que ela falasse logo.

— Primeiro iremos para uma comitiva de imprensa, algumas perguntas não entrarão na pauta, como bem te conheço, alertei todos os tópicos que são permitidos, em seguida, você fará uma prova de *liptints* em uma empresa parceira. — Ela fez uma pausa e conferiu o celular. — Depois seguiremos para o Rio Han, e começaremos a estudar ângulos para o MV, como você havia solicitado há tempos, quando seu pai ainda...bom, você sabe.

— *Só?* — eu perguntei, minha agenda já foi muito mais repleta, em início de comebacks, eu e Hye mal tínhamos tempo para respirar, e comer era um luxo.

— Ah, a senhorita Nicole está cuidando da última programação.

*Ah .*

Percebi o carro desacelerar pela rua do condomínio, sabia que estávamos perto da casa dela, eu repeti mentalmente o que havia dito pra mim mesmo, eu era o rei dos patetas que não havia me contentado em cantar para Nicole na noite passada, mas senti minha boca tão seca ao ponto de querer desesperadamente beijá-la, o que eu tinha feito? Ela me mataria na primeira oportunidade.

— Oi. — Ouvi Nicole dizer ao entrar no carro, eu não tinha percebido a porta abrir até então. Tinha voltado para a noite anterior, naquele momento na sala de música achei que finalmente tinha alcançado alguma parte do emocional de Nicole, mas logo estraguei o momento. Eu não era o melhor cara para jogos, eu sempre colocava todas as minhas cartas na mesa.

— Oi — respondi sem olhar na direção dela, eu não conseguia fazer isso por hora.

— Conseguiu analisar os detalhes? — perguntou Jina para Nicole, e imediatamente a conversa voltou a fluir no carro, assim como a velocidade progredia e deixávamos Hannam The Hill.

— Escolhi uma entrevista de 10 minutos num programa de variedades, onde Tae pode cantar uma música de autoria própria ou algum cover que está em alta no ocidente — Vi Nicole olhar para mim de canto, a encarei. Estava tão linda quanto ontem, e seu cheiro inundava meu nariz, adocicado e envolvente. Sem perceber ela tinha me chamado de Tae, contive um riso.

Abri o vidro do carro, e ouvi Jina protestar sobre o cabelo.

— Eu particularmente acho que seria viável a escolha de Shake it off, de Taylor Swift, ele poderia adaptar com o violão, já vi ele tocando e ele é bom em improvisar.

Gostei da ideia de Nicole. Não consegui evitar de sorrir dessa vez, ela não tinha visto. Ela nunca olhava nos momentos certos.

Seu cabelo era uma cortina de cachos macios, e que ontem, eu estava tão perdido em seus olhos, que havia esquecido de sentir seus cabelos entre meus dedos na sala de música...

— Taeyang? — Ouvi Nicole me chamar, e olhei em sua direção.

— Sim?

— Queremos sua opinião — disse Jina, o que era uma frase que eu ainda estranhava, depois que meu pai tinha sido afastado algumas coisas estavam passando por mim antes de acontecerem, era uma novidade.

— Eu tenho uma música pronta. — Olhei na direção de Nicole, e vi ela encarar o celular. — Mas não tenho certeza se devo cantar, o que acha, Nicole? — perguntei, tendo consciência que seu nome saia

arranhado pela minha boca, e era uma jogada um tanto desesperada da minha parte.

— Ela...ela vai ser uma boa opção, Taeyang.

— O que aconteceu com vocês hoje? — perguntou Jina. — Seja lá o que for, resolvam logo. Precisam estar focados no trabalho.

A ignorei, Nicole respondeu algo aleatório. Encarei a paisagem sentindo o vento bagunçar meus cabelos e o barulho agredir meus ouvidos, mas era isso ou me perder em pensamentos unilaterais sobre Nicole.

— Então, converse com a gravadora, a música de hoje será meu MV de retorno.

Jina assentiu pegando o celular para digitar algo de modo veloz.

— Então definitivamente não pode cantar no programa! — ela contestou.

— Espere para ver — eu disse em resposta.

— Sabe que seu primeiro MV de *debut* precisa gerar expectativas, se cantar num programa...

— Que seja.

Eu parecia um trainee ansioso por uma chance de cantar, mas havia descartado muitas dessas chances. Queria cantar, mas do meu jeito, e isso era um pouco confuso até pra mim. Não queria ser obrigado a vender a imagem de Hye, ou de alguém desesperado por afeto, mas a cada letra que eu escrevia, ou era sobre nossa história, ou sobre meus relacionamentos não cultivados com musas ocultas, mas dessa vez eu olhei para uma que estava ao meu lado.

Nicole que estava digitando uma mensagem no *Line*, os caracteres do seu teclado eram diferentes, não era Hangul, definitivamente, e

me irritava não entender nada. Trabalharia nisso o quanto antes.

Ao perceber que eu olhava, ela virou o celular na direção da porta ocultando a tela.

Me olhou desafiadoramente.

— Pare de ler minhas mensagens! — disse esbaforida.

Como se eu entendesse o que ela estava escrevendo!

— Que seja — respondi encostando no banco e me permitindo fechar os olhos, eu subi a janela do meu lado e fui agarrado pelo cheiro dela antes de cochilar. Não queria parecer um imbecil controlador ou coisa do tipo, mas adoraria saber quem era digno da atenção dela e o motivo de eu ser o motivo do seu desprezo.



Estar em uma coletiva é o equivalente a ser um pedaço de carne em meio a um bando de urubus.

Vários flashes agrediram meus olhos, mais do que as lentes douradas. Sorria sempre que ouvia o som do meu nome e olhava na direção da câmera. Ainda podia fazer isso, por mais enferrujado que estivesse. Eu não era mais alguém inexperiente na indústria, eu havia debutado com Hye quando tínhamos 17 anos, olhando agora, parecia uma eternidade.

Agora estava por conta própria. Essa é a minha primeira coletiva sem ele, não ter alguém para cutucar ou rir era estranho. Minha mente projetou fantasmas do meu passado e por um momento o vi sentado em uma das cadeiras vermelhas estofadas da mesa sorrindo carinhosamente para as pessoas, seu cabelo estava numa tonalidade de lilás, ele acenou para que me aproximasse, eu quase podia sentir o cheiro de chocolate escondido na sua jaqueta xadrez. Ergui uma

mão no ar para alcançar Hye, mas senti meus dedos ficarem frios em contato com o ar.

Balancei a cabeça e voltei para a realidade com uma sequência de disparos. Odiava fotos.

Eu estava sentado em uma mesa branca, ao meu alcance tinha uma garrafa de água mineral e uma lata de energético. Não bebia essas drogas, por mais tentador que fosse, só agora conseguia fechar os olhos, com muita dificuldade, mas era um progresso, se eu consumisse algo assim, meu coração sairia correndo sozinho.

Abri a garrafa de água e ouvi vários clicks das câmeras. Esse não era um som extremamente reconfortante, pois no geral, sempre que estou em alta, esse som me acompanha a cada lugar que vou, a pior parte, é que se quebro qualquer uma dessas câmeras preciso ouvir um sermão patético do meu empresário, e o velho não era conhecido na família Kim por ser um homem gentil e no caso o mesmo estava afastado, por um milagre, não tinha tido notícia alguma dele.

Olhei para Nicole, ela estava de pé ao lado de Jina no canto pouco iluminado do recinto, estava de braços cruzados, e Jina parecia dizer alguma coisa no telefone. Suspirei. E encarei o grupo de jornalistas e paparazzis que estavam um nível mais abaixo sentados em cadeiras brancas de plástico, muitos anotavam coisas em cadernos.

*Você consegue. Você consegue* . Era o que Hye repetiria freneticamente para mim, até que de fato eu acreditasse.

— Olá, sou Taeyang e é um prazer estar aqui — disse acrescentando um sorriso ao final, um sorriso tão patético quando deveria parecer, vi Jina me dar um joinha pelo canto dos olhos, era esse que ela tinha me ensinado para não parecer hostil. Eu não era o melhor em lidar com a mídia.

— Com licença. — Ouvi uma mulher loira e óculos quadrados se levantar da cadeira com uma caneta levantada, ela usava um vestido

florido por debaixo de um blazer preto — Suna, da revista *WonderYou*.

Eu a olhei, não queria demorar muito nisso.

— É um prazer ouvir o que tem a dizer.

Ela sorriu um pouco constrangida, e em seguida pegou seu caderno e leu sua pergunta em bom tom, enquanto flashes foram disparados:

— Você esteve desaparecido por seis meses desde seu último escândalo, o que fez durante esse tempo?

Chorei que nem um idiota, tomei café sozinho na beira de um rio todas minhas tardes livres, gritei com meu pai e equipe, fugi de shows pequenos, quebrei câmeras que me seguiam, fui atropelado por uma garota bonita, dormi com a ex-namorada de Hye...Suspirei. Nenhuma dessas coisas deveria vazar para a mídia.

— *Ah*, fiquei em casa, compondo muito para recompensar minhas fãs que tanto me apoiaram nesse meu período — respondi por fim, nada da minha vida emocional deveria transparecer em comitivas, isso terminaria de mandar meu nome para o espaço.

Ela agradeceu e se sentou, e muitos outros ergueram as mãos para ter uma chance de obter qualquer furo.

— O que preparou durante esse período de hiato musical?

— *Ah*, não sei se estou autorizado a responder isso. — Sorri e olhei para Jina que acenou para os presentes, Nicole capturou meu olhar, e pareceu querer sumir quando foi focada. — Não gosto de estragar surpresas, mas talvez hoje eu cante alguma coisa para vocês.

Ele repetiu o gesto agradecido e se sentou. Outro homem se levantou, ele tinha ombros largos e era baixo, com o cabelo bem dividido e lustroso.

— Por que decidiu afastar um empresário competente para colocar uma garota bonita no lugar?

Não pude evitar olhar de relance para Nicole que se encolheu um pouco dos olhares.

— E quem disse que ela não é competente? Além de bonita, é claro — respondi, e ele me olhou com uma expressão vaga e patética. Ótimo.

Respondi mais seis perguntas. As voltadas para Nicole eu comecei a descartar com um aceno preguiçoso, as demais eram sobre meu *debut*.

— A sessão de perguntas está encerrada, obrigado — disse após o número determinado da pauta ser atingido finalmente.

Com isso me levantei e saí do palanque sem olhar se Nicole e Jina estavam atrás. Ouvi meu nome várias vezes de pessoas que eu não conhecia, mas elas me conheciam muito bem, desde que fui arrastado para essa droga de vida, que eu me assisto viver atrás de uma camada espessa de vidro, e lentes hábeis de câmeras de ultra geração.



— Você não pode simplesmente levantar e sair andando em comitivas! — Ouvi Jina deixar de conter a voz assim como os passos, o barulho do seu salto era irritante contra a calçada, o vento agrediu meus olhos, os cobri com as mãos em meia concha. Tinha colocado minha máscara, o ar estava parcialmente desagradável hoje, eu sempre andava com várias no carro da empresa.

— Ah, é? — perguntei, e continuei andando. Havia optado de última hora seguir para a loja de maquiagem a pé, Nicole estava ao meu lado, ela não havia me olhado desde então, e eu estava com dificuldade em manter os olhos nela sem ser inundado pela noite de

ontem e meu recente comentário, ela tinha ruborescido de um jeito que eu não deveria ficar pensando sobre. — Acabei de fazer isso.

À minha esquerda estava meu segurança e motorista, e mais dois que eu não sabia os nomes, eles seguiam numa distância de cinco passos, algumas pessoas na rua que me reconheciam tiravam fotos de longe, e pediam para se aproximar, mas fingia que não as via.

— Exatamente! — Jina, apressou ainda mais os passos para me alcançar, mas eu estava andando rápido de propósito, Nicole estava de tênis branco de corrida e conjunto de moletom cinza, estava preparada para o dia, e para me alcançar sem esforço, mas não o fazia. — As pessoas estão começando a se cansar do seu jeito...

— Não me importo — eu disse, e segui caminhando determinado quando enxerguei a frente da loja *Moonshot Flagship*, era um prédio constituído por figuras geométricas sobressaltadas na cor creme e alguns desenhos de jogos clássicos em pixels coloridos.

— Eu sim! — Ouvi Jina, dizer quando segurou meu pulso, eu a olhei no mesmo instante, em seguida para onde sua mão rechonchuda estava.

E eu queria que deixasse de estar, mas não puxei o braço.

— Por que é minha assessora de imagem e...

— Porque eu prometi a Hye que continuaria ao seu lado.

Eu congelei no lugar, senti o olhar de Nicole pesar em mim, abaixei a outra mão que ainda cobria meus olhos da agressão do vento. Ouvir o nome dele, ainda agora era uma situação que eu precisava de um preparo prévio.

— O que disse? — eu perguntei, sabendo muito bem o que tinha ouvido.

Ouvi Nicole murmurar alguma coisa, mas sua voz parecia distante e eu não consegui entender.

— Seu irmão me ligou naquela noite, e me pediu isso. — Jina soltou meu pulso, e onde sua mão estivera estava aquecido, todo o resto do meu corpo congelou. — E sim, é apenas por isso que eu continuo aqui para limpar a sua bagunça. — Ela recuou um passo, seu salto não emitiu ruído algum agora, ela ergueu o queixo na minha direção, parecia mais jovem de perto. — Mas estou cansada.

*Eu também* . Passei as mãos na minha coxa, estavam úmidas e pegajosas.

— Entendo. — consegui formular, e olhei mais uma vez para a frente da loja geométrica. — Jina, o que gostaria que eu fizesse hoje? — perguntei pela primeira vez em anos, a frase escapou de modo estranho entre meus lábios. Eu estava atordoado por ela mencionar Hye, eles eram mais próximos, de fato, mas depois *daquela* noite Jina não tinha falado abertamente sobre meu irmão.

Ela me deu um meio sorriso, e me permiti ouvir suas instruções.

## 17 Nicole

Taeyang andava mais rápido do que eu conseguia acompanhar hoje. Dois passos meus eram um dos passos dele.

Ele tinha ficado estranho depois de ouvir um nome: Hye. Algo se acendeu em mim, após ele concordar em ouvir alguém, o que era algo preocupante. Olhei para o céu três vezes com medo de ser um presságio do fim dos tempos, mas tirando o vento forte, nada confirmava isso.

Ele parecia uma celebridade para todos aqui, mas eu não conseguia vê-lo desse jeito. Para mim, era apenas um menino, e às vezes, pensava que esse era o único motivo de Taeyang me querer por perto. Parte de mim quis digitar dois nomes no Google "Taeyang", e "Hye", mas a outra parte, a que tinha um pingão de bom senso, enterrou ainda mais o celular no bolso.

Taeyang caminhou sem hesitar para a loja que tinha um formato geométrico, parecia mais uma loja de jogos do que de maquiagem, seu interior era preto com várias lâmpadas brancas, e em suas prateleiras cheias de maquiagem a iluminação era rosa neon, imediatamente algumas funcionárias caminharam na nossa direção, dentro da loja havia uma equipe de filmagem com câmeras em teste.

Vi Taeyang suspirar lentamente ao olhar para as lentes.

Como se ele soubesse que eu estava pensando nele, me olhou, seus olhos dourados não carregavam malícia.

Ainda não sabia bem como reagir, mesmo não tendo acontecido nada. Ver os olhos dele perto dos meus ainda era intenso pra mim, eles eram o mais perto da alma de Taeyang que ele havia me permitido chegar, e eu havia me perdido neles na noite passada,

estava tentando trabalhar minha mente, para o enxergar como um inseto que falava tudo o que vinha à sua mente, mas não estava fácil. Desviei o olhar o mais rápido que consegui, e encarei o piso da loja que também era preto, e bem polido a ponto de conseguir ver meu reflexo.

O teto possuía faixas rosa neon, e também era refletido no piso.

— Você está se saindo muito bem. — Ouvi Jina dizer ao meu lado enquanto analisava algumas sobras nos expositores inclinados da parede, Taeyang conversava com a equipe de gravação e era posicionado ao lado do expositor central retangular. Ele parecia lutar para não correr.

Na porta da loja havia mais seguranças agora do que quando chegamos, eles estavam com os braços estendidos formando uma barreira contra várias e várias garotas que seguravam ursinhos, flores e comida. Elas estavam por toda parte.

— Obrigada — disse a olhando nos olhos, ela não tinha olhos severos como suas vestimentas e penteado, parecia uma pessoa que valeria a pena conhecer. Esse emprego falso era melhor que o meu verdadeiro de servir cafés, duvidava que minha chefe, Pamela, soubesse meu nome ou tinha reconhecido algo que fiz na empresa.

Sentiria falta disso quando voltasse para o Brasil.

— Eu que agradeço. — Olhei sem esconder a surpresa, ela ergueu uma mão e abanou no ar sorrindo — Esse menino nunca ouviu ninguém antes, e não posso deixar sua presença passar quando ele finalmente me ouviu.

— Não tenho relação com isso — a interrompi, percebendo o quão mal-educada eu havia sido acrescentei rapidamente: — Desculpe.

— Você não quer ter. — Jina alisou seu terno preto de linho. — Mas saiba, que apesar de tudo, ele é um bom menino.

— Não é isso. — Não sabia como dizer, enterrei minha unha na palma da mão. — Tudo é temporário.

Taeyang como um demônio recém-invocado caminhou na minha direção com uma mão estendida, e eu olhei tendo plena consciência que arqueava minhas sobrancelhas, o que ele queria?

— Venha — ele disse agarrando meu pulso.

Eu olhei irritada.

— O que diabos...

— Preciso de alguém para provar a maquiagem comigo, e não quero ninguém estranho me tocando.

Ele falou baixo, quase no nível do meu ouvido. Senti meus pelos eriçarem e minha boca ficar seca.

— Não precisa disso — disse, acompanhando-o como se fosse para o abate, puxei meu braço de volta — eu vou sozinha.

Taeyang me colocou na frente do quadro da câmera, onde ele deveria ficar sozinho. Eu o encarei. Ele estava tentando se encaixar no ângulo, já que havia me inserido na furada, estava com dificuldades para nos enquadrar juntos pela altura dele.

— Vocês fazem esse *shot* livre, em seguida, Taeyang, você fala algo sobre a marca — disse um senhor grisalho e elegante ao lado da câmera, deveria ser o dono pela tonalidade da voz e autoridade, alguns rebatedores de luz foram posicionados.

Taeyang passou os olhos pela bancada de *liptints*. Logo eu ouvi a deixa dele:

— *Gravando*. — Contive o impulso de olhar na direção da voz, fixei os olhos em Taeyang, que era uma tarefa difícil pra mim. Aliás,

assim que tudo isso acabasse, eu acharia um carro mais próximo, e passaria sobre Taeyang 5x.

— São todos atraentes, é difícil escolher um, o que acha *noona*? — *Noona*? Eu quase engasguei com isso. Contive a postura e minhas mãos no lugar para não voarem na direção do pescoço dele.

Tinha certeza que não tinha falado minha idade para ele, e nem tinha certeza se de fato era mais velha que esse idiota.

— Pode me ajudar a escolher? — Ele sorriu, como um ótimo modelo propaganda, seus dentes eram brancos e retos, e tinham ainda mais destaque sob a luz do ambiente, e seu cabelo destacava Taeyang por completo.

— Claro — respondi querendo apertar seu pescoço ao passar por ele, mas eu sorri ciente que ele havia me arrastado para mais uma de suas obrigações diárias.

Eu avaliei os *liptints* na bancada preta polida repleta de outras maquiagem, e olhei para Taeyang em seguida. Eu não sabia dizer o quê, mas ele estava diferente para mim agora, eu tinha completa consciência dele, e ouvir sua voz falando casualmente como se ele não tivesse cantado uma música pra mim ontem, era perturbador.

Eu não tinha esquecido a letra, não tinha esquecido o ritmo, e tudo era vivo e intenso demais para mim.

Peguei a primeira cor em meu alcance, uma rosada puxada para uma tonalidade chiclete, entreguei na mão dele, bom tentei.

— Toma — eu disse para ele, e estendi o *liptint* no ar. Ele recuou um passo e colocou as mãos atrás do corpo.

— *Noona*, poderia passar em mim? — ele perguntou com um sorriso encantador, que nem parecia o seu usual sorriso endiabrado, esse aqui era o Taeyang sendo visto como uma figura pública.

*Não.* Eu quis responder, eu o olhei, e torci para que ele se sentisse queimado. Pare com essa droga constrangedora de *noona*. Sem esperar minha resposta ele inclinou para deixar os lábios ao meu alcance, mesmo antes disso eu lutava para não olhar para sua boca, que era perfeitamente desenhada com o lábio inferior maior.

Analisei seu arco do cupido, e vi o movimento da garganta dele oscilar quando me aproximei. Senti seus olhos, hoje dourados, pairarem sobre mim, parte de mim quis recuar, mas outra parte... Eu inspirei, e senti o cheiro dele se misturar com o do produto que eu destampeei, o ar virou uma mistura de baunilha, mel e algo mais intenso.

Nunca tinha passado maquiagem em ninguém, em mim eram eventos raros. Controlei a pressão da mão para não sujar o rosto de Taeyang com o *liptint*, e apliquei o mais suave que consegui, senti minha boca ficar seca outra vez.

Foquei na cor do batom.

— Muito bem, *noona* — ele sussurrou.

— Pare com essa droga — disse tampando o produto, e o devolvendo para o expositor.

— Levando isso para outro lado, *noona*? Isso é meio obsceno...

Eu corei.

— Está dizendo que está me tratando com plena educação e inocência?

Ele sorriu, esse era seu típico sorriso, de canto e com um olhar travesso.

— Mas é claro! — ele respondeu erguendo as suas mãos no ar, seus dedos eram longos, e eu lembrava da sensação e das pontas

ásperas. — A menos que não queira ser tratada com inocência.

Senti meu rosto queimar, eu o fuzilei. Sem dar a mínima, caminhei para fora da demarcação da cena, senti os olhos dele sobre mim, mas ouvi sua voz pomposa de celebridade falar sobre a coleção de *liptints* da loja, e em como ele gostaria que seus fãs usassem.

Algo tinha mudado em mim, Taeyang ainda era um idiota, e falava coisas sem sentido e filtro algum, mas ele estava começando a me assustar. Eu sabia meu lugar nesse mundo, e sabia que mesmo que fosse o caso, não existiria espaço pra mim no mundo dele. Me contentaria com a idiotice dele nesse curto período, e bom, no futuro deveria ser algo o suficiente para me fazer rir, e produzir alguns bons desenhos.

Olhei para ele, sorrindo com os lábios rosados e brilhantes. Noona. Era algo comum por aqui, mas eu não era totalmente coreana, e ele nunca havia me chamado assim, até "chicletinho" era melhor, pelo menos minha mente não vagava em pensamentos estranhos ou maliciosos.

Senti meu celular vibrar no bolso da minha calça moletom e abri a mensagem imediatamente. Era Jun-ho, e estava me convidando para comer algo hoje, um pouco precipitado convidar alguém no mesmo dia, sem saber ao certo, olhei para Taeyang, ele havia parado de gravar e me olhava.

Senti minhas mãos umedecerem. Digitei sem pensar: "sim". No quesito realidade e possibilidade, acredito que seria algo mais próximo da minha. Taeyang começou a caminhar na nossa direção, mas me apressei, e despedi de Jina e saí pelos fundos da loja, onde a histeria não havia alcançado e ninguém fazia a segurança.

Por um momento eu parei e olhei para trás para ver se alguém me seguiria. Não aconteceu. Suspirando e me amaldiçoando, caminhei até o endereço que Jun-ho havia passado.



Não conseguia ficar plena com meus próprios pensamentos, depois de Taeyang, as pessoas passaram a me reconhecer, de hora em hora alguém se aproximava e queria tirar uma foto comigo, o que era bem esquisito, eu devo ter saído com cara de abelha em 4 fotos diferentes.

Meus lábios estavam rachados por conta do tempo, e do meu recém adquirido hábito, de morde-los enquanto pensava. A pressão me trazia para a realidade. Que no momento, era uma bagunça completa. Talvez eu devesse ter ficado para a entrevista que eu mesma tinha escolhido para Taeyang, mas a ideia de vê-lo cantar mais uma vez...

— Por aqui — ouvi uma voz familiar dizer entre a multidão de pessoas.

Encontrei Jun-ho rapidamente, ele vestia uma camiseta amarela, calça preta, estava bem arrumado e usava um tênis branco polido com listras pretas nas laterais, era alto e tinha um rosto fácil de destacar na multidão.

Apressei o passo para alcançá-lo, o vento me abraçou e fui forçada a olhar para trás como se ainda esperasse algo, e afirmei que não estava lá.

— Oi — disse quando parei ao seu lado, algumas pessoas costuraram por nós na calçada.

Ele sorriu, como se contivesse o sol sobre seu controle.

— Você está ótima — respondeu sem cerimônias e começou a caminhar lentamente. Ele também estava.

— Obrigada — respondi um pouco sem jeito — eu peguei a roupa mais confortável que tinha.

O que era verdade. De perto vi que ele estava com sua câmera pendurada no pescoço, e suas duas mãos estavam em volta dela de modo protetor. Nós dois caminhávamos por alguns minutos até chegarmos em uma loja de conveniência, que eu achava um lugar incrível. Na infância era como ir para Disney toda vez que meu pai me trazia em lugares assim, haviam tantas opções de alimentos.

Antes assim que eu passasse pelas portas de vidro eu correria para as geladeiras em busca do leite de banana da *Binggrae*, sempre gostei de como ele era cremoso e extremamente açucarado, a embalagem creme tinha uma tampa verde e algumas letras que eu não sabia muito bem o que significavam na época, papai sempre levava espetinhos de salsicha. Era divertido.

O nome era *Family Mart*, a fachada era verde e branca com luzes chamativas e as letras estavam em azul, como os cabelos de Taeyang. Balancei a cabeça. NÃO! Como o céu.

— Eu ponderei muito antes de mandar a mensagem. — Ouvi Jun-ho dizer quando atravessamos a porta de entrada que se abria horizontalmente sozinha, o meu pisar ficou leve sobre o tapete grosso da entrada. — Mas fiquei com medo que você nunca mandasse.

Eu não sabia se de fato mandaria um dia, meu tempo estava ficando curto, dividido entre alguns momentos raros com meu pai e a agenda estranha de Taeyang, ainda adicionando meu falso emprego, e meu acordo com meu pai.

— Acho que não aconteceria cedo...

Ele sorriu, era charmoso, e formava uma covinha em sua bochecha.

— Cruelmente sincera — observou — gosto disso.

Ignorei o último comentário, e segui para o final da loja. O ambiente era todo muito claro, os pisos brancos e polidos. Havia várias e várias prateleiras de comida, no final, tinham algumas exposições de geladeiras largas com bebidas e gimpaps de todos os tipos. Sentindo o meu estômago rugir, caminhei entre os corredores até a geladeira sem hesitar.

Olhei as bandejas bem organizadas, e peguei uma de gimpaps de salmão em forma de triângulo, Jun-ho pegou uma de *kani kana*. Eu queria ser cruelmente sincera comigo sobre como eu me sentia em relação a Taeyang e a situação da faculdade, eu estava me sentindo em “casa” nos últimos dias.

Sentei na bancada de madeira escura e ele sentou-se ao meu lado, colocou a câmera entre nós, com a lente apontada para a vitrine.

— Eu sempre venho nesses lugares quando quero fotos boas — ele disse desembrulhando plástico do seu *gimpap*.

— Esse é o último lugar que eu viria para desenhar — eu rebati.

Ele me olhou de forma acusatória, hoje seus lábios não estavam rachados como da primeira vez que nos encontramos, e tinham uma tonalidade alaranjada, o sorriso tímido pairava sobre sua expressão.

— E eu achando que ganharia um desenho hoje.

— Eu achando que não seria fotografada... — Devolvi, e sorri para ele olhando de forma acusatória para a câmera entre nós.

— Só tirarei uma foto sua se me permitir. — Ele deu uma mordida do seu gimpap e em seguida levou o polegar à boca que possuía alguns grãos de arroz grudados. — Lembra? Prometi uma refeição em troca daquela foto.

— Não permito, — rebati, tinha até esquecido de sua promessa — já tiraram muitas fotos minhas hoje.

— Ah. — Ele me olhou de canto, de perto ele tinha cheiro de camomila — Deveria ter chegado mais cedo.

Quando mordi meu gimpap de salmão ele estava frio, mas aqui não era tão estranho quanto no Brasil, geralmente, a maioria dos lugares serve morno, mas particularmente, o ponto é frio, a alga fica um pouco mais resistente e a bagunça que eu faço comendo é bem menor. Poderia parecer estranho comer ovo, salmão e arroz, mas era bem gostoso.

A loja de conveniência estava tranquila, algumas poucas pessoas escolhiam produtos para levar ou comer nas mesas arredondadas de fora. Encarei a vitrine de onde estava conseguia ver perfeitamente a rua, essa estava movimentada e as pessoas estavam começando a usar casacos mais pesados e máscara para o ar estranho e o vento violento.

— Na verdade, a hora foi perfeita — disse encarando minha bandeja que estava quase vazia, lembrei da forma como Taeyang andou na minha direção, e como o desespero tomou conta de mim.

Não poderia ter ficado na loja de maquiagens por mais nenhum minuto.

Jun-ho sorriu, seu sorriso era encantador, mas não alcançava os olhos, e não tinha nada de malícia ali, era apenas um garoto com uma câmera que saía com uma desconhecida.

— Falando em hora... — começou, e passou uma mão pelo cabelo preto, aquela que ele tinha levado aos lábios minutos antes, quis protestar dizendo que engorduraria seus cabelos, mas já tinha feito isso. — Preciso saber quanto tempo você ficará na Coreia.

— Precisa? — eu amassei o plástico filme e o joguei sobre o isopor.

— Sim — ele concordou.

Quando decidi ir à festa com meu pai foi o primeiro dia dessa minha odisseia coreana, mas a festa só aconteceu no dia seguinte, e para mim, tinha sido há uma eternidade. Eu calculei enquanto os olhos cor de avelã de Jun-ho pairavam sobre mim de modo que ficava difícil contar.

Desde então 15 dias tinham se passado, dias que eu alternava entre visitar lugares da infância, era tratada como parceira de negócios do meu pai, e fazia um Idol coreano voltar a sua rotina em troca da minha faculdade de artes que eu tanto queria.

— Tenho mais 15 dias em teoria, mas voltarei mais cedo, pois com a virada do tempo voar é problemático.

Ele meneou a cabeça.

— Não pode ficar por mais tempo? — Ele tinha uma voz adocicada, e fazia com que eu prestasse total atenção no que ele falava.

— Eu preciso voltar para minha mãe, faculdade e trabalho de meio período...

— Precisar, e querer, soam diferentes, não acha?

Eu tirei o celular do bolso e olhei as horas, e as notificações: pai, mãe, Taeyang e Jina totalizavam 30 mensagens novas, e eu queria retornar antes que ficasse tarde e o vento ainda mais selvagem. Olhei para Jun-ho, não queria parecer grosseira, pois essa era a segunda vez que meu celular interrompia nossa conversa.

— Me acompanha até minha casa? — perguntei, não tendo certeza se isso era algo que de fato era uma convenção social adequada, tínhamos a mesma idade, e não éramos amigos.

— Seria uma honra — ele disse se levantando. Parecia um modelo, mas assim como eu, preferia capturar o mundo através das cores de outras pessoas.

Ele tinha razão, precisar e querer são coisas diferentes. Mas quando não tenho certeza do que eu quero, o precisar vem antes de qualquer escolha.

## 18 Taeyang

Minha entrevista não parecia acabar. O detalhe que Nicole tinha deixado passar mais cedo é que era uma entrevista compartilhada com Riza, e geralmente, quando dormíamos juntos, eu evitava contato com ela por um bom período até que ela esquecesse o que tinha acontecido, mas dessa vez tinha sido ideia dela.

Não era arrependimento. É o clássico: bom enquanto dura, e nós dois nunca duramos nada além de raras noites. Ela namorou Hye durante uma promoção do nosso álbum, foi um marketing vantajoso, os dois eram vendidos como o casal do ano enquanto eu podia espalhar o caos contra a gravadora.

Nossos sentimentos não eram reais dentro da indústria, eram pretextos para mais vendas e shows. Mas Hye amava Riza, ou pelo menos, era o que eu pensava na época, mas descobri tarde demais que ele não se amava. Hye também me amava dizia sempre que eu era sua metade, seu coração era bom demais para esse mundo.

— *Oppa*, me leve para casa. — Ouvi Riza se apressar para agarrar a porta do carro no momento em que eu ia entrar, a olhei, seus cabelos rosa estavam mais intensos hoje, e combinavam com seus lábios preenchidos.

— *Vá sozinha* — disse, mas ela continuou a segurar a porta com suas unhas exageradamente alongadas.

— Eu posso ir para sua casa, se quiser. — Hesitei, olhei para ela. Usava um vestido preto justo e rendado na altura dos joelhos. — Preciso conversar com alguém sobre...

Respirei de modo irregular, sua voz era como veludo. Ela era atraente, não tinha como negar, parte de mim, a que eu não controlava queria de fato, mas a outra a que estava quebrada e tentando bater de forma compassada no meu peito...

— Não quero, e como você disse é melhor diminuirmos nosso contato. — Fechei a porta, vi que ela assistiu parada ao lado do carro da empresa. — Para casa — disse para meu motorista e segurança rapidamente, sem dar espaço para um possível ataque de fúria de Riza.

O caminho até Hannam The Hill foi rápido. Eram exatas 18h no meu celular quando decidi abrir minhas redes sociais para tentar encontrar qualquer vestígio de Nicole, mas ela era sempre um fantasma, no *Line* não tinha sua última visualização. Estava dedicando o tempo livre em algumas noites de insônia a aprender escrever o nome de Nicole, às vezes eu até tentava pronunciar do mesmo jeito que ela alongava as vogais no meu nome e encurtava as consoantes. Estava falhando com frequência, e esses aplicativos de idiomas no celular eram uma abominação.

Algo chamou minha atenção assim que passamos pela portaria, eram duas pessoas, uma rapaz alto segurando uma câmera, e a outra era uma menina de cabelos cheios e moletom largo, chicletinho.

— Pare o carro — eu disse, sem tirar os olhos da janela — vou descer aqui.

— Mas senhor...

— Pare o carro.

Observei a velocidade ser ainda mais reduzida, e o carro foi estacionado depois de passar pelos dois, não me despedi e nem olhei para meu motorista, sabia que ele voltaria para a gravadora

deixar o carro. Nicole me olhou surpresa. Ela estava perto do cara da câmera e ele ria que nem um pateta alegre.

— Boa noite — ouvi ele dizer em tom polido, ao perceber que eu o encarava.

Não devolvi o cumprimento, olhei para Nicole que estava com a boca entreaberta.

— Recebeu minhas mensagens? — perguntei, e novamente meus olhos foram atraídos para a câmera no pescoço dele, suas mãos estavam nela.

— Não li nenhuma — ela me respondeu, seus olhos estavam inquietos e suas mãos foram para os bolsos da calça — estava com Jun-ho.

— Oi, é um prazer conhecê-lo... — Estendeu uma mão no ar para mim, eu o olhei como se ele fosse uma recém-descoberta doença. — Sou Park Jun-ho, pode falar informalmente comigo.

— Que seja. — Meneei a cabeça na direção dele, pelo menos tinha parado de sorrir como um pateta na direção de Nicole — Por que está seguindo ela?

Ele recolheu a mão do ar e voltou a segurar a câmera, qualquer flash, e eu o chutaria daqui.

— Eu estou acompanhando Nicole até sua casa — disse me corrigindo, sorriu que nem um *nerdão*, e olhou para Nicole de canto, que devolveu o olhar. Algo queimou em mim. — É o mínimo que eu poderia fazer...

— Você não é responsável por ela, parecem ter a mesma idade. — Interrompi.

— O que deu em você? — perguntou Nicole, olhando fixamente como se eu fosse um inseto, ela deu um passo à frente e se colocou entre nós.

O que tinha dado *nela* ?

— Você saiu no meio do trabalho para encontrar esse cara? — Apontei para o idiota da câmera.

— Esse cara tem nome, *e sim* ! Você estava gravando e não precisava de mim lá.

Lembro de ver Nicole recuar conforme eu avançava e em seguida vê-la correr para os fundos da loja, Jina havia me segurado pelo braço, e pela primeira vez um dia na minha carreira solo, eu tinha sido o que minha empresa queria. Observei Nicole sair.

Mas se eu soubesse do seu gosto duvidoso teria impedido.

— Acho melhor eu ir, Nicole. — Olhei na direção dele, e Nicole fez o mesmo, virando o corpo.

— Concordo — respondi.

— Não falei com você. — Ele me olhou, fixamente, seus olhos eram marrons e ele parecia um modelo barato.

— Mas eu falei com você — murmurei, me ignorou quando Nicole se aproximou dele, eu assisti a cena.

Minhas mãos estavam úmidas, e me sentia quente.

— Obrigada por me acompanhar, chegarei em segurança em casa — ela disse, sua voz estava doce, o tipo de som que eu teria dificuldade de ouvir sozinho com ela. — Esse idiota vai me acompanhar, tenho certeza.

Ele me olhou por cima dos ombros dela.

— Tem certeza que está tudo bem ficar com esse cara? — Ele sabia quem eu era, disso tinha certeza, sua postura perto de mim, seu controle, tudo me irritava, e principalmente o jeito que ele olhava para Nicole.

— Muito melhor do que ficaria com você — respondi, e ambos me ignoraram.

Revirei os olhos.

— Sim. — Ouvi Nicole dizer — Ele pode ser considerado como um irmão. — A última frase saiu com um engasgo, e pela tonalidade, sabia que ela estava mentindo. — Obrigada pelo encontro, adorei ter ido na loja de conveniências.

Eu ri e ambos olharam.

— Chegue em segurança em casa. — Ouvi Nicole dizer docemente para ele, e me olhar em seguida para ver minha reação, suponho.

O idiota emitiu algo em concordância, eu mal o entendi. Assisti enquanto ele se afastava em direção a portaria do condomínio, e senti o olhar de Nicole em mim.

— O que foi isso? — ela voltou a perguntar.

Olhei para ela, já não me sentia quente, mas sim ridículo, como no começo do dia. Apertei os braços em volta do corpo quando o vento soprou, os cabelos dela se mexeram como flores. Ela me encarava, e eu sentia um descompasso toda vez que isso acontecia.

— Eu não sei — respondi.

— Você deu um show agora pouco e está me dizendo que não sabe?  
— Empinou o queixo na minha direção, ela não deveria fazer isso tão perto. Minhas mãos formigaram, e senti minha boca secar.

— Eu só não gosto daquele cara. — Queria dar um passo da direção dela, mas não acredito que seria necessário, poderia puxar Nicole para perto, eu queria fazer isso.

Ela levou as duas mãos na cintura.

— Simplesmente *não gosta* ? — Nicole bufou e deu um passo na minha direção, ela estava perto, perto demais. Eu sentia seu cheiro adocicado inundar meu ser e sentia seu calor irradiar na minha direção.

Não, eu não gostava, simplesmente assim. A ideia de imaginar os dois numa loja de conveniência rindo juntos... Em lembrar como aquele idiota tinha olhado para Nicole, com aquela malícia estampada. Ela continuou olhando para mim, seus olhos eram enormes e intensos, poderia mudar de nome facilmente pela possibilidade dessa visão diária.

— Um garoto bonito não pode se aproximar pelo simples fato de gostar da minha companhia? — voltou a falar furiosa.

— Isso não tem relação alguma...não é por isso! — Me sentia inquieto.

— É por que então?! — Ela inclinou a cabeça, havia chamas no olhar.

Minha mão que estava pegajosa e quente voou para a lateral do rosto de Nicole, senti sua pele entre meus dedos, o contato formigou minha pele, a outra foi para sua cintura, e como um louco impulsivo, puxei uma Nicole furiosa para perto.

## 19 Nicole

As mãos dele eram como brasas na minha pele. O vento parecia um sussurro distante, eu vi Taeyang abaixar o rosto, de modo que se eu

quisesse alcançar ele eu conseguiria, mas ele não esperou que eu fizesse isso. Ele foi rápido ao me alcançar.

Sua mão apertou minha cintura, e a outra escorregou do meu rosto para a nuca. Por um breve segundo seus olhos dourados encararam os meus, eu não quis recuar quando senti os lábios dele roçarem os meus em busca de uma abertura, tinham gosto de baunilha e eram suaves. Algo se agitou em mim no exato momento em que ele encontrou o que procurava.

Sabia que deveria recuar. Nutrir esse tipo de... *coisa* era nocivo. Parte de mim repetiu isso mentalmente, mas a outra parte foi envolvida pelos círculos que os dedos longos de Taeyang traçavam pela minha nuca. Seu beijo era intenso. Senti sua língua entrelaçar na minha e em seguida senti ele traçar mordidas suaves pelo meu lábio.

Precisava respirar, sentia que todo meu ar tinha sido roubado. Meu corpo inteiro queimava e flutuava, ergui minha mão e enterrei nos cabelos dele, eram macios e frios ao toque.

Não tinha esquecido seu mais recente discurso idiota sobre Jun-ho, e em como isso poderia acabar de um jeito ruim. Ele era um k-Idol prestes a retornar com tudo na indústria, nutrir sentimentos assim eram prejudiciais para nós dois. Beijar Taeyang era aproveitar o começo de algo conseguindo sentir o fim. Era doloroso, sufocante e viciava.

— *Taeyang* — eu sussurrei entre seus lábios, eu o afastei. Não respirava. Ele afastou brevemente o rosto, e me avaliou.

Ele era terrivelmente bonito.

Com um gemido baixo do fundo da garganta ele me puxou para perto. Quando senti ele morder meus lábios novamente, eu emiti o mesmo som, um pouco entrecortado, isso intensificou alguma coisa em Taeyang e sua pressa me envolveu. Sua respiração estava

irregular e conforme ele me puxou para perto de si eu senti nossos corpos se tocarem, e a esse ponto não sabia mais dizer se sentia o descompasso do coração dele ou do meu.

Com o ínfimo de força que eu ainda julgava ter, eu empurrei Taeyang.

— Não — repeti o que tinha dito na noite anterior.

— Por que não? — ele perguntou, seus olhos estavam dourados por conta das lentes que ele odiava, mas ali eu via abismos que estavam me puxando para junto de si.

Eu não sabia nem por onde começar a responder isso.

— Porque essa foi a coisa mais assustadora da minha vida — eu disse, e vi ele piscar, claramente confuso. — E eu acho melhor eu ir...para casa.

Suas mãos continuavam onde estavam minutos antes. Eu o olhei, avaliei. Na loja, parte de mim, a que não conseguia parar de encarar Taeyang havia se perguntando como seria o gosto dos seu lábios, já outra parte tinha plena consciência do que poderia acontecer. Eu fui uma criança que cresceu com *Disney Channel*, em Hannah Montana eu vi Miley tentar ter envolvimento com alguém como eu.

Taeyang era minha Hannah Montana. Ele não poderia ter o “melhor dos dois mundos” aqui, ele era apenas um cantor que mal podia ir a cafés ou bares sem ser reconhecido. Vivia com um boné, máscara ou óculos escuros a fácil alcance. Mas para mim, ele tinha sido o primeiro garoto que eu deixei se aproximar, mesmo lutando para evitar Taeyang e suas esquisitices, eu acho que não poderia negar que eu estava começando a me apaixonar por um Idol que agia como um inseto longe dos holofotes.

— Essa está no meu top 5. — Ouvi Taeyang murmurar, ele me soltou e levou uma mão aos cabelos, como um garoto preguiçoso faria. —

Mas eu te beijaria até o momento em que eu conseguisse contar todas as estrelas do céu.

— Não diga essas coisas pra mim — rebati, recuei um passo, e coloquei as mãos nos bolsos. — Não muda o fato de você ter sido um completo idiota com Jun-ho.

Ele suspirou alto.

— Nunca disse que mudaria, mas esse cara não é a melhor companhia que você poderia arrumar.

Minhas mãos ainda estavam estranhas, olhei para seu cabelo perfeitamente alinhado hoje e azul como um dia bonito. Eram frios e macios. Sua expressão estava diferente, seus olhos não eram divertidos e seu sorriso malicioso não estava mais ali.

Seu olhar era penetrante e seus lábios eram uma linha fina, vi que a cor do *liptint* se espalhou pelo seu rosto, provavelmente o meu não estava diferente. Eu olhei em volta, por um momento, eu tinha esquecido que estávamos em público, no Brasil isso não era estranho, dois jovens se beijarem em um local público, aqui na Coreia, quartos costumavam serem alugados ou karaokês para que os jovens fizessem isso longe dos olhares dos mais velhos.

Não havia ninguém na rua. Eu tinha esquecido completamente de Jun-ho quando Taeyang me puxou, não sabia se ele tinha visto aquilo, e também por que eu estava pensando sobre isso.

— Você está sendo irracional, Taeyang — respondi — e como pode decidir quem seria a melhor companhia pra mim?

— Você está sendo racional *demais*, chicletinho — ele falou junto comigo, e enfiou as mãos no bolso da sua calça jeans desbotada.

Ele olhou para o céu, o sol estava começando a se esconder atrás da colina e a Torre de Namsan já estava acesa e sendo o ponto de

referência de Seul.

— Eu não posso decidir isso — respondeu ainda encarando o céu.  
— Isso é só você, mas aquele cara não...

Bufei e passei por Taeyang na calçada, meus passos eram ruidosos e pesados, ouvi ele quebrar algumas folhas com seus sapatos brilhantes. E em seguida senti meu braço ser agarrado, virei metade do corpo para encarar Taeyang. Seu polegar roçou meu pulso.

— Eu disse que vou te levar para casa. — Encarei sua mão pálida, e senti as pontas dos seus dedos ásperas esquentarem o ponto onde estavam.

Puxei o meu braço, e ele soltou.

— Fale e ande — eu disse em resposta, e voltei a caminhar por Hannam The Hill como se não tivesse dado o melhor beijo da minha vida com a pessoa mais idiota do mundo.

## 20 Taeyang

Não era uma surpresa alguma eu ter beijado Nicole, o que me surpreendeu foi Nicole ter me beijado de volta. Eu caminhei ao seu lado durante os poucos metros que ainda tínhamos, ela havia pedido para não a irritar, mas estava bufando sozinha ao meu lado, enquanto eu permanecia quieto, o que também não durou muito.

— Olhe as estrelas, chicletinho — sussurrei, me inclinei na sua direção e a vi dar um passo para o lado para desviar, enquanto eu falei vi uma fumaça de baixa temperatura agarrar minha voz no ar.  
— Sempre faço isso quando estou bravo.

— Eu não estou brava! — rebati imediatamente, me olhou. Ainda tinha dificuldades em encarar Nicole, me lembro da sensação de ter seu olhar sobre mim e tão perto. Ela havia me afastado, mas eu não

estava machucado com isso. — Estou um pouco surpresa, e irritada... — ela murmurou, e eu parei de andar, contive o impulso de segurar seu braço para que parasse, mas ela fez isso por conta própria, estávamos perto de sua casa, eu podia ver o gramado e os prédios perfeitamente cuidados daqui.

Nicole não era de falar sobre sentimentos, aliás, parte de mim estava grata por algo que eu não tinha certeza se existia. Vi ela morder os lábios cheios, e desviei os olhos do gesto.

— Surpresa? — perguntei, sentindo as pontas dos dedos gelarem, enfiei as mãos nos bolsos, o que também me impediria de fazer outra idiotice.

— Por que me beijou, Tae? — esperei ela completar meu nome, mas não fez isso, algo se revirou no meu estômago.

*O que tinha acontecido comigo ?*

Como numerar isso sem parecer um louco? Se bem, que não conhecia um único poema sobre amor que não beirasse a loucura. Um sentimento contraditório e extraordinário é o mesmo amor. Balancei a cabeça. Nicole não podia saber o que eu estava pensando, mas vi ela me olhar daquele jeito usual, inclinando uma sobrancelha.

Não sabia colocar em palavras o porquê tinha a beijado mesmo sabendo que ela estava furiosa com algo que não era culpa minha. Como explicar que sua voz puxava um fio esquecido na minha alma, de um jeito diferente do que a música fazia, mas isso também me fazia sentir vivo, como eu não era há um ano e dois meses.

— Me sinto doente toda vez que penso nisso e não faço — respondi, e voltei a andar.

— Não pode falar essas coisas pra mim! — ouvi Nicole apressar os passos para me alcançar.

— Você já me disse isso, chicletinho — rebati — ou prefere, *noonna* ?

Vi Nicole ficar vermelha, como tinha ficado mais cedo. Isso era algo extremamente romantizado em dramas, mas por aqui, era comum, mas torci para que Nicole enxergasse a ambiguidade do termo. Ela enfiou um cacho revoltada atrás da orelha, e vi seu caminhar virar uma marcha.

— É claro que não prefiro *noonna* ! — ela arqueou as sobrancelhas e me alcançou, senti seu braço roçar o meu, olhei e me contive. — Nem sabe se sou mais velha!

Eu ri.

— Nasci em 30 de dezembro, ano do tigre, e sei que nasceu no ano do coelho, depois de mim. — Tinha feito minha lição de casa graças à Jina.

— Usa termos de tratamento a esmo? — me olhou, o rubor tinha sumido.

— Só não ligo para esse tipo de baboseira mesmo — respondi e parei, tínhamos chegado. — Te chamei de *noonna* porque queria ver se era maliciosa.

Estava brincando com o perigo, percebi tarde. Ela piscou, processando o que eu havia dito.

— Direi para Jina, que as informações que trocamos são confidenciais. — Alisou o moletom.

— Você pode me contar cada ínfimo detalhe seu.

— Para uma celebridade você é desocupado, Taeyang. — Ela voltou a me chamar pelo nome.

*Ah* .

— Para uma empresária temporária, você é tão atrevida, beijando seu funcionário... *Tcs...Tsc ...*

Ela corou, e contive uma gargalhada.

— Boa noite — ela respondeu, e com isso saiu marchando pelo gramado em direção à porta de vidro.



Quando cheguei em casa eu congelei sobre o gramado, meus pés pareciam concreto maciço. Na porta de vidro polido estava uma mulher esguia com os cabelos platinados na altura do queixo, seu rosto era acentuado em V e ela estava usando um sobretudo preto até os joelhos e óculos, a última vez que a vi meu irmão ainda respirava.

— Está perdida, mãe? — perguntei e assisti ela se virar na direção da minha voz com um sorriso estampado.

— Ty! — ela me chamou pelo meu apelido de infância, e caminhou pela grama, afundando o salto fino da sua bota preta, fiquei parado quando ela se aproximou rápido demais para um abraço, seus braços eram firmes e me envolveram.

Revirei os olhos. Ela tinha um cheiro enjoativo de sálvia. E sua voz me irritava.

Eu a afastei com cautela.

— O que você quer, mãe? — perguntei e caminhei até a entrada, não precisei olhar, sabia que ela estava me seguindo. Ela era um pouco mais baixa que eu de salto, mas ainda assim era alta.

— Preciso de alguma coisa para ver meu filhinho lindo? — ela sorriu, docemente. Não me enganava.

— Sempre precisa, se for dinheiro, pode mandar mensagem e faço transferência, não precisa me incomodar.

Abri a porta de casa tão rápido que a trava eletrônica teve dificuldades de acompanhar meu digitar no painel. Coloquei minha senha: “30/12” era o meu aniversário, mas também era o do meu irmão. Eu passei e minha mãe passou em meu encalço, talvez com medo de ser fechada para fora, e eu fazia isso sem pensar duas vezes.

Me joguei no sofá após despir meu calçado no Hall, peguei a minha pantufa de coelho rosa, a qual eu me orgulhava de ter comprado por conta própria, Jina já não via motivo para isso, mas a gravadora a deixava patética. Minha mãe ficou só de meias e sentou-se na minha frente, sua jaqueta fez um barulho esquito no sofá, fricção de couro. Isso me deu um arrepio.

— Direto ao ponto — eu disse esfregando os olhos, eu estava tentado em virar a noite e terminar a passagem de 2 faixas que eu já tinha na manga, o que me deixaria com mais cinco para produzir mais tarde.

O nariz dela era alongado e artificialmente afinado, tinha maquiagem nos cantos dos olhos em tom de marrom na tentativa de ampliar o côncavo. Eu tinha as mesmas sobrancelhas que ela quadrada no início e que se afinava no término.

Nunca fui seu filho favorito, é claro, e eu entendo. Mas nunca tive um dos pais como favorito, e isso era estranho.

— Não vim te pedir dinheiro! — ela enrugou a testa, percebendo o gesto levou dois dedos na região e começou a massagear.

Revirei os olhos e me encostei no sofá.

— Seu pai me procurou — disse um pouco engasgada, ela tinha seguido a vida depois da morte de Hye, aparentemente tinha

cansado de tentar ser boa mãe e boa esposa e fracassar nos dois.  
—, disse que você o enfrentou em público.

— É sério que está aqui por isso? — Quis verdadeiramente saber. —  
Prefiro te fazer um cheque.

— Ty...

— Não me chame assim! — arrumei a postura e olhei no fundo dos  
seus olhos, era difícil me manter no presente. Me manter no  
controle.

— Você está canalizando mal a sua raiva...

— É sério? — ri.

Durante meus 20 anos em que estivemos sobre o mesmo teto ela  
assistiu constantemente eu me colocar na frente de Hye para que  
meu pai batesse em mim, e não nele, me colocar diante de seus  
ataques diários, e observei ela assistir passivamente a tudo isso, e a  
sorrir em público elogiando meu pai como o marido perfeito e o  
melhor chefe de família.

Achei que naquela época eu poderia ser consumido pelo meu  
próprio ódio, culpava a mim mesmo em segredo por não ser um  
filho perfeito. Mas depois de um tempo eu percebi que o problema  
não estava em mim, mas nos meus pais de merda.

— Ty...Taeyang — ela falou de modo brando, passou as mãos  
alongadas pelos joelhos, seu cabelo perfeitamente escovado deslizou  
pelo rosto em uma torrente prateada. — Seu pai se preocupa com  
você.

— Ele se preocupa com Taeyang, o cantor, não com o filho. —  
Estava com a garganta apertada, me levantei e caminhei até a  
cozinha ao lado, fui direto para a geladeira preta de portas duplas,  
peguei uma garrafa verde de *soju chamisul*, eu não costumava

beber em dias calmos. Mas hoje era uma montanha russa que só ia para cima.

Sem minha carreira, meu pai não tem a dele. Não importa o meu estado psicológico, preciso proporcionar lucro.

Fechei a porta com um ruído, e destampeei a garrafa na base bancada americana. Voltei para sala com a bebida nos lábios, como sempre seu sabor e aroma eram refrescantes e levemente refinados, era doce e misturava algumas sensações de frutas no gosto.

— Eu gostaria de ter uma. — Ouvi-a dizer no sofá, olhei para a bebida na minha mão, e olhei para minha mãe em seguida.

— Se sirva, a cozinha é por ali.

Me olhou mortificada.

— Esse não é o caminho...

— Essa é a minha casa, aqui dentro, não existe hierarquia da família “Kim”, a propósito, essa é a primeira vez em anos que falo esse nome. — Bebi mais um gole. — Não quero saber do velho nessa casa, e não quero olhar para você...

Ela inspirou, vi seus olhos brilharem e parei. Eu deslizei a garrafa pela mesa de centro e ela pegou na ponta oposta.

Que noite estranha. Achei que com todo o dinheiro que dava, não a veria tão cedo.

— Seu pai tomou caminhos errados, Ty, você não precisa tomar esses caminhos...

— Então, *mãe*, o que sugere? — perguntei, me sentia um pouco alto

— Que eu apanhe em silêncio como costumava fazer? Para que ele

satisfaça o ego doentio dele? — eu ri — vocês se merecem tanto...Pena que agora ele arrumou outra.

— Chega! — gritou, batendo a base da garrafa no móvel. — Pare de ser tão agressivo comigo, Taeyang. Juro que tentei ser a melhor mãe que vocês poderiam ter, estava tão perdida quanto vocês, o que eu poderia ter feito?

— Tentado mais — respondi, esfreguei os olhos e tentei respirar, mas aquela mão invisível estava ali na minha garganta tornando isso difícil.

— O que eu poderia fazer para reparar isso? — perguntou.

— Sair da minha casa. — Ela me olhou, sua sombra estava borrada — Agora!

Me encarou, e soltou a bebida na mesa. Meu coração estava doendo de um jeito familiar.

— Olhar pra mim não vai te fazer melhor, mãe — disse me sentindo derrotado — você é tão culpada pela morte do Hye quanto qualquer um da nossa família, e espero que não se esqueça disso .

Eu afundei no sofá, não a vi sair, mas escutei a porta bipar ao ser fechada. Estava trancada e eu estava sozinho nessa casa grande, senti o frio me consumir, meus dedos eram quase impossíveis de sentir. Eu precisava olhar as estrelas, desesperadamente. Isso de fato me acalmava, mas decidi canalizar todos esses sentimentos: amor, tristeza e raiva de um jeito que eu sabia bem fazer, mas estava tentando continuar sozinho.

Joguei minha garrafa de soju que minha mãe também tinha bebido na parede, e vi ela se espatifar ruidosamente e manchar a tinta creme. Assisti parado ao lado do sofá, eu teria que limpar uma hora, mas não agora.

Caminhei para meu quarto de música, eu terminaria de rodar *Sweet Night* até ficar rouco e meus dedos dormentes, eu gravaria e editaria a faixa em uma noite, portanto era certo que ela seria longa. Olhei para as molduras vazias do corredor, todas as fotos estavam guardadas em uma caixa de MDF amarela que eu deixava debaixo da cama, eu não tinha coragem de voltar as imagens para o corredor.

Me olhar no espelho já era doloroso demais. Hye podia se parecer comigo por fora, mas por dentro ele era muito mais bonito do que eu um dia serei. Meus olhos ficaram turvos, e minha garganta ardeu. Eu tinha esse tipo de rotina com ele, acordávamos às 6h da manhã e costumávamos parar às 22h da noite, seis vezes durante a semana, intercalávamos entre ensaios fotográficos, estúdios, práticas de dança e programas de TV.

Ele sempre atraiu olhares por ser doce, e simpático, eu tinha que me esforçar o dobro para ser simpático, e Jina o triplo para me fazer ser produtivo. Não precisava de mais nada naquela minha época de caos, porque eu tinha o Hye, que em meio a tormenta era a minha calma, e por ele eu aguentaria vários e vários dias na tempestade incessável.

O que falei para minha mãe era verdade, nós três tínhamos uma parcela de culpa na morte do meu irmão. Eu não percebi o que ele escondia, e Hye era minha metade, sempre me orgulhei por saber quando mentia ou escondia algo, mas essa coisa, a mais importante, eu não soube. Minha mãe gostava de me ver, pois por fora, nós éramos os mesmos, com a exceção de uma pintinha que ele tinha abaixo do olho esquerdo.

Já o meu pai, era o pior de nós. Esticou a última linha de resistência de Hye e o chamou de fraco até o último minuto, até quando eu encontrei seu corpo na banheira do nosso quarto...Eu tinha dificuldades ao deitar no meu travesseiro todas as noites, porque

sozinho, voltava para um ano e dois meses, e via a poça escarlate escorrendo pelos braços pálidos de Hye.

Lembro vividamente de implorar para os céus que o salvassem. Não tive resposta, e nem nunca teria. Minha mãe chegou com a minha histeria. Mas Hye já estava frio, como as águas do Rio Han.

Eu peguei o violão preto pendurado na parede bem iluminada, ele agora estava marcado com meus dedos, mas costumava ser bem polido. Toquei o nome no braço escrito em dourado "Tae", mas antes estava gravado "Hye", em vida, ele não me deixava pegar seu violão, pois dizia que eu arranhava a tintura do braço, o que era verdade, mas agora eu tomava o cuidado com as minhas unhas para que sempre ficassem bem curtas.

— Cuidarei bem do seu violão, irmão — eu falei agarrando o braço do instrumento até que minha mão doesse.

Eu cantei até minha voz falhar e meus dedos implorarem para que eu parasse. Fazendo o trabalho de passagem sozinho eu levaria o dobro do tempo, mas estava tudo bem, eu tinha muita coisa para pensar. Olhei para a janela, a noite estava estrelada, e enquanto eu observei a noite virar madrugada, e a madrugada dia, torci para que Nicole estivesse bem, e que ela continuasse constante na minha vida.

*Ela teria se dado tão bem com você, Hye .*

## 21 Nicole

Eu não consegui relaxar durante a noite.

No terceiro ano do ensino médio tinha um garoto bonitinho, seu nome era Daniel e ele tinha uma banda de rock, e com ele eu dei meu primeiro beijo. Tinha sido depois da aula no portão da escola, na época eu não achava que seria algo importante, e eu não tinha

sentindo absolutamente nada. Foi um rompimento no espaço-tempo onde eu havia congelado naquela sensação esquisita, eu não sabia para onde minha língua tinha que ir, e ele parecia um desentupidor.

O boato se espalhou rapidamente pela escola. Começaram a enviar mensagens de texto dizendo que eu tinha perdido o "BV" com Daniel, e ele não desmentiu isso, em partes, é porque não havia inverdades nas fofocas, e porque ele era um babaca. Não consegui relaxar durante a noite pensando em Taeyang, com seu beijo eu tinha me sentindo diferente, me senti quente, fria, e ansiosa, eu queria mais, queria muito mais de Taeyang, mas o pouco que sabia sobre ele tinha sido sobre Jina e sobre o k-pop, que não era um campo de vasto conhecimento meu, tinha pesquisado na internet.

Tinha visto algumas notícias por cima de Taeyang, algumas agressões dele contra paparazzis e boatos de relacionamentos, mas em minha defesa eu não pesquisei seu nome, eu queria ver como era a construção de carreira de Idols, e era infernal. A maioria deles tinha contratos mirabolantes, e em comum, vários levavam a cláusula sobre relacionamentos, que era um ponto estritamente delicado, pois eles tinham a constante necessidade de parecerem disponíveis para seus fãs.

Senti um arrepio ao ler. Não deveria pensar nessas coisas, mas uma coisa era a mídia supor o relacionamento de Taeyang com Riza, outra coisa era estipular absurdos comigo. Isso mataria sua reputação em vários tabloides. E sei que Taeyang mesmo sendo talentoso e...E... *Bonito*, não era o suficiente para os padrões comportamentais coreanos.

Eu intercalava meu tempo entre estudar, desenhar, e tentar me reaproximar do meu pai enquanto fazia um k-Idol voltar para os palcos, ou tentava. Mas eu estava começando a me sentir suja ao fazer isso, Taeyang era um completo idiota a maior parte do tempo, mas ele tinha feito algumas coisas por mim que mais ninguém havia feito antes.

Quando Taeyang me deixou em casa, meu pai estava me esperando com *tteokbokki*, que era uma sopa feita à base de arroz enroladinho com algumas outras coisas que eu não fazia questão de diferenciar, preferia gimpap, ou a tradicional pizza.

— Como foi seu dia, Nick? — ouvi ele perguntar indicando a mesa, ele estava com alguns botões do colarinho da camisa branca abertos e seus cabelos estavam levemente desgrehados.

Eu maquiei um idiota, saí com outro cara, e depois fui beijada pelo mesmo idiota que tinha feito algo saltar dentro de mim. Quando eu o conheci jamais pensei que isso aconteceria conosco, levaria Taeyang para o hospital e tudo terminaria ali. Mas meu coração estava me traindo a cada dia que eu passava na Coreia, estar perto dele era diferente agora.

Jun-ho era a fantasia que eu tinha criado na minha cabeça para distrair meu descompasso com Taeyang, ele era calmo, gentil e estava o mais próximo da minha realidade, não viria acompanhado de fãs histéricos. Mas quanto mais eu pensava e tentava desenhar para esvaziar minha mente, mais percebia o quão ingênua eu era sobre meus sentimentos.

— Normal, auxiliei Jina e Taeyang no que pude — disse me servindo de *tteokbokki* com uma das tigelas fundas em tonalidade de vinho que estavam dispostas na mesa arredondada da casa de papai, ela tinha espaço para quatro pessoas.

Não menti ao responder, mas não era toda a verdade. Não diria ao papai que beijei um garoto, mesmo se ele visse com os próprios olhos.

Mas parte de mim desconfiava que ele passaria todos os panos que pudesse se o garoto fosse Taeyang.

— Normal é bom — ele repetiu, fazendo o mesmo.

Na mesa haviam hashis metálicos e colheres de cabos longos, diferentes das que usava no Brasil. Comer com hashi não era nenhum desafio pra mim, mas comer com uma colher era muito mais próximo da minha coordenação, mesmo tendo influência dos dois lados da família, eu passava maior parte do tempo no Brasil, e lá, comia boa parte do tempo de colher, quando ia a algum restaurante usava garfo e faca, para não parecer uma doida.

Mas eu nunca teria a agilidade que papai tinha com hashis, mal via ele fazer uma pausa entre uma pinçada e outra, e o barulho que ele fazia ao comer era muito audível, eu assisti a cena entretida.

— Sua mãe ligou para mim, disse que você não respondeu às mensagens dela...

— *Oh.* — Tinha esquecido totalmente do meu telefone, vi que tinha muitas notificações de Jina e Taeyang, mas esqueci de checar por atualizações da minha mãe, ela estava empolgada para o aniversário da vó Maria, que seria ao fim desse mês, e eu deveria estar lá para a ocasião, mas... — Vou ligar mais tarde. Obrigada, pai.

Vi ele remexer a tigela, e me olhar sob suas espessas sobrancelhas.

— Olhei os rascunhos que você fez para o conceito dessa temporada para Taeyang, e estou impressionado, Jina também ficou.

*ah.*

Eu não tinha elaborado muitos desenhos, Jina tinha me dado poucas instruções e muita liberdade de criação, só que eu nunca tinha desenhado roupas.

— Obrigada, pai. — Raspei a colher no fundo da minha tigela.

Eu tinha me orgulhado, para uma primeira vez parecia promissor. Havia usado como inspiração a primeira imagem que tive de Taeyang: Um menino lindo usando roupas de plumas, parecendo um

corvo em fuga, eu ainda tinha essa jaqueta, a que ele havia deixado no banco detrás do carro e agora ocupava um bom espaço no meu roupeiro. O desenho que mais se destacou foi uma calça de couro com um blazer preto e vermelho com rosas negras desenhadas e cravejadas de pedras brilhantes.

Aquela roupa era a cara de Taeyang. Havia mandando uma foto para Jina, e ela havia encaminhado para uma estilista renomada na indústria que tinha proposto a confecção em três dias por saber quem usaria, Jina havia contado que para ter uma roupa com ela, era necessário agendar com um ano prévio.

Confesso que não lembrava a última vez que minha mãe ou pai tinha elogiado um desenho meu.

— Isso me fez pensar... — Ele repousou o hashi ao lado da tigela, a luz quente do ambiente iluminou suas feições gentis. — A Universidade Nacional de Artes da Coreia está com inscrições abertas para o próximo semestre, existem 26 departamentos no campo artístico.

Senti minha boca se abrir automaticamente.

— Pai... — Eu não soube o que responder.

Nunca tinha pensado sobre isso. Sabia que queria cursar artes, mas até então minha fixação estava na Mackenzie, estaria em São Paulo, e perto da minha mãe, a que surtaria quando descobrisse que não faria Direito. Suspirei. Era algo muito grande para uma resposta rápida.

Há quinze dias teria respondido: simplesmente não. Não hesitava por Taeyang, como eu mesma já repeti pra mim, ele é minha Hannah Montana, não posso alcançar um lugar ao sol perto dele, mas a questão é, eu sempre enxerguei listras brancas e pretas numa zebra, sendo que ela é os dois. Eu sou os dois, sou brasileira e coreana, e até então só me via em um emprego de meio período

para bancar minha faculdade, me esquecendo totalmente de olhar além.

— Apenas pense que, se quiser ficar aqui comigo, eu posso te apoiar nisso. — Ele esfregou os olhos.

— Obrigada, mas — eu respondi, um pouco atordoada, e me lembrei do beijo de ontem, eu ainda não sabia se era o momento certo — eu não sei se eu posso continuar nisso em troca de apoiar Taeyang.

— Ele não cuidou bem de você? — ele pareceu verdadeiramente preocupado.

— Não é isso... só não parece certo agora, esse tipo de acordo. — Suspirei, estava trocando uma faculdade por um garoto idiota, mas, assim eu poderia ficar perto dele sem sentir o peso do universo nas minhas costas. — Estou usando ele...

— Não seja *babo*, Nick. — Meu pai sorriu, misturando português e coreano numa mesma frase — Taeyang é um astro, você está encaminhando sua vida.

— Entendo. — Sem o melhor dos dois mundos, sem seu brilho. Pisquei, meus olhos estavam pesados, mas era a conversa e não de fato a vontade de dormir. — Mas não me sinto confortável com isso, Taeyang sendo um astro ou não.

Meu pai suspirou.

— O que pretende fazer de agora em diante? — Ele me perguntou, eu empurrei levemente a cadeira para caminhar até meu quarto.

— Terminarei o que eu comecei, e talvez eu consiga voltar a tempo para o aniversário da vó Maria, no dia 31.

Ele me olhou indignado.

— Se planeja voltar para o Brasil, precisa evitar as tempestades, não só as meteorológicas.

Eu sabia que o caos estava consumindo cada partícula de bom-senso e esperança, sabia que eu precisava de ajuda com a faculdade, e parte de mim, ficava indignada com meu pai por conta disso, deveria passar pela cabeça dele, que poderia me ajudar sem fazer um pacto comigo em uma encruzilhada que estava meu presente e futuro em jogo.

Sabia que era errado. Mas sabia que era uma boa jogada que eu tinha, e me odiaria o resto da vida se continuasse com isso.

— Pode deixar, papai — eu disse a meio caminho do quarto.

O peso me fez afundar. Eu encostei na porta branca do quarto após fechar, e escorreguei o corpo por ela e fiquei no chão frio observando a noite virar dia. Eu apertei meus cachos encaixando a cabeça entre os joelhos, e chorei consumida pela impotência.

## 22 Taeyang

**Não me sinto bem para te acompanhar hoje, sinto muito.**

Encarei a mensagem de Nicole pela terceira vez, digitei alguma coisa e apaguei várias vezes, meus dedos estavam levemente trêmulos por tocar a noite toda, senti o controle perdido deles junto com a aspereza do meu toque na tela, por fim eu digitei algo sem parecer desesperado:

**Me ligue se precisar de alguma coisa.**

Na noite anterior Nicole tinha dito que para um Idol eu era completamente desocupado, o que não chegava a ser mentira, ainda mais quando o assunto era ela.

Mas se tudo continuasse a caminhar, logo eu teria minha antiga rotina de volta, a que eu estava constantemente sob controle.

— Isso aqui é topo de parada nos Estados Unidos — Jina parecia segurar barras de ouros entre os dedos, mas era só a capa das duas demos que eu tinha passado a noite rodando, estávamos num estúdio da gravadora escutando, Eu, Jina, e Alec, um produtor e compositor conhecido por aqui.

Ela tinha pedido para rodar *Sweet Night* mais uma vez, e eu já estava ficando transtornado pela quantidade de vezes que tinha que me ouvir cantar, e eu tinha feito isso a noite toda, logo eu ficaria irritado sem um *latte*. Essa música era sobre Nicole, eu não tinha como negar, e nenhum motivo para fazer isso também.

Eu e Hye sempre fomos um trunfo nas mãos da gravadora por termos um inglês limpo e fluído, desse modo podíamos colocar os refrões das músicas em inglês ou cantá-las completamente dessa forma. Eu ter produzido uma faixa totalmente em inglês ajudaria para meus fãs de outras partes associarem melhor a letra, mesmo que fosse uma música romantizada no violão, seria algo que poderia grudar no topo, e com os tabloides, minha equipe de marketing não precisava de tanto trabalho.

Meu nome se divulgava sozinho, eu era um dos gêmeos para aqueles que não nos conheciam. Mas para quem conhecia, eu era alguém que estava renascendo da merda das cinzas que fui soterrado.

O estúdio em que estávamos rodando as faixas era bem diferente do meu, a mesa enorme preta que tinha vários e vários controles e caixas de som enormes quadradas bem dispostas era praticamente colada com o vidro grosso que era usado para isolar o som da cabine de captação de voz. Eu tinha passado muito tempo dentro daquela cabine, até o momento de me irritar e criar a minha, mas ainda sim, eu vivia voltando aqui.

Eu analisei minha mão, me controlando para não alcançar o celular que eu tinha acabado de guardar no bolso da jaqueta.

— A segunda faixa... — Jina estava com os cabelos pretos soltos até a cintura, e usava um conjunto social vinho, ocupava um assento ao meu lado. — Ela tem um ritmo parecido com...

*Hye*. Sim. Eu sabia, era algo um pouco alegre, e meu irmão gostava de músicas que ele pudesse exibir seus passos ou até mesmo criar algo em *freestyle*, eu preferia meu violão e minha voz, mas isso não vendia sozinho. Se essa música fosse aprovada, já podia ver vários dançarinos habilidosos atrás de mim, e eu lutar para lembrar que tenho que cantar, dançar e ainda parecer disponível durante as apresentações.

Jina parou de falar ao olhar para mim, ela evitava falar o nome do meu irmão, pois geralmente quando o assunto entrava, eu saía.

— Gravei só um pouco porque não sabia que caminho seguir, mas esse refrão martelou na minha cabeça a noite toda. — Alec estava com headset enormes na cabeça, me olhou cauteloso, seu olhar era meio perdido e acompanhado de olheiras e seu cabelo cheio tinha o tom de laranja.

— Cante o que acha primordial — ele orientou.

Eu limpei a garganta estava com um pouco de sede, mas tive preguiça de alcançar uma garrafa de água. Quando eu abri a boca para cantar, eu vi uma menina mal-humorada de olhos âmbar grandes, de cabelos cheios me encarando. Senti algo arder.

— *Você sempre será a única, apenas você, e eu sou o seu pop star.*  
— Observei Jina me olhar com os olhos cheios, e Alec de forma analítica. — Quero um ritmo envolvente com uma ponte... E preciso de ajuda para terminar essa letra.

— Essa música pede dançarinos. — Ouvi Jina dizer e alcançar seu celular com uma velocidade surpreendente. — Vou organizar um pequeno grupo com oito *trainees*, tem preferência por algum? — ela me perguntou, parando de digitar.

— Apenas homens — eu disse, e refleti se de fato tinha alguma preferência — tanto faz quais, não me importo com esses detalhes.

— Tem mais alguma coisa de letra? — Alec me perguntou já começando sua mágica com a melodia.

Batuquei na parte lisa da mesa para representar como queria as batidas e o resto fiz em vocalização, ele me observou atento.

— Entendo, isso é o esperado de Kim Taeyang — disse com as sobrancelhas artificialmente pintadas arqueadas em um ângulo estranho.

— Não me chame assim — vi Jina gesticular com a cabeça em negativa na direção dele.

— Certo, me desculpe. — Ele apertou o headset na cabeça arrepiando seus cabelos cheios ainda mais, Jina se retirou para escolher *trainees*, o que era algo prático, pois o estúdio da gravadora ficava no décimo andar, não muito longe dos estúdios de dança.

Alec e eu trabalhamos sem intervalos longos, de ora em ora eu parava e pegava uma garrafa de água. Mesmo tendo virado a noite, ele me aconselhou a continuar fazendo um bom trabalho, e assim nasceu *Pop Star*, algo que eu tinha rabiscado depois de *Sweet Night*. Eu não sabia exatamente, mas Nicole tinha me feito escrever duas canções em um bom tempo parado, era como se eu estivesse correndo uma maratona, eu não conseguia parar. Meu coração estava acelerado.

Quando eu já não aguentava mais ficar de pé na frente do microfone do estúdio que era cinza com uma tela espessa, Jina entrou. Meus tênis eram confortáveis e uma edição limitada de uma marca exclusiva para mim, eu usava uma calça de moletom, mesmo enferrujado, sabia que dias em um estúdio eram cansativos. Eu massageie minha garganta.

— Conseguiram o Rio Han para você, mas tem que ser *agora* — ela falou gesticulando, ela estava debruçada sobre o microfone da mesa de Alec, pois dentro da sala de gravação, esse era o único modo que eu tinha de ouvir quem estava fora e era através de um headset parecido com o que Alec usava.

Eu abaixei para meu pescoço o peso dele estava me incomodando. Eu suspirei. Queria um banho quente, e talvez, um lamen. Olhei para Jina, com meu sorriso mais simulado, aquele que ela havia me ensinado.

— O que estamos esperando então? — eu olhei o celular, alcançando-o rapidamente no bolso da jaqueta, não tinha nenhuma notificação. O que Nicole estava fazendo? Eu quis mandar uma mensagem perguntando isso, mas ao digitar, percebi que eu estava soando como o rei dos patetas, apaguei.



Que se dane, eu parecia um moleque afobado, mas que seja. Devolvi o celular no bolso e caminhei para fora da sala de captação. A melodia e a letra estavam finalizadas, Alec tinha captado minha alma quando ajudou a finalizar a letra, lembro dele perguntar:

— Está apaixonado, Taeyang ? — finalizando com uma risada sem graça, eu dei de ombros.

Eu podia sim ser um Idol, mas não queria me envolver com ninguém da indústria. Verifiquei meu celular assim que coloquei meu boné

preto de volta na cabeça, Jina me olhou intrigada.

— Esperando alguém? — ela quis saber com um meio sorriso, eu ignorei sua pergunta, e com uma formação poderosa de seguranças corri para o carro da empresa. Fui surpreendido pela quantidade de fãs que estavam na saída do prédio da gravadora, muitas meninas seguravam cartazes com mensagens de amor e apoio, senti meu coração esquentar com a imagem, fazia tempo que não via nada assim.

— Muito obrigado, amo vocês — eu disse tendo a voz engolida pelos gritos, senti meus seguranças ficarem em estado de alerta, sempre fomos orientados a não falar com as fãs durante o percurso, pois isso as deixava um pouco histéricas. Tentaram furar o bloqueio para chegar em mim, mas não conseguiram, Jina estava espremida ao meu lado.

— Ignore elas — Jina me orientou sem sua voz contida, ela tinha um pouco de medo dessas aglomerações o que chegava a ser irônico.

— Vejo vocês em breve — eu voltei a dizer, sorrindo que nem bobo, Jina me fuzilou, meus seguranças deviam estar putos, mas eu cheguei bem até o carro branco que nos levaria até o Rio Han.

Eu tinha passado metade do dia no estúdio, quando eu saí foi como se eu tivesse nascido. As luzes artificiais eram fortes, mas nada em comparação ao nosso verdadeiro astro, o sol. Estava um dia bonito e iluminado para uma gravação, mas ventava bastante. No carro, Jina parecia furiosa ao meu lado, não me dei o trabalho de perguntar, sabia que era por ter interagido com meus fãs.

— Esse é o plano de gravações apontados pelo CEO — ela me mostrou os quadros na tela do celular, eu parecia uma espécie de Ed Sheeran coreano.

— Eu não vou usar essa camisa xadrez — eu disse ignorando o resto, era uma sequência de gravação boa, poderíamos fazer em

uma única tarde. Meu estômago roncou violentamente. — Nem se atreva.

Ela bufou.

— Tem razão, não se parece muito com você. — Ela remexeu nos suportes do carro, e me jogou uma barrinha de cereal, essas coisas eram nojentas, eram como comer isopor, não que de fato eu tivesse comido, mas se um dia comesse, seria o equivalente a essas barrinhas. — Coma, e se hidrate.

Revirei os olhos. Estava voltando ao lugar onde toda essa ideia tinha renascido. Peguei a barrinha da mão de Jina, apertei o botão liso da porta, e desci o vidro, sem hesitar atirei a barrinha na estrada. Ela me olhou mortificada.

— Eu quero comprar um *latte* e talvez um *donut* de pistache, no mesmo lugar de sempre — eu disse para meu motorista que acenou em concordância.

— Não temos tempo para isso — Jina protestou.

— Eu não vou para o Rio Han sem levar meu *latte* como eu sempre fazia com... — cruzei os braços — não importa, eu vou comprar.

Jina alisou seu terno vinho, hoje ela parecia ainda mais jovem com os cabelos soltos, seu rosto redondo parecia mais iluminado.

— Com Hye, sim, eu sei — ela tocou meu ombro, como se tocasse um cacto, eu olhei para sua mão, era morna e corpulenta e nela havia um anel prateado, ele sempre esteve ali? — Descerei para comprar, não posso correr o risco de você ser visto antes de gravar.

Acho que não era um segredo para ninguém do nosso grupo que depois dos nossos treinos excessivos encontrávamos diversão em assistir o sol se pôr. Eu toquei sua mão rapidamente antes dela retirar do meu ombro. Algo em mim, ficou parcialmente feliz com a

possibilidade de Jina ter uma vida fora da empresa, eu não achei que ela fosse o tipo que conciliava o trabalho na gravadora com a família, mesmo eu sendo o único Idol agora que estava sobre sua responsabilidade, meus compromissos lotavam a agenda em um piscar de olhos.

— Obrigado — eu disse, ela meneou a cabeça e voltou a teclar no celular. Controlei a vontade de verificar o meu, sabia que Nicole não tinha respondido.

Respirei fundo.

Sabia que atrás do nosso carro tinha outros dois, um da equipe principal, maquiagem e figurino e o outro com seguranças, fazia tempo que não sentia isso, não me sentia “famoso”.

Nossa parada na cafeteria foi como comprar drogas, Jina havia entrado rapidamente com meu pedido, e os seguranças imediatamente ficaram alertas ao redor do carro, porque o veículo não bastava ser grande, levava na parte de trás o selo da gravadora. Meu estômago urrou, sorri quando meu segurança virou na minha direção, na direção do barulho, coloquei a mão sobre a barriga para conter o incontrolável.

Nem nos sonhos mais loucos de Jina que eu ficaria a base de barrinhas de cereais e água antes de fazer shows, eles sempre ficaram em cima de mim e Hye sobre nosso peso, quando começamos pesávamos 58kg, que era aferido semanalmente, mas hoje eu tinha plena consciência de estar perto dos 62kg. Eu tinha crescido, era o que Jina repetia sempre que alguém dizia que eu estava gordo demais para cantar.

*Patéticos.*

## 23 Nicole

Meu celular tinha apitado pela segunda vez na minha bolsa, sabia que era Taeyang. Estava me sentindo estranha, eu precisava começar a escolher e a falar mais o que pensava, desenhar era uma ótima fuga da realidade, mas às vezes, a realidade vinha me encontrar segurando um taco de beisebol. Segurei meu chapéu rosa de pescador firme na minha cabeça quando o vento urrou, estava com um vestido florido de loja de liquidação, o tecido era leve, o tipo de coisa que me deixava tensa em dias assim.

Sempre me preocupei em ser uma espécie de Marilyn Monroe lutando contra o vento. O meu vestido ia até os joelhos em um tecido fresco. Encarei a Universidade Nacional de Artes, ela ficava em Seokgwan-dong, Seongbuk-gu. Depois que desci no ponto de ônibus caminhei por 5 minutos a pé.

Ouvi um disparo, e um clarão, olhei imediatamente na direção da câmera.

— Por que está tirando foto?! — perguntei para Jun-ho, ele estava usando um chapéu de pescador também, mas o seu era verde e tinha o desenho de um abacate, e ele estava com uma camiseta branca com uma calça preta, bem discreto, também estava bonito de uma forma despreocupada.

— Você ficou bonita quando o vento mexeu seus cabelos — ele disse como algo normal. Ignorei-o, mas senti o rubor crescer. — Achei que seria um bom momento.

— Nunca é um bom momento para me fotografar — protestei, sabendo que era mais fácil barganhar com o diabo do que com Jun-ho sobre fotos.

O portão alaranjado da universidade limitava nossa passagem, estávamos no estacionamento que tinha poucos carros e muitas árvores altas ao redor. Eu tinha ligado para Jun-ho pela manhã, eu queria muito ir para esse lugar, mas não queria ir sozinha.

— *Te encontro lá* — ele havia dito sem perguntar o porquê, e desligou.

Na noite passada, meu pai tinha me dado um caminho diferente, um que eu nunca cogitei. Meu nome era Nicole Dias por um bom motivo, minha mãe nunca me viu morando na Coreia, ou utilizando minha outra nacionalidade para qualquer outra ocasião que não fosse raras visitas ao meu pai.

Quis vir imediatamente para a Universidade, saí antes do meu pai acordar e peguei o ônibus, depois de nove paradas cheguei onde meu coração precisava estar. Não conseguia ver quase nada do campus, mas “sentir” a atmosfera era tudo o que eu precisava.

Jun-ho se sentou na calçada do estacionamento, e me olhou de forma convidativa para fazer o mesmo, suas pernas eram longas e estavam esparramadas, sua câmera estava presa em um suporte no pescoço, como sempre. Me sentei ao seu lado, e continuei a olhar para os portões.

— Obrigada por me acompanhar — disse, tentando captar qualquer informação extra.

— Vai se inscrever? — ele perguntou, sua voz era doce, o olhei sem respostas.

— Eu não sei... — coloquei uma mexa do cabelo atrás da orelha — Nunca me vi morando na Coreia. Mas no Brasil, não vou conseguir fazer o que quero sem aguentar a fúria da minha mãe.

Ele riu.

— Eu sei bem como é. — Ele desligou a câmera e assisti ela fechar a lente. — Minha mãe não queria que fosse fotógrafo, ela tentou me colocar numa agência de atores, mas acontece que nunca levei jeito para estar na frente das câmeras.

— Ela te aceita agora? — quis saber, e de fato, Jun-ho parecia ator de um dorama.

— De forma alguma. — Ele sorriu formando uma covinha singela — Mas eu sei meu lugar.

— E qual é? O seu lugar, eu quero dizer...

— Meu lugar é sempre onde meu coração bater mais forte. — Ele deu dois tapinhas de leve na câmera. — Essa minha amiga aqui me permitiu conhecer muitas pessoas incríveis, e você foi uma delas. — Ele tirou o chapéu, e me olhou fixamente mesmo com o sol agredindo seus olhos. — Muita gente vai te afetar na vida, Nicole, você precisa aprender a escolher bem a quem você dá voz.

Ele deu uma piscadela. Ele tinha razão sobre a segunda parte, amo minha mãe como parte da minha alma, mas desenhar é o emaranhado de coisas que me faz viva. Estava decidido, não necessariamente essa universidade, mas faria meu curso. E me arriscaria a tentar o processo seletivo, sem um "empurrãozinho" de papai, ele havia dito que tinha um contato aqui, mas sem por mérito meu, não entraria.

— É, mas você não me conhece de fato.

— Se decidir ficar na Coreia, vai ser uma ótima oportunidade para isso.

— Eu não sou o tipo de pessoa que vale a pena — disse o que tinha martelado na minha cabeça durante a noite.

— Ei, não diga bobagens — ele elevou um nível sua voz, e chamou minha atenção. Algo fervilhou em mim, mas não era culpa de Jun-ho.

— Eu usei uma pessoa para conseguir dinheiro para fazer uma faculdade — disparei — essa pessoa abriu o coração e a alma para

mim, e fiz isso. Ainda acha que sou uma boa pessoa?

Vi Jun-ho me olhar estupefato, tinha tirado o sorriso de seu rosto. Era bom me abrir com alguém que não tinha propriedade para me julgar, um estranho amigo, assim que eu o via. Alguém que pudesse me ouvir sem afetar diretamente minha vida. Ele colocou uma mão no bolso esquerdo da calça e a retirou.

— Quer tomar alguma coisa? — Jun-ho me olhou inquieto.

— Com certeza — respondi sem hesitação.



Descemos na estação de Hannam, era perto de casa e ao lado da Ponte, nós caminhamos quietos por 15 minutos até que chegássemos ao *Tupipeul*, era um bar com karaokê. Ficava em uma rua arborizada e bem movimentada. O sol ardia sobre nossas cabeças e os ventos pareciam carregar nuvens pesadas, mas mesmo assim não parecia que choveria hoje, só indicava que o *Jangma* estava nos espreitando.

Como no Brasil, a idade permitida para o consumo de álcool aqui é de 18 anos. Ir à karaokês é extremamente usual para os jovens pois é um lugar divertido para quem gosta de cantar e barato. Claro que a maioria usa isso como pretexto para beijar. Na entrada do *Tupipeul* era iluminada com luzes coloridas assisti Jun-ho caminhar para uma máquina grande de aluguel de salas, parecia com um freezer de refrigerantes cheio de LED para mim.

— Vamos nos divertir — ele disse ao selecionar o número da sala.

Eu encarei Jun-ho, não tinha malícia alguma no olhar, ele não falava coisas com duplo sentido ou dizia o quão bonito era. Sorri em resposta e seguimos para um corredor longo e cheio de portas

pretas com números brancos gravados. Entramos na última à direita, de número 12.

Tinha uma TV enorme ao centro com dois microfones pendurados ao lado junto com um livro de letras disponíveis, um controle remoto que parecia um tablet e um pandeiro.

Me joguei no sofá de couro cor de creme e Jun-ho fez o mesmo quando começou a passar as músicas disponíveis.

— Qual você gostaria de cantar?

— Eu não sei nenhuma dessas. — Só tinha k-pop.

— Também não, mas acho que a graça tá aí. — Sorriu e escancarou os lábios. — Esqueci das bebidas!

— Eu posso ir pegar — respondi, mas Jun-ho já tinha se levantado.

Jun-ho havia voltado tão rápido quanto tinha saído, abriu a porta com o quadril segurando duas garrafas verdes nas mãos com copos baixos de plástico em cima, a que ele me entregou tinha uma uva verde estampada.

— Obrigada — eu disse, inclinando a cabeça na sua direção.

Ele abriu a dele e fez o mesmo. Nunca tinha bebido soju, mas parecia ser estranho pela careta que Jun-ho tinha feito ao beber. Me olhou com expectativas, enchi meu copo e repliquei o gesto. Era doce como xarope, e quente como os lábios de Taeyang. Pisquei. O que eu tinha acabado de pensar?

Enchi meu copo outra vez.

— Jun, vamos cantar antes que eu mude de ideia.

— Vamos — respondeu com um sorriso meigo.

Então nós cantamos e erramos todas as letras como dois bobos durante a tarde inteira. Me senti leve, não era por conta do álcool, mas essa era a primeira vez que eu saía com alguém que não fosse da minha família para um dia divertido, apesar do meu futuro me espreitar.



Quando finalmente decidi olhar meu celular, tinha recebido uma mensagem de Taeyang, ele estava indo para o Rio Han gravar depois de uma manhã inteira no estúdio. Esse idiota não tinha o mínimo de noção e cuidado consigo. Bufei.

— Preciso estar em outro lugar — disse para Jun-ho que sorria ao meu lado na sala de karaokê.

Com dificuldade ele levantou para me acompanhar, eu conseguia discernir muito bem o que acontecia ao meu redor, mas ele parecia alto demais com a bebida.

— Não posso te julgar, Nicole — disse do nada.

— Do que está falando?

— Sobre o que me contou. — Ele me olhou meio perdido, o apoiei para descer as escadas com medo que caísse, coloquei a mão na sua cintura e ele jogou um braço sobre meu pescoço — Não posso julgar você, sei o que é isso.

Ele não parecia disposto a contar mais nada pela forma que encarou o céu, seus olhos continham arrependimento.

— Vou chamar um táxi para você. — Jun-ho se desvencilhou e cambaleou na direção da rua.

— Jun! — gritei com medo que não parasse no limiar da calçada, mas não caiu no asfalto ou coisa do tipo. Eu deveria chamar um táxi

para ele, não o contrário.

— Por favor — ele insistiu acenando para um táxi — deixe-me fazer isso por você.

Aceitei, alcançaria Taeyang mais rápido de carro. Um táxi parou e Jun-ho me entregou dinheiro, quis recusar imediatamente, mas ele foi enfático, peguei as notas da sua mão, seu rosto estava vazio quando se despediu.

— Faça uma boa viagem — foi tudo o que ele disse.

— Chegue bem em casa — respondi, mas Jun-ho já tinha fechado a porta.

O taxista olhou para mim, era um senhor grisalho com óculos meia lua, tinha feições gentis e usava uma camisa verde xadrez.

— Para onde, senhorita?

Inspirei. Lembrando do que Jun-ho havia me dito: *meu lugar é onde meu coração bater mais forte*. Havia um lugar onde meu coração batia forte, não era bem um lugar, mas...

— Para o Rio Han — disse para o taxista.

## 24 Taeyang

I ◦ Seoul ◦ U.

Era o jeitinho coreano de agradar estrangeiros. Eu encarei as letras enormes que tinham dois pontos entre elas, um vermelho e outro azul, eu costumava sentar no 'o' e Hye no 'u' quando erámos crianças e nossos pais ainda se suportavam o bastante para ocupar o mesmo espaço, depois que debutamos nós ficávamos no gramado perto da pista de bicicletas, observando o que era conhecido como

“hora dourada”, era o pôr do sol. Hye sempre tinha chocolates escondidos consigo, e um *latte*, eu nunca fui um fã de doces.

Eu encarei o gramado, com toda a equipe espalhada por aquele lugar que era imaculado para mim. Senti meu coração afundar. Envolta de nós havia várias faixas para impedir a passagem de pessoas de fora da equipe, várias câmeras foram posicionadas. Jina andava para lá e cá com o celular na mão. Nunca achei que gravaria algo aqui, me sentia agitado, como no nosso primeiro show, parecia que eu esqueceria a letra, acordes e meu nome.

— A equipe de maquiagem está te esperando — disse Jina, com o celular no rosto, falando com alguém do outro lado da linha.

Eu rapidamente localizei minha maquiadora trainee, seu cabelo não era mais rosa pink como antes, estava em um tom forte de roxo, ela estava parada ao lado de uma cadeira que tinha meu nome, ao me sentar ela começou rapidamente seu trabalho.

— Como é seu nome? — eu perguntei pela primeira vez.

Ela me olhou cautelosa enquanto se preocupava em tirar todo e qualquer brilho da minha pele.

— Joy — ela me disse, sinalizando para que eu olhasse para cima enquanto ela pincelava meus olhos. — É Joyce, mas eu não gosto dele inteiro então...

— Certo — respondi.

Ela me liberou em seguida.

Muitas pessoas começaram a se acumular atrás das faixas, seguindo para alcançar meu violão que alguém da gravadora tinha trazido de casa, e uma *case* resistente preta e adesivada. Permiti ser guiado, maquiado, ordenado durante a tarde inteira. Me comportei como o melhor boneco, e o mais valioso da empresa. Evitei olhar para os

pontos onde eu estive com Hye, era quase impossível achar um em que não tínhamos estado juntos.

Tivemos uma permissão rápida de fechar a ponte para alguns takes, mas tivemos que ser ainda mais ágeis quando o sol começava ameaçar alcançar a hora dourada, os rebatedores e iluminação não seriam suficientes para se equipar ao brilho da estrela. Eu estava entrando em um ritmo automático, meus joelhos doíam e meus dedos ameaçavam a tremer sobre o violão que um dia fora de Hye.

— De novo — ouvi alguém dizer, o diretor provavelmente, pela quinta vez. Estava estressado.

Estava com dificuldade de distinguir vozes e rostos pela quantidade de luz que estava em mim, e a cada “de novo” que eu ouvia, a música era rodada da parte em que eu estava dublando, via Joy, e algumas outras pessoas da equipe correrem até mim. O último take gravado foi na ponte, a parte interessante é que os carros continuaram a passar ao redor de mim, enquanto eu tocava meu violão e andava fitando a câmera.

Eu vestia uma camisa vermelha e preta com rosas negras desenhadas, Jina havia falado que era uma execução feita através de um desenho de Nicole, eu passei a mão pelo tecido assim que vesti, algumas pedras brilhantes pretas contornavam as rosas.

Quando a gravação terminou, o sol estava na hora dourada. Eu sabia que tinha sido rápido cronologicamente falando, mas gravar no Rio Han, era sentir o tempo parar, ou voltar para mim.

— Taeyang. — Ouvi alguém me chamar, quando a equipe começava a desmontar o equipamento, olhei na direção da voz e vi uma Nicole ofegante, ela parecia animada.

— Chicletinho — respondi erguendo uma mão no ar. Ela me alcançou e ergueu quatro dedos pedindo para que eu a esperasse se recuperar. — O que aconteceu?

— Você não parece muito bem — ela observou.

Apenas assenti com a cabeça, era verdade, mas muitas pessoas estavam ao redor. Não lembro de ter explicado para Nicole tudo sobre meu irmão, quando nos conhecemos, não conseguia verbalizar isso, mas talvez agora se eu tentasse...

— Taeyang, Nicole. — Jina caminhou na nossa direção, ela segurava um envelope pesado na mão, era cor creme e o papel grosso estava envolto por uma fita, azul. — Posso falar com você um minuto? — ela me perguntou, eu assenti e olhei para Nicole, ela sem precisar de mais nada, pediu licença para Jina e caminhou até as letras.

Eu olhei para Jina, ela parecia agitada, do modo que eu também deveria parecer.

— O que aconteceu? — perguntei, tentando soar o mais neutro possível.

Ela olhou em volta, as pessoas estavam ocupando os carros e guardando tudo como se um vídeo nunca tivesse sido gravado aqui.

— Sei que aqui não é o melhor lugar para isso, mas eu não consigo pensar em outro. — Suas bochechas estavam bem rosadas. — Mas um pouco antes de Hye... morrer, ele me procurou, e eu já te disse isso, ele estava com umas conversas estranhas, mas vocês eram adolescentes que tinham acabado de ficar mundialmente famosos, eu achei que era coisa da idade, ou uma fase, então eu fechei os olhos para... — ela levou uma mão a boca contendo um soluço. — Eu fechei os olhos para Hye — ela repetiu — no último dia em que o vi, rindo na frente dos outros, quebrando tabletes de chocolate escondido foi quando ele me deu essa carta. — Ela entregou o envelope para mim, eu estendi uma mão por extinto, mas eu senti o calor me deixar quando fiz isso. — Implorou para que eu não lesse, se eu lesse ele não cantaria naquela noite, no último show de vocês... e, e, como ele não era de fazer exigências presumi que eu poderia seguir isso.

— Por que agora?

— Achei que você estaria mais preparado depois...Desse tempo.

— Ninguém nunca fica preparado para lidar com a perda de alguém próximo, no máximo, luta diariamente para não se juntar com quem ama.

Finalmente fui vencido pelos meus joelhos, e cedi o peso do meu corpo no chão, a dor me atingiu rápido, mas eu não desviei os olhos de Jina, e apertei o envelope entre meus dedos, como se minha vida dependesse dele. Eu não conseguia respirar, sabia que algumas pessoas estavam murmurando algo em volta, mas não ligava.

— Eu deveria ter contado para alguém que ele estava agindo estranho, eu deveria ter contado para você que seu irmão estava doente... — ela começou a chorar, vi o brilho em seus olhos. Minha garganta queimou. Eu também tinha fechado meus olhos para Hye, ele sempre sorria quando estávamos juntos. — Quando aconteceu...eu lembro de olhar para meu marido e chorar sem parar. Eu precisava pensar em como te contar isso, mas eu não conseguia formular as palavras...

— E decidiu despejar tudo agora? — perguntei, senti minha visão ficar turva, minha garganta estava em chamas. A grama estava fria contra meus joelhos.

Vi Jina se curvar, seus cabelos esconderam seu rosto redondo.

— Eu sinto muito. — Ela apertou os joelhos, sua expressão estava distorcida com minhas lágrimas, mas estava carregada de remorso. — Sempre levarei isso comigo.

Ela ergueu a cabeça e me olhou, profundamente, sabia o que ela estava fazendo, minha mãe também tinha esse hábito, eu era uma lembrança viva do rosto do meu irmão, por isso era impedido de me depreciar toda vez que me olhava no espelho, também por isso, era

impedido de me admirar. Um estado constante de luta comigo mesmo, era uma bagunça.

— Obrigado, por entregar a carta — eu disse tentando conter a amargura na minha voz, ela estendeu a mão para me ajudar a levantar. Encarei sua mão no ar por muito tempo, ponderando. No final das contas, Jina não era a culpada disso. Eu agarrei seus dedos, e a puxei para um abraço. Ela deu dois tapinhas leves nas minhas costas antes de se afastar.

Nicole caminhou na minha direção assim que Jina saiu, ambas trocaram olhares significativos.

— Vamos, chicletinho — eu disse, tendo plena consciência que minha voz estava engasgada e horrível, eu só enxergava borrões de lágrimas. Senti Nicole entrelaçar os dedos nos meus, e eu apreciei o gesto, seu toque era acolhedor, e suas mãos muito quentes, a lateral de um dos seus dedos era áspera, pelo que vi, ela desenhava muito bem, e todo artista, tem as marcas da sua alma no corpo.

Nos guiei para a ponte Mapo, que era conhecida como Ponte da vida. Meus dedos onde Nicole não tocava, estavam mortificados, estava com medo de soltar a carta, olhei para ela, que fazia o mesmo, mas sua expressão era de puro terror. Ela não sabia o que estava acontecendo, e conhecendo Nicole, deveria estar pensando se perguntava.

— Cuide bem disso para mim. — Eu lhe entreguei o envelope.

Ela o agarrou sem hesitar, assim como fazia com minha mão, e assentiu com a cabeça. A cada passo nos afastávamos da equipe, e tudo aquilo não parecia ficar menor.

## 25 Nicole

Meu coração estava doendo de um jeito horrível. Estendi a mão e capturei uma lágrima de Taeyang com o indicador a meio caminho do seu rosto, ele ficou parado assistindo, na outra mão estava o envelope que ele havia me entregado, era pesado e parecia caro. Seus olhos dançavam de mim para o envelope. Passei um polegar pelo seu rosto, e repeti a frase que minha mãe dizia para mim quando eu era mais nova, mesmo sabendo que era algo idiota a se fazer:

— Não chore.

Me olhou, provavelmente pensava como eu, mas não falou nada. Ele ergueu uma mão e esfregou os olhos. Eu não sabia o que fazer, era péssima em cuidar de mim quando estava triste, esse tipo de momento servia para ilustrar, que eu não sabia o que poderia deixar Taeyang feliz, e isso doeu. Nós dois estávamos na parte de pedestres na ponte, um pouco adiante estavam um grupo de seis homens vestidos de ternos pretos, os seguranças de Tae, prontos para correr, caso necessário.

Mas haviam poucas pessoas passando, eu tirei meu chapéu de pescador e esticando os pés, coloquei na cabeça de Taeyang, que assistiu o gesto com um fraco sorriso. A ponte da vida, era um nome bonito para a ponte Mapo, ao lado da passagem de pedestres, a murada branca e maciça trazia algumas frases em hangul, chamou minha atenção, e parecia ter capturado parcialmente a de Taeyang , as frases otimistas eram:

“Como você está?”, “Os melhores momentos da vida ainda estão por vir”, “Visite as pessoas de quem você sente saudade”, “Não é bom caminhar numa ponte?”. Não era segredo para ninguém que a Coreia tinha índices absurdos de suicídio, e pelo rosto de Taeyang, ele parecia saber muito bem disso, eu queria falar com ele, mas eu não sabia como começar a conversa. O vento empurrou nossos cabelos suavemente como fazia com as águas.

— Eu já disse isso algumas vezes para Hye — ele falou encarando os escritos no lugar. — Mas não importava quantas vezes eu dissesse, ele sempre chorava. Ele não podia me ver machucado, que abria a boca como se o mundo fosse acabar por alguns hematomas meus.

— Hematomas?

— Meu pai sempre gostou de resolver seus problemas pessoais com álcool e agressão.

Meu estômago revirou.

— Você...? — não consegui terminar, mas ele entendeu, minha cabeça ficou confusa e fiquei com medo de trocar o coreano por português sem perceber.

— Era eu ou Hye, e eu sempre escolhia a mim... — pelo seu tom, aquele assunto estava encerrado. Agora eu entendia o motivo de sua hostilidade com o pai, acredito que ele ainda o tratava com bondade demais.

Taeyang riu fracamente, seus olhos ainda brilhavam, mas as lágrimas não rolavam mais pelo rosto. Nós dois sentamos num banco alaranjado, havia uma estátua de duas pessoas, um homem consolando o outro, ao lado um telefone. Aqui um dia já foi a ponte do suicídio. Isso me dava calafrios.

Deixei minha mão sobre minha perna, não demorou para que a de Taeyang escorregasse até ela de modo que ficasse sobre, sem entrelaçar os dedos. Antes, eu teria afastado sem hesitar, mas agora, eu apenas assisti, e lembrei de quando ele tinha aberto o coração para mim, e cantado que eu era boa demais para ser verdade; eu queria contar a ele a proposta de papai, que eu tinha recusado pela segunda vez, mas ainda me assombrava. Mas esse era um péssimo momento.

— Diga qualquer coisa — Taeyang pediu, sua voz estava abafada, e seus olhos vermelhos.

— Ficarei aqui por você, até que eu consiga contar todas as estrelas do céu — disse, lembrando do que ele havia me dito quando nos beijamos. Eu fiquei extremamente constrangida, e agora, eu entendia a sensação de dizer o que sentia.

Era uma liberdade.

Me olhou, seus olhos eram abismos. Seus olhos desceram para a carta que estava na minha mão.

— Não consigo ler, nem pensar em abrir... — eu vi o movimento da sua garganta, sua maquiagem que estava perfeita minutos antes, agora estava borrada nos cantos dos olhos, era azul como seus cabelos. — Eu não deveria te arrastar para isso, mas chicletinho...

— Eu leio para você, se quiser. — Leitura não era o meu forte, algumas consoantes pareciam as mesmas para mim, mas Taeyang não conseguiria ler aquela carta sozinho.

— Eu quero. — Sua voz estava embargada.

Olhei hesitante para carta com medo das palavras embaralharem minha mente. Ali estava algo de Taeyang que eu não tinha visto, um lado íntimo. Abri o envelope com cuidado, puxando a fita azul que o prendia. Suspirei. Senti Taeyang ficar tenso ao meu lado quando abri a carta, e a letra nela era linda e elegante, e fiquei com medo do que encontraria.

— *Querido Tae.* ..— comecei, e parei. Vi ele fungar ao meu lado, levando a mão que não estava sobre a minha até os olhos, e passando o polegar para tirar a maquiagem escorrida.

— Continua, chicletinho — ele pediu baixinho enquanto limpava os excessos.

Então eu continuei:

*" Querido Tae, eu venho pensando se deveria ou não escrever uma carta, não tenho certeza de como se sentiria, mas acredito que não fazer, seria pior... E talvez quando você ler, já não faça tanta diferença. Estou cansado de tanto fingimento, de ser cercado pela mídia em horas que uma pessoa normal não seria, eu gostaria de poder trocar de lugar com uma pessoa ordinária só uma vez, e conhecer talvez, uma garota que não esteja comigo porque fomos forçados pela agência."*

Assisti Taeyang apertar minha mão de um jeito que não tinha feito antes, ele estava gelado. Eu engasguei com a leitura, mas ele não falou nada sobre.

*"...Você é minha metade, e quando eu me for você terá que encontrar uma forma de ser inteiro, irmão, então por favor, prometa pra mim, prometa que você fará isso. Eu sempre me escondi atrás de você, então é certo concluir que de nós você sempre foi o mais forte, e viveu para me proteger, mas eu não quero viver me escondendo atrás do escudo chamado Tae, vejo como aguenta bem o que pedem a você, eu não consigo mais... Quero que minha alma seja livre, é difícil viver sabendo que quando eu caio eu não desaponto apenas um coração, mais milhares e milhares deles, e de todos eles, o seu é o que mais me dói ao saber que vou desapontar."*

Minha garganta queimava, olhei de relance para Tae e apesar da dor estampar suas feições ele parecia alguém que estava no passado, sua atenção estava em cada palavra grafada como se ele pudesse ouvir a voz de Hye. A dor que aquele menino tinha sentido era diferente de qualquer uma que eu tenha vivido.

*"...Procurei Jina mais cedo, mas ela disse que era normal se sentir assim, muitos meninos da agência compartilham dessa...Coisa. Não sei se é normal não sentir nada. Sinto o sol aquecer minha cabeça,*

*mas quando olho para cima eu não costumo pensar "feliz mais um dia de vida" penso que estou em menos um. Meu único momento de paz era os que eu compartilhava com você, assistir você dirigir como um piloto de corrida cantando um rap estranho me deixava leve, você usar bonés e óculos e entrar no Starbucks pegar lattes, mesmo sabendo que Jina nos mataria se fôssemos pegos...você sempre foi o meu herói.*

*Não pense muito em mim, tá? Não quero que você fique triste. Eu sempre estarei ao seu lado, sempre a um latte de distância, como sempre fazíamos, okay? Às 18h em ponto no Rio Han, mesmo que não consiga mais me ver, eu estarei lá.*

*Seja feliz, Taeyang, você merece, não aceite menos que isso.*

*Com amor, Hye."*

— Como se fosse algo fácil... — ele murmurou levando uma mão à boca para tentar conter um soluço.

Eu dobrei o envelope, e ouvi Taeyang soluçar. Sem pensar duas vezes eu o abracei o mais forte que eu consegui, apertei as mãos com força nas suas costas, senti ele repousar sua cabeça no meu ombro, levei uma mão até seus cabelos e o aninhei, de um jeito que eu nunca imaginei que faria com alguém. Eu senti minha garganta queimar, e meus olhos pareciam as águas turbulentas do Rio Han.

Não precisava que Taeyang me dissesse mais nada, tinha entendido tudo. E aquilo era horrível. Ele era uma pessoa agradável para o que a vida lhe tinha feito. Ele suspirou, senti sua respiração fazer cócegas no meu pescoço e suas lágrimas umedeceram minha clavícula. Me limitei a fazer carinho entre seus cabelos, eu não sabia bem o que fazer, ou dizer, mas ver Taeyang chorar, tinha me contagiado.

Olhei mais uma vez na medida que nossa posição me permitia, ele estava vulnerável de um jeito que eu nunca tinha visto. Amanhã

seria o show dele, segundo a agenda turbulenta que Jina estava orgulhosa anunciando para toda a equipe, como ele poderia cantar assim?

— Tae — eu disse baixinho, e quando ele emitiu um ruído de concordância, meio abafado, eu continuei: — É melhor irmos para casa.

Ele concordou. Levantei primeiro, e o puxei comigo, então nós caminhamos de mãos dadas sobre as águas do Rio Han, na ponte dos Sonhos. As estrelas que nós dois tínhamos dito que conseguiríamos contar um dia, se ascenderam sobre nossas cabeças enquanto os seguranças se agrupavam em volta de Taeyang e nos guiaram até o ponto em que estávamos antes, onde as gravações foram realizadas e o carro branco da empresa esperava.



No caminho para casa, enquanto a cabeça dele pendia mole no meu ombro, uma mão minha o segurava para que com o movimento do carro ele não caísse, a outra mão estava ávida digitando uma mensagem para meu pai:

**Não me espere em casa hoje, e eu estou oficialmente cancelando sua proposta, papai. Sim, por mensagem.**

Eu sabia que isso não era algo normal — uma filha mandar esse tipo de mensagem para o pai, em uma família tradicionalmente coreana seria o fim do mundo, mas não era esse o caso, meu pai tinha aprendido a ser liberal no que era possível graças a minha mãe. Olhei para a janela enquanto deixávamos o Rio Han, e seguíamos para Hannam The Hill, meu coração estava afundado, mesmo com Taeyang cochilando em meus ombros...

E minha cabeça estava prestes a explodir. Tinha tanto para falar, mas eu não sabia colocar em palavras, meus sentimentos, minha

alma, e meu coração. Encostei minha cabeça na de Taeyang e me permiti dormir ao seu lado durante o caminho de volta.

## 26 Taeyang

A sensação de voltar para *aquela* época era a mesma que ter alguém enfiando a mão no meu peito e arrancando meu coração. Cada palavra do meu irmão era como ouvir sua voz suave sussurrar direto para minha alma. Minha cabeça zunia enquanto Nicole lia, era como se eu fosse entrar em colapso. Me agarrei a cada partícula do corpo dela quando eu senti meu calor se esvaír. Como eu não poderia pensar em você? Sendo que tudo de bom que tinha vivido foi ao seu lado?

Ir ao Rio Han era o que fazíamos para fugir de reuniões chatas, corríamos que nem duas crianças pelos corredores frios da *Master Hit*, Jina tentava nos alcançar, mas nunca conseguia. Eu segurava o braço adornado de Hye e sorria na sua direção enquanto os funcionários e a segurança falhavam em nos alcançar.

A imprensa e nossa equipe eram caçadores, e nós as raposas. Gostaria de sentir mais uma vez o calor das mãos dele contra a minha, pois a última vez que toquei Hye, ele estava frio e a cor não estava mais lá. Lembro muito bem daquele dia, seus olhos estavam fechados, ele estava deitado na banheira vazia do nosso quarto, vestia uma camiseta branca salpicada de sangue. Seus dois pulsos estavam cortados.

Liguei para todos que eu consegui pensar, minhas mãos tremiam loucamente naquela ocasião, pedi por uma ambulância e liguei para Riza antes de ligar para nossos pais, os dois nunca saíam juntos durante o entardecer, mas naquele dia os patetas tinham feito isso. Eu tinha passado o dia todo no estúdio também, não suspeitei.

A culpa me sufocava quando eu estava sozinho. Era uma mão invisível no meu pescoço que me impedia de gritar ao mundo que

todos nós tínhamos matado Hye. Os abutres chegaram tão rápido quanto a ambulância e Riza, o seu grito naquela noite...eu nunca vou esquecer, mas hoje eu sabia que ela amava verdadeiramente meu irmão. Nós fomos cegados por tantos flashes, a cada disparo na minha direção, mesmo hoje eu consigo ver o corpo dele ser coberto com um lençol branco.

O tempo para em horas erradas, e corre nos momentos certos. Eu olhei para Nicole quando chegamos em casa, não perguntei porque ela não tinha ido para a própria, eu estava grato dela estar ali. Eu ainda me sentia um pouco frio. Mas acho que era algo normal para a situação, eu tinha estado ao lado de Hye hoje, mesmo que por um breve momento, eu tinha sentido ele dentro do meu coração.

*Não chore*, era o que Nicole tinha me dito na ponte. Eu estava tentando não fazer mais isso. Em casa, eu coloquei a carta de Hye no envelope dentro do seu antigo violão, eu havia afastado levemente as cordas, eu não queria ler tão cedo, mas não queria perder.

— Você está...melhor? — Nicole estava parada no corredor usando roupas que eu havia emprestado, uma camiseta amarela que ia até seus joelhos e uma calça de moletom xadrez preta, estava fofa, segurava um travesseiro na frente do corpo.

— Estou — respondi objetivamente, e vi ela inclinar uma sobrancelha. — É verdade!

Vi ela trocar o peso de perna. Eu não estava mal, mas não estava nos meus 100%, porém não ficava perto disso há um ano, o que tinha aprendido era comemorar meus dias bons, e na maioria das vezes eu ignorava os ruins. A música era minha ajuda emocional diária, e quanto a terapia, ou medicação, isso não era um assunto aberto na gravadora, pois se viesse a conhecimento público, eles teriam muito a explicar. Como se o fato de ver meu irmão gêmeo

morto fosse a coisa mais “natural” do mundo, a ponto de ser forçado a seguir em frente.

— Sei que está mentindo — ela disse.

*O quê?*

Encostei no batente da porta do meu quarto.

— Você vai dormir mesmo aqui? — perguntei mudando o rumo da conversa, queria aliviar meu peso, dancei as sobrancelhas na sua direção, e senti meu corpo um pouco mais leve quando ela ficou vermelha, eu não soube se era vergonha ou puro ódio, mas quando ela atirou o travesseiro na minha direção, o julgamento não ficou mais claro.

— A menos que se sinta desconfortável, mas eu não sei se eu ficaria bem sabendo que você está sozinho — eu engasguei. Nicole não era direta com esse tipo de coisa, precisei de um tempo para assimilar. Encostei a cabeça no batente, mas não tirei os olhos dela.

— Não me sinto — eu disse que nem um pateta encarando seus olhos profundos — desconfortável com você, é o que eu quis dizer...

— Tudo bem — ela disse

— Tudo bem — eu repeti, sem ter a mínima ideia do que eu deveria fazer. Mas sabia o que o tempo estava correndo. Peguei o travesseiro no chão.

Eu nunca tinha tido uma menina de quem gostava em casa. Tinha tido casos de uma noite, onde velas eram espalhadas, e uma música de fundo tocava, acompanhada de bebidas com alto teor. Sabia muito bem o que fazer em ocasiões como essas, mas olhando para Nicole, meu cérebro ecoava.

— A cama é por aqui — disse abrindo a porta do quarto.

Ela me xingou em uma série interminável de palavrões, ela não estava falando coreano, sim, português, eu estava assimilando algumas coisas, mas ela falava muito rápido. Com uma pausa ela acrescentou:

— Eu vou dormir no sofá! — ela estava no batente olhando para dentro do meu quarto.

— Eu vou dormir com você, prefiro que seja na cama mesmo. — Ela me olhou como se eu fosse um inseto estranho, e cruzou os braços.

— Você está bem, e eu vou embora — ela disse, mas eu corri na sua direção e agarrei seu braço a meio caminho do corredor.

Ultrapassando todos os limites que eu já tinha rompido antes, eu abracei Nicole por trás, encaixei as mãos sobre sua barriga e me inclinei para colocar a cabeça no seu pescoço, como eu tinha feito mais cedo em uma ocasião diferente.

— Fica, *por favor* — eu disse contra seu pescoço e assisti ela tremer. Era uma palavra que eu tinha reaprendido a usar, e Nicole parecia gostar. — Estou bem, mas não quero ficar sozinho hoje.

Senti ela repousar a mão suavemente sobre a minha, estava morna.

Algo remexeu em mim.

— Você não está sozinho, Taeyang — disse em resposta, ouvir isso de Nicole fez cada partícula da minha alma vibrar, ela se virou gentilmente se desvencilhando do meu toque e caminhou lentamente para o quarto, atenta a qualquer movimento meu.

Talvez, mas boa parte do tempo eu era acompanhado por pensamentos, fãs abusivos ou funcionários da gravadora, raras eram as vezes em que eu podia escolher minha companhia. Esse era um dos momentos. Sorvi cada detalhe de Nicole, como se fosse a última vez que a veria.

E na minha vida, eu realmente não sabia quando seria a última vez de algo, ou alguém próximo. Suspirei e caminhei para perto de Nicole que avaliava a cama como se o Pennywise em pessoa fosse sair debaixo dos edredons cinzentos.

*Hye, eu estou perdidamente apaixonado por uma menina que me olha como um inseto.*

## 27 Nicole

Estava me sentindo quente. Dividir a cama com Taeyang não foi bem como eu idealizei a noite, mas quando ele me pediu, senti algo se agitar em mim, ele curvava levemente a cabeça quando queria algo e sua voz diminuía um tom. Não consegui negar seu pedido, e honestamente: não queria ir embora.

Estava no lado esquerdo da cama, de costas para Taeyang, de alguma forma eu sentia seus olhos abismais em mim, não sabia explicar como. Era paranoia minha, mas para confirmar, eu me virei na sua direção, e sob a luz da lua, vi que ele me olhava de volta.

— Você deveria estar dormindo. — Tentei parecer firme, e rabugenta. Mas não tenho certeza se de fato tinha soado assim. Os cabelos azuis de Taeyang estavam desgrenhados e era encantador vê-lo sem maquiagem, mesmo que antes dele vir para cama, levou um bom tempo com uma linha de produtos, ele havia dito que era obrigado a cuidar da sua pele todos os dias, estava no seu contrato.

— Você também, chicletinho — respondeu, e uma mão debaixo do edredom passou por cima de minha barriga e foi para a base das minhas costas, ele me puxou.

— No que está pensando? — eu perguntei, sentindo queimar onde ele tocava, eu inclinei a cabeça para olhar seu rosto, ele tinha me puxado para seu travesseiro.

A cama dele era enorme, mas estávamos usando apenas um lado.

— Que eu adoraria irritar os vizinhos. — Vi sob a meia lua, a boca de Taeyang se curvar de um jeito malicioso.

Eu o fuzilei com os olhos, e senti meu rosto queimar, a mão que estava nas minhas costas subiu e ficou sobre meu cabelo, Taeyang parecia um gato prestes a deitar que “fazia pãozinho” com as patinhas no local que ele julgava ideal, ele fez isso com meus cachos, eu ri.

— Não sorria assim perto de *mim* — ele disse baixinho, seus olhos estavam diferentes. Eu parei e o olhei irritada. Ele estava com cheiro de sabão de bebê, isso era algo engraçado, geralmente eu associava o cheiro de *latte*, gengibre e mel a Taeyang.

— E por que não?

Permiti que ele colocasse o braço para apoiar meu pescoço, e eu coloquei minha mão sobre seu peito, que descia e subia como o de um maratonista.

— Você fica ainda mais bonita, e... — ele desviou os olhos dos meus e encarou o teto, e virou o corpo junto lentamente, mas eu continuei a ter seu braço como apoio. — Isso está ficando bom agora, e não quero estragar nada.

Eu concordei com a cabeça e tive seus olhos sobre mim, outra vez.

— Não acho que você possa fazer algo para estragar... — ele sorriu levemente, eu precisava dizer algumas coisas, mas decidi começar pelo básico, suspirando disse o que não era segredo para ninguém: — Eu vou embora ao final desta semana.

Ele engasgou.

— Disse que ficaria um mês na Coreia — ele me olhou de forma acusatória — não pode ir antes.

Em 15 dias eu tinha desenvolvido um sentimento que não achei que nasceria, em mais 15 dias eu não iria querer voltar para o Brasil, continuaria a viver minha odisseia e organizar meus dias com a agenda de Taeyang. Suspirei de forma audível, isso me deixava triste de uma forma estranha, e meu peito apertava. Eu tinha me apaixonado pela única pessoa no mundo que eu julgaria impossível.

Estar apaixonada por um Idol, era uma coisa excitante e envolvente, e por último, sabia que teria um final. A graça da maioria dos relacionamentos é essa: planejar o futuro. Não consigo ver Taeyang planejando seu futuro, pois seu futuro é planejado por terceiros.

Ao mesmo tempo, não consigo me ver feliz partindo.

— As chuvas começarão logo, Tae — eu disse com o rosto encostado no seu ombro. Era verdade, mas eu não poderia dizer a ele que partiria porque quanto antes eu voltasse a minha antiga rotina frustrada, mais rápido eu me acostumaria, e esqueceria o que passei com ele, o que eu senti.

## 28 Taeyang

Meu coração estava acelerado. Nicole estava em silêncio ao meu lado, suspeitava que ela podia ouvir os batimentos, meu sangue corria por todo meu corpo, me virei para que Nicole não percebesse isso e me olhasse estranho, como sempre fazia. Minha boca estava seca.

O quarto parecia diferente com as luzes apagadas, a cama parecia menor com Nicole aqui. Enxerguei a silhueta da TV que ficava bem na frente da cama, vi as cortinas brancas da janela, que estava aberta dançarem com o vento. *Eu vou embora ao final desta semana*, as palavras dela ecoaram meus pensamentos. Olhei para a

escrivadinha ao lado da cama, vi o horário brilhando em vermelho: 23h.

Eu não tinha tanto tempo quanto achei que teria. Queria pedir para que Nicole ficasse além da noite, ela tinha estado aqui na minha fuga, não só da realidade, a literal. E de certo modo, tinha sido um apoio para que eu voltasse para minha antiga rotina de modo gradativo, e tinha deixado as reuniões da gravadora muito mais agradáveis do que eu me lembrava.

Ela não era o tipo de pessoa gentil que escondia chocolate nas roupas, mas a que despejava ácido em mim apenas com um olhar, e fazia Jina surtar com ideias. Me senti febril, mordi o lábio inferior, eu tinha um braço livre, eu escorreguei meus dedos para a base do pescoço de Nicole e me virei para encará-la.

*Fique*, eu quis dizer quando a puxei para um beijo. Sentir sua pele era como tocar em fogo e por mais que eu me queimasse, eu queria continuar. Esperei que Nicole me afastasse quando abri suavemente seus lábios, eu estava com os olhos abertos, por mais esquisito que fosse, mas eu queria guardar cada detalhe do seu rosto no meu coração. Senti ela respirar profundamente.

Me senti inebriado, e prestes a ser consumido de prazer... amor, e também um pouco de *dor*, o que ela me disse ecoava nos meus ouvidos enquanto eu me inclinava sobre ela apoiado sobre os cotovelos.

Uma de suas mãos foi para meus cabelos, e eu esperei novamente Nicole me afastar de meu gesto impulsivo e descontrolado, mas não aconteceu. E eu não pararia por vontade própria. Mal conseguia respirar quando ela me puxou para mais perto.

Quis olhar seu rosto, queria saber o que ela estava pensando. Sua mão traçou círculos pelo meu cabelo, isso me causou arrepios. Gemi contra seus lábios, e ela interrompeu o beijo. Abri os olhos sobre ela, e vi que seu olhar estava fixo em mim. Esse era o tipo de coisa que

eu não queria fazer com medo que estragasse o que eu presumia que tínhamos, eu sorri e fiz a menção de voltar para o lado dela na cama, mas ela me segurou onde estava, a mão que estava no meu cabelo escorregou para a lateral do meu pescoço.

Vi ela balançar a cabeça em negativa.

— Que feio, a empresária não se contentou apenas com um beijo, *tsc...tsc* — disse comprimindo um sorriso, sua expressão estava me deixando louco.

— O Idol que é um desocupado... — começou a dizer, mas eu a beijei antes que terminasse a frase.

Sorrii contra meus lábios, e eu não pude evitar de fazer o mesmo quando suas mãos escorregaram para a base da minha camiseta e seus dedos roçaram de leve a pele da minha cintura. Nicole não ia me afastar, e eu não iria parar.

## 29 Nicole

*O que você está fazendo?* Ouvi uma vozinha baixa sussurrar para mim, era o meu bom-senso falando. Não sabia como parar, mesmo se eu quisesse, senti minha eternidade cair, como Taeyang havia cantado para mim, e minha mente era um rio de pensamentos enquanto meu corpo era fogo.

Senti ele suspirar quando eu puxei sua camiseta por impulso, ele me olhou quando puxou o resto por conta própria. Eu senti um frio na barriga quando vi parte do corpo de Taeyang, como uma mariposa em direção a luz, eu o toquei, como se minha vida dependesse disso.

Estava deixando o fato de ser virgem fora de pauta. Aliás, o fato estava abraçando a voz do bom-senso, Taeyang não parou para perguntar se eu tinha certeza de algo, ele não faria isso, pois eu

duvidava que bem no fundo, ele também não tinha certeza de nada. Via em seus olhos o desejo, mas via um garoto perdido.

Minha mão parou na lateral da barriga dele, eu senti sua pele mais alta e lisa em uma linha alongada.

— Presente do meu pai — ouvi ele dizer num sussurro. Tive medo de perguntar, pois lembrava bem do que ele tinha me dito na ponte, como se fosse algo normal ser agredido pelo seu pai. Era horrível.

Ele pegou minha mão e colocou sobre seu rosto quando ele debruçou mais uma vez sobre mim, uma de suas mãos escorregaram para a parte detrás do meu joelho e seguindo minha intuição, eu cruzei as panturrilhas sobre suas costas. Eu deveria estar apavorada, mas não estava. Olhei para Taeyang, o menino perdido que havia compartilhado todos os seus lados comigo, eu confiava nele.

Sempre fui intuitiva com pessoas, eu acho Taeyang um idiota sem bom-senso algum, mas nunca o achei que ele fosse algo ruim, e sim uma pessoa com que coisas ruins aconteceram. Com um movimento rápido eu inclinei o corpo para cima e permiti que Taeyang puxasse a camiseta amarela que ele havia me emprestado, o vento gelado me agarrou. Acho que eu deveria ter escolhido roupas debaixo melhores, eu estava usando meu clássico soutien preto liso, o de batalha, e uma calcinha de bolinhas, estava escuro, ele não veria. E se risse, eu o atropelaria, duas vezes.

Ele intensificou o beijo quando nossos lábios se tocaram novamente, ele mordeu meu lábio inferior, a leve sensação de dor se misturou rapidamente com algo voraz, prazeroso.

Não demorou muito para que suas mãos descessem para a peça restante, enquanto me beijava sua mão contornava meu quadril, eram as mãos de um músico sem dúvida, habilidosas, esguias e um pouco ásperas nas pontas dos dedos.

Nesse momento, Taeyang parou de me beijar.

— Tudo bem? — ouvi ele perguntar com a voz rouca.

Nada estava *bem*, minha mente estava um caos. O que eu deveria fazer? Voltar para o Brasil, para o meu emprego de garçom? Ficar na Coreia, tentar ser aceita na universidade de artes? Deveria dizer para Taeyang que ele era o pior idiota que eu tinha conhecido, porque se eu não tivesse atropelado ele na saída daquela festa idiota não estaríamos aqui hoje.

Talvez me arrependa no futuro de escolher Taeyang aqui e agora, mas talvez eu me arrependesse de não fazer isso. Meu coração estava em paz, apesar da incerteza de como seria, estava okay porque era ele.

Não o respondi verbalmente, eu inclinei a cabeça para captar seus lábios e então nós dois queimamos em brasas durante a noite, e como Taeyang tinha dito de forma idiota mais cedo: nós irritamos os vizinhos.

## 30 Taeyang

Nicole tinha ido embora sorratamente pela manhã. Isso era novo.

Depois de um bom tempo, levantei da cama me sentindo leve, olhei para o lugar onde ela tinha estado na noite anterior, e sorri, que nem um idiota. Podia jurar que ainda sentia o cheiro de chiclete na fronha do travesseiro.

Sexo não era apenas sexo, não nesse caso. Envolve confiança, ela tinha confiado em mim na noite anterior. Essa era uma palavra interessante, pois está diretamente ligada a se entregar. Quando penso sobre isso, afirmo que na noite anterior, tinha verdadeiramente me entregado a alguém, senti meu coração em paz pela manhã era um marco na minha vida.

Nicole me disse que precisa voltar para o Brasil, ainda não consigo conceber meu comeback sem tê-la no *stage*. Sei o quão patético eu poderia soar se alguém pudesse ler meus pensamentos, mas depois de tanto tempo cercado por pessoas e mesmo assim solitário, era bom ter alguém que pudesse tocar além do meu corpo.

Ouvi meu celular vibrar, e o alcancei rapidamente. Era o velho.

— Pronto — disse a contragosto, não ia atender, mas nada podia estragar meu dia hoje, nem mesmo meu pai. — Taeyang na linha.

Ouvi um ruído do outro lado da linha, e buzinas de fundo.

— *Moleque, o que você está tentando fazer antes do seu comeback?*  
— a voz do velho parecia cansada, mas ele era velho, do que poderia se cansar?

Eu revirei os olhos e comecei preparar minha rotina patética de cuidados com a pele matinal, comecei a abrir a cacetada de cremes que estava na bancada da pia azul do banheiro, coloquei o celular no viva voz e encarei o espelho com um singela dificuldade, às vezes era difícil não enxergar traços do meu irmão, mas hoje eu vi apenas Taeyang.

— Do que está falando? — perguntei por conveniência, não por interesse.

Ouvi ele suspirar do outro lado, os ruídos de carro tinham sumido.

— *Apenas ligue a TV, te encontro nos bastidores hoje de noite. Evite chamar atenção.*

— Não precisa ir no meu show...

— *Sou seu empresário até a gravadora me afastar, eu deixei você dar seu chique de famoso por um período, agora volte para o seu*

*lugar, pois eu estarei voltando para o meu* — com isso eu ouvi os três toques, ele tinha desligado na minha cara.

Terminei a aplicação dos produtos de forma impaciente e corri para a cama, alcancei o controle remoto e liguei a TV prateada. E senti meu coração afundar.

Vi Dani do canal 7 de fofocas sobre famosos, usando um vestido roxo até os joelhos e bem fechado na linha do pescoço, com um coque e uma maquiagem fraca ela anunciou com um sorriso:

— *Temos notícias em primeira mão do astro Kim Taeyang* — suspirei, odiava que me chamassem assim, ela caminhou olhando fixamente para câmera. — *Há quinze dias Taeyang, como prefere ser chamado, fugiu do seu show de comeback, e ao que tudo indica teve ajuda de uma estrangeira chamada Nicole Dias ...*

— Puta merda — disse para mim mesmo.

— *... Pouco tempo depois, veio a público o afastamento de seu empresário, que também é o pai do cantor, e o cargo passou para a garota estrangeira. E não para por aí.*

Ela continuou, olhava para a câmera como se tivesse falando sobre fazer pão e não a vida de uma pessoa que ela não conhecia. Meu coração palpitou quando eu vi a imagem de Dani sumir e ser substituída por uma foto, a da portaria de Hannam The Hill, quando beijei Nicole pela primeira vez ao entardecer, o ângulo da foto era perfeito para nos identificar, ela tinha sido batida de bem perto. Naquela tarde, só tinham três pessoas na entrada de Hannam, eu, Nicole e o modelo de farmácia com a câmera.

Desgraçado.

— *Não nos restam dúvidas que a imagem se trata de Taeyang e sua empresária temporária, Nicole Dias* . — Ela colocou uma mão sobre seu ponto na orelha, e voltou a falar. Eu ouvia um zumbido na

orelha. — *Uma fonte segura afirmou que Nicole Dias usou o cantor para conseguir subir na vida, é uma garota malvada e esperta.* — Assisti Dani abafar o riso. — *Temos aqui um áudio feito pelo nosso informante.*

Dani parou de falar para reproduzir a faixa:

— *Eu usei uma pessoa para conseguir dinheiro para fazer uma faculdade, essa pessoa abriu o coração e alma para mim, e eu fiz isso. Ainda acha que sou uma boa pessoa?* — Era a voz de Nicole, sem dúvida, mesmo que distante do microfone, eu tinha certeza de cada nota de sua voz, pois elas estavam alinhadas com as cordas do meu coração.

— *Não, não achamos, Nicole Dias* — disse Dani, um pouco antes de eu acertar a TV com meu celular e a imagem congelar.

De todas as pessoas na minha vida, sempre admirei Nicole por ser a mais sincera comigo, rude, porém sincera. Deitei na cama onde nós dois tínhamos estado horas antes, e senti que a luz do sol não era mais o suficiente para afastar o frio. Não estava ligando para minha imagem, ela nunca foi referência. Nicole seria a mais prejudicada sem dúvida, meus fãs podiam ser cruéis às vezes.

Tentei respirar de modo regular, mas não consegui. Essa tinha sido e melhor mentira que eu tinha vivido.

## 31 Nicole

Não conseguia me mexer. Vi meu pai gritar ao telefone com alguém da gravadora, ele parecia caminhar em modo lento, tudo fazia o mesmo. Estava falando sobre o show de Taeyang, e negando tudo o que a repórter de cabelo dourado tinha dito 5 minutos antes.

O meu dia tinha começado estranho, era um estranho bom. Algo impactante tinha acontecido na noite anterior: tinha perdido minha

virgindade, eu acredito que minha mãe surtaria se eu dissesse algo do gênero para ela, nunca foi aberta para esse tipo de discussão, sabia que era algo importante, e até onde eu sabia por conta de pesquisas estranhas no google, a primeira vez deveria ser horrível. Não foi.

Meu pai estava enfurecido por eu não ter voltado para casa, mas eu expliquei o que tinha acontecido a Taeyang nos mínimos detalhes, exceto por aquele que aconteceu em sua cama, ele assentiu em silêncio, e a fúria já tinha sumido quando terminei de contar sobre a carta na ponte Mapo.

Era compreensível.

Agora, meu dia estava no limiar entre estranho ruim e horrível. Ver minha foto beijando Taeyang em mídia nacional, e ouvir minha voz...aquela tinha sido minha conversa com Jun-ho, lembro que ele estava estranho quando me colocou no táxi, a sua atitude tinha mudado como o tempo na Coreia. Tinha sido um baque. Não conseguia formar uma palavra sequer. Meu pai não perdeu tempo me questionando nada. Começou a negar tudo o que podia.

Peguei meu celular enfurecida, olhei para minhas mensagens mais recentes: Taeyang, ontem, e Jun-ho. Meu dedo dançou entre esses dois nomes, mas o que eu poderia dizer para Taeyang? Sem dúvidas eu não poderia negar nada daquilo, mas mesmo assim...

**Precisamos conversar. Agora. Te encontro na Torre em 15 minutos.**

Mandei para Jun-ho que visualizou na mesma hora.

**Okay, eu já estou aqui.**

∞∞∞∞

A torre dos sonhos era como eu chamava esse lugar, mas as outras pessoas conheciam como a Torre de Namsan. Eu gostava da alteração que tinha feito, na minha infância meus pais juntos me traziam, e éramos uma família unida e até onde sabia, feliz. Agora, depois de adulta, era onde meu *exposed* tinha sido realizado por um menino bonito que alguma voz estranha da minha cabeça confiou. Se eu pudesse ter um super poder, eu gostaria de ter o poder de voltar no tempo.

Assisti enquanto Jun-ho saía do bondinho azul levemente enferrujado com algumas outras pessoas. Eu estava no mesmo lugar onde o havia desenhado, ele se aproximou cortando a multidão resumida em jovens e turistas com celulares e câmeras a postos para uma selfie ou retrato perfeito, Jun-ho estava sem sua câmera. Ótimo. Pois parte de mim queria jogar o objeto da torre junto com o dono.

Ele estava usando uma camiseta amarela e uma calça preta larga com listras brancas combinando com os sapatos, estava bonito o tipo de beleza que as cobras tinham, até seu caminhar suave parecia uma isca. Queria parti-lo em dois, assisti Jun-ho lentamente se aproximar do banco onde eu o aguardava, seus passos eram hesitantes.

Jun-ho cheirava a sabonete de criança quando se sentou finalmente ao meu lado, seu ombro encostou no meu e eu recuei. Não conseguia olhá-lo, lembro de brigar com Taeyang, questionando-o se um garoto bonito não poderia se aproximar de mim por simples atração, e não por querer extrair algo de Taeyang, eu tive tanta raiva dele, e agora tenho de mim, porque aquele idiota estava certo.

— Por quê? — eu finalmente formulei as palavras em meio ao meu redemoinho de pensamentos, tenho certeza que soei como um pato. Eu estava usando meu chapéu de pescador rosa e meu cabelo estava trançado. Seguindo o raciocínio desbalanceado de disfarce de Taeyang, eu tinha optado por usar uma máscara facial preta.

Jun-ho tinha olhos arredondados, e pareciam muito gentis.

— Sinto muito — ele exprimiu, sua voz era pesada.

— Não quero saber se sente muito ou pouco, quero saber o porquê — disse sabendo que beirava a infantilidade.

Mas sem todo o destaque da mídia meu problema a resolver hoje seria outro: minha confiança em excesso em Taeyang, eu não queria criar expectativas com algo temporário, mas eu tinha escolhido a pior pessoa no mundo para me apaixonar, escolhido não.

Ele suspirou, o vento balançou seus cabelos com um sussurro e ao olhá-lo vi que Jun-ho apertava seus joelhos até que os nós dos dedos ficassem brancos. Seus olhos se voltaram para os meus, eram como os cafés que eu servia no trabalho.

— Eu precisei, Taeyang e Hye sempre foram o ápice da mídia, mas nunca tiveram nada muito concreto, apenas agressões leves contra paparazzis, mas depois de um tempo isso parou de ser furo pela quantidade de vezes que veio acontecer, digo, sobre Taeyang. — Ele fez uma pausa, talvez esperando que eu falasse alguma coisa. — Então o irmão dele cortou os pulsos na antiga casa da família Kim... — eu levei as mãos a boca, a carta, eu sabia a parcial verdade, mas a ideia de Taeyang suportar esse fardo era assustadora. — E Taeyang sumiu da mídia, procuramos muito, alguns dizem que ele não saiu de casa nesse período, o que pode muito bem ser verdade, então ninguém tinha o que noticiar, mas aí você surgiu.

— E onde eu entro? — Hye, ele tinha sido alguém perseguido por uma mídia abusiva, e não tinha conseguido lidar com esse tipo de assédio, Taeyang ficava incomodado com as câmeras, e agora eu entendia o porquê.

— Taeyang estava prestes a voltar para o palco, era um show surpresa da gravadora para os convidados, todos criaram muitas expectativas sobre, mas não aconteceu. Taeyang fugiu do seu

camarim e terminou a noite sendo atropelado por uma turista bonita — ouvir Jun-ho falar “bonita” agora me deixava alterada de um jeito único, a festa surpresa que eu tinha ido a convite do meu pai, e se nenhum de nós tivesse fugido, talvez eu tivesse escutado Taeyang cantar e voltado normalmente para casa, assim como ele, nada demais teria acontecido naquela noite. — E nós seguimos o carro até o hospital, depois até Hannam, eu estava com a equipe de cobertura do evento, foi fácil localizar vocês.

A van preta daquele dia e os fotógrafos. Tinha ficado incomodada, uma voz baixa da minha cabeça tinha se atentado para aquele detalhe, Taeyang tinha saído com meu chapéu e deixado a blusa preta cheia no banco de trás, ele sabia.

— E os boatos não pararam, diziam que Taeyang estava apaixonado, isso sim era um furo, pois até então só tínhamos leves rumores sobre Riza, mas Nicole Dias, isso poderia vender horrores. — Ele me olhou um pouco constrangido. — Eu não tenho outra profissão, Nicole, eu recebo para encontrar boas fotos de artistas e histórias, e a sua e de Taeyang me proporcionou um aumento, e me desculpe pelo mal que te fiz, mas eu *preciso* muito desse dinheiro.

Eu bufei. Apaixonado? Por mim? contive uma risada.

— Você expôs minha vida e a de Taeyang, o que pode ser tão importante?

Jun-ho me deu um meio sorriso.

— Minha mãe foi diagnosticada com câncer de mama no mês passado, eu e meu pai estamos trabalhando o máximo que conseguimos para pagar o tratamento que não é nada barato, eu sei que você me odeia, e sei que nos chamam de abutres por uma razão, mas eu não vou me preocupar com a vida de Taeyang que está sendo noticiada só porque beijou uma garota bonita, queria eu estar no lugar dele — ele resfolegou como se tivesse em uma corrida. — Nunca fui bem-quisto como fotógrafo, mas é o que eu

amo fazer. E todo meu pagamento por essa cobertura será para que ela fique bem.

Eu o encarei, queria poder dizer que eu o odiava, a vida seria tão mais simples se dividíssemos entre as pessoas que amamos e odiamos, pois o meio termo é o que acaba com nossos pensamentos e coração, eu queria atropelar Jun-ho, mas entendia tudo o que ele havia me dito.

O que era a vida de dois desconhecidos para a vida de alguém que ele amava? Eu não teria feito nada diferente do que ele fez, talvez ainda fizesse pior se conseguisse. Até certo ponto, estivemos alinhados, eu quis o dinheiro para uma faculdade em troca de devolver Taeyang para os palcos, ou tentar, como meu pai tinha barganhado.

— Você não me pediu, mas o meu perdão é seu — disse um pouco incomodada com o peso do olhar dele — e eu espero que esse dinheiro seja o suficiente e que sua mãe fique bem logo.

— Obrigado — sussurrou — naquele dia, em que você falou sobre usar uma pessoa, era de fato Taeyang, certo?

— Espero que entenda que você é a última pessoa que eu direi alguma coisa, mesmo que só existamos nós dois na terra.

Ele riu, seu lábio superior era levemente mais preenchido que o debaixo.

— Culpado. — Deu de ombros com um meio sorriso.

— Bom, acho que a mídia divulgou antes de mim sobre a faculdade e coisas do tipo — disse quase esquecendo com quem eu falava. — Mas de qualquer forma, eu rejeitei a proposta quando percebi que eu estava... bom, isso não importa mais, pois se eu estivesse no lugar de Taeyang não me perdoaria.

— Ele vai te perdoar.

— Como pode dizer algo assim? Você nem o conhece de verdade.

— Não o conheço, mas conheci você, e sei que é uma boa pessoa.

— Pessoas boas só se ferram, no final das contas — disse o que eu sempre ouvi minha mãe dizer, em uma espécie de mimetismo nada robotizado, eu me preparei para ir embora quando senti as mãos frias de Jun-ho se fecharem no meu pulso.

— Posso te ter como amiga? — Jun-ho me perguntou.

Eu sorri, sentindo minha garganta queimar.

— Não, eu lamento. — Com isso, eu deixei a Torre de Namsan, sem olhar para trás num bondinho enferrujado.

Durante todo o caminho de volta tentei ligar para Taeyang, mandar mensagem, e quando chegou ao momento de querer mandar um pombo correio, me ocorreu que ele devia estar muito irritado comigo, e bom, em seu lugar talvez eu também estivesse



— Nós vamos para o show e você pedirá desculpas formalmente para Taeyang — ouvi meu pai dizer como se nada daquilo tivesse dedo seu, ele tinha me voltado a tratar como um parceiro de negócios, eu o assisti andar de um lado para o outro da sala de estar.

Eu o olhei indignada, por não ter ouvido um “nós pediremos”, mas de qualquer forma quem havia sido descuidada tinha sido eu. Taeyang era minha estrela inalcançável e eu me amaldiçoei por pensar assim, mas optei por seguir a razão.

— Eu vou voltar para o Brasil, *hoje* — disse, assistindo meu pai abrir levemente a boca, seus cabelos estavam baixos com pomada e ele usava uma camiseta gelo com gravata preta.

Seria muito fácil seguir em frente sendo odiada por Taeyang, para ele também seria mais fácil se me visse como uma pessoa oportunista. Encarei meu pai que estava sério, talvez ele de fato me entendesse um pouco.

— De forma alguma! — apesar do tom, sua voz era calma. — Precisa pedir desculpas publicamente e esclarecer o mal entendido.

— Só que não foi bem um mal entendido, foi, pai?

— Nick, queria que trouxesse Taeyang para os palcos, não que o usasse — ele falou em português.

— Mas é exatamente a mesma coisa! — respondi em português o mais rápido que consegui para ver se papai me acompanharia, particularmente estava torcendo para que ele perdesse a linha de raciocínio.

Não aconteceu.

— Você não pode ir assim...

— Eu não posso ficar aqui, você não entende? — minha garganta começou a arder, mas eu não choraria.

— Está fazendo exatamente como sua mãe...

— O que isso deveria dizer, papai? — perguntei apertando as unhas na palma da mão.

Ele me encarou em silêncio por um tempo. *Fala sério* .

— Qualquer perturbação... — ele murmurou o resto da frase baixinho e não entendi.

Honestamente, não sei se queria.

— Tem certeza? — ele voltou a falar trocando o peso de perna, o celular estava na sua mão pronto para qualquer ocorrência.

*Não.*

— Sim — menti comprimindo os lábios. — Vou fazer minhas malas, consegue encontrar um voo pra mim enquanto isso?

Olhei para a janela branca de vidro da sala, o dia estava lindo, queria me lembrar dessa viagem como algo lindo e imaculado, mas eu tinha feito tantas coisas estranhas no caminho.

— Consigo. — Ele começou a digitar no seu smartphone provavelmente vendo horários.

Senti minha garganta queimar outra vez, mas eu não iria chorar. Definitivamente não iria chorar.

## 32 Taeyang

De longe eu conseguia ouvir meu nome ser entoado por uma multidão, aquilo arrepiava cada molécula do meu corpo. A energia antes de um show era a coisa mais intensa da minha carreira, positivamente falando.

Meu celular tinha parado de funcionar, eu não era autorizado a atualizar nenhuma rede social por conta própria de qualquer modo, mas eu não poderia receber ligações. Olhei para o camarim, era bem iluminado a ponto de agredir meus olhos e possuía um sofá avermelhado atrás do meu camarim de maquiagem, Joy estava balançando um pincel na minha direção, e talvez pela décima vez, pedia para que eu não me mexesse.

Eu me levantei abruptamente e ela quase derrubou o pincel de base que segurava e me olhou feio.

— Jina, me dê seu celular — disse para minha assessora de imagem que usava um vestido preto até o pé e o cabelo em um coque alto. Gesticulei a mão na sua direção, ela estava teclando sentada no sofá, levantou o olhar na minha direção como se eu não tivesse dito nada.

Ela voltou o olhar para o aparelho, e depois para mim.

— Do que precisa? — ela inquiriu com sua voz contida, enquanto Joy murmurava alguma coisa.

Eu estava vestido com um blazer vermelho sangue com rosas negras pintadas a mão e pedras pretas encrustadas nele, o que Nicole havia desenhado. Quando eu fugi do meu show, o que agora parecia que tinha sido há uma vida, eu senti medo de subir em um palco sem meu irmão, porque para eu fazer isso era de fato aceitar que ele tinha morrido.

Agora, isso não tinha mudado. Sentia medo, claro que sentia, mas também sentia minha alma queimar em chamas com a emoção de poder cantar para uma multidão que ecoava meu nome.

— Do seu celular — respondi revirando os olhos

— Nicole não me responde, se é o quer saber — ela disse sem rodeios.

Eu bufei e me joguei na cadeira, imediatamente Joy veio para cima de mim como uma pintora ávida.

— É óbvio que não quero saber sobre ela. Isso é tão patético que me faz querer rir.

Não queria rir. Senti raiva no começo, espatifei meu celular e minha TV em conjunto, assisti o dia passar através da janela do meu quarto, eu não queria pensar muito a respeito, mas quanto mais eu tentava esquecer, mais eu lembrava. Relacionamentos dentro da

indústria não duravam ou não eram reais, talvez o meu maior erro tenha sido criar expectativas em Nicole por ela não fazer parte disso.

— Tudo bem então — disse Jina voltando a atenção para o aparelho, ela estava empenhada a matar esse rumor do canal 7 o quanto antes.

Tinha arrastado ela para um mundo de cobras, e ela tinha se adaptado melhor que eu. Encarei o espelho do camarim com todas as forças que eu tinha, e enxerguei apenas um Taeyang com os olhos bem marcados em marrom e vários brincos de argola nas orelhas, eu tinha chegado no meu ápice de pateticidade. Estava triste por uma mentira bem contada por uma garota bonita.

— Aí está você — disse meu pai ao entrar no camarim, Jina se levantou imediatamente e veio para o meu lado como se tivesse se lembrado que precisava estar ali.

O velho era uma versão murcha minha, usava um terno azul da cor do meu cabelo e estava impecável, olhei para trás dele esperando ver sua mulher, mas ele estava sozinho, e na sua mão havia uma linha branca onde ficava sua aliança.

— A surpresa é: Como você está aqui? — perguntei assistindo Joy terminar de remover qualquer sinal de brilho da minha pele com um lenço seco — eu pedi para que berrassem você, que estranho — observei, e era verdade. Depois daquele telefonema ridículo, falei que meu pai era a última pessoa que eu queria ver no meu camarim.

Ele assentiu de uma forma calma e estranha.

— *Saiam* — ele ordenou para Jina e Joy, a segunda não esperou duas vezes, com seu cabelo pink e seu vestido rodado branco, abriu maior distância do camarim em um período mínimo.

Jina me olhou, fixamente. *Eu fico?* Ela perguntou através dos olhos, eu era grato por isso.

— Pode ir — eu disse para ela, e quando ela estava no limite da porta branca do camarim que possuía meu nome em uma estrela dourada, eu disse: — Obrigado.

Jina tinha mudado meu conceito sobre ela na ponte Mapo mesmo sempre ter sido uma pé no saco para mim e Hye, sempre esteve ali para nós. Ela me olhou uma última vez antes de atravessar a porta e sorriu com os olhos.

— Você tem noção da bagunça que fez? Fugindo por aí com aquela menina... — começou meu pai assim que a porta se fechou.

Eu o encarei, girei na minha cadeira como uma criança desatenta faria.

— Não se preocupe, não vai acontecer tão cedo. — Eu me lembrei da voz de Nicole na TV, fui uma apunhalada entre minhas costas, senti meu coração descompassado. — Falando em fuga, outra mulher sua fez o mesmo? — desviei o assunto.

Vi os olhos de meu pai se ascenderam, empinei o queixo na sua direção em desafio. Era um detalhe impossível de ignorar, a ausência de sua aliança, outra vez

—Não é sobre mim...

— Tem razão, tudo é sobre mim, *cansa* .

Eu me levantei e comecei a caminhar para a porta, mas tive o pulso agarrado pelo meu pai, seus dedos eram suaves, mal pareciam as mãos de um agressor.

— Sua melhor defesa sempre foi o ataque — ele disse me avaliando dos pés à cabeça, de perto eu conseguia enxergar olheiras

adornando seu rosto.

— Aprendi com o melhor da área. — Puxei meu braço, precisava me livrar daquela sensação ruim que era ser tido por seu controle.

Achei que ele me bateria pela expressão fria em seus olhos, mas ele não o fez.

— Suba naquele palco e...

— “Me deixe orgulhoso”? — perguntei, ele costumava dizer isso para mim e meu irmão antes das nossas apresentações.

Eu ri em deboche.

— Deixe Hye, orgulhoso, *eu* sempre estive.

Ouvir o nome do meu irmão sair da boca do meu pai era revoltante.

— Que seja. — Saí do camarim sem olhar para trás e me preparei para a apresentação, ouvi meu nome ecoar ainda mais alto fora, haviam 6 seguranças na porta, me olharam um pouco desconfortáveis.

— Não vou fugir — disse para ninguém em específico.

Pude jurar que os seguranças me olharam agradecidos, o restante da equipe formou uma meia lua em torno de mim, dançarinos e maquiadores. Os *trainees* usavam roupas básicas pretas, pois não podiam chamar mais atenção que eu no palco. Isso me fazia lembrar: eu voltaria a dançar e cantar, era algo desafiador em uma turnê, para um show *meet* poderia parecer algo tranquilo, era uma coreografia que eu tinha repassado até meus joelhos queimarem e meu pés não aguentarem mais.

Olhei para Jina, ela continuava com o celular e algo dentro de mim remexeu. Eu passei pelos *trainees* e com a mão estendida tomei o

celular da mão de Jina que me olhou mortalmente.

— É rápido — eu informei ao procurar o número de Nicole na lista de contatos, vi Jina estender a mão rechonchuda para tentar alcançar o aparelho, mas eu me afastei. Assisti os dançarinos e equipe colocarem uma mão sobre a outra em um círculo, me olharam, e sabiam que não me juntaria a eles naquele momento.

Ouvi a linha se estender em três toques, eu liguei e desliguei várias vezes. Ela não atendeu, não tinha como saber que era eu, isso me confortava. Nicole era meu chiclete da sorte, bom tinha sido. O que diabos eu estava fazendo? Eu desliguei a chamada no mesmo instante que ouvi a voz de Nicole, estava embargada quando disse:

— Alô? — ouvi barulhos de fundo, mas eu já tinha desligado antes de responder.

Atordoado devolvi o telefone para Jina. Eu tinha que estar ali, 100% focado.

A *Master Hit* tinha usado todos os canais sociais para divulgar meu MV, e *Sweet Night* estava apenas quatro horas no ar e havia quebrado recordes de visualizações no YouTube. Eles esperavam por isso ao ponto de terem me dado a liberdade para escolher a canção do meu agrado, o meu sucesso nas plataformas viria de qualquer jeito, agora eu monopolizava toda a base de fãs.

— Vamos fazer um ótimo show — eu disse passando pelos *trainees*, mas eu estava tentando me convencer.

Precisava disso.

## 33 Nicole

Meu celular estava uma loucura. Tinha recebido tantas mensagens de ameaças que era impressionante a quantidade de ódio que um

ser humano podia descarregar em 200 caracteres.

— Não leia nada disso — meu pai havia me orientado em meio ao caos que ele tentava resolver ainda com o seu smartphone em mãos — troque seu número logo assim que chegar no Brasil, para sua segurança. As *Sasaengs* de Taeyang irão divulgar assim que o conseguir.

Taeyang, o nome que tinha o significado do sol e era tão lindo quanto quem o carregava. Eu parei de deletar as mensagens sem ler quando o nome de Jina pulou na minha tela. Meu pai havia dito na gravadora que ele se atrasaria para o evento por conta da notícia, mas eu sabia que era por minha causa. O sol não iria nascer tão feliz para mim no dia seguinte.

Tinha certeza que ele me odiava, e mesmo se eu tentasse explicar... era Taeyang no final das contas, e quando falo dele, é alguém que atira primeiro e pergunta depois, e eu também não saberia formular uma explicação decente, minha cabeça estava: *Oi, desculpe, sou pobre e cheia de sonhos, precisava daquele dinheiro para estudar o que eu amo, que é desenhar, eu não te usei porque abandonei a ideia .*

É, definitivamente não seria convincente. Ele tinha cantando com o coração e alma quando estive na sua casa, Taeyang tinha me deixado aproximar, não contava com nada disso. Lembrei de Jun-ho e como ele havia me contado, mesmo com dificuldade o porquê tinha feito o que fez. Suspirei de forma audível.

E me esquecendo que Jina me ligava pela terceira vez, eu atendi.

— *Alô* — eu disse, hesitante.

Mas ela desligou na mesma hora. Podia parecer loucura, mas aquela respiração antes de ouvir o toque da operadora, parecia a mesma fungada que Taeyang dera no meu ouvido quando estávamos no salão. O que agora parecia uma eternidade.

Assisti meu pai caminhar de um lado para o outro no telefone. Minha mala já estava feita, eu tinha trazido pouca coisa, o adicional da minha bagagem era a blusa extravagante de Taeyang, eu me lembro vividamente dele correr na direção do carro usando-a, estava ridículo e lindo, do jeito que só ele conseguia parecer.

Eu não podia levar a blusa comigo.



Esperar foi a parte mais difícil. Eu tinha duas horas até meu voo de última hora e estava na porta da casa de Taeyang, parecia que eu estava indo para o abate, olhei para cima e vi as estrelas se acenderem sobre mim, torci para que encontrasse as palavras certas quando ele chegasse.

Mas confesso que parte de mim só quis largar a blusa dele na entrada. Eu a segurava contra o peito. Suspirei quando vi os faróis do carro azul de Taeyang iluminarem a rua. De todas as coisas que poderia deixar na Coreia, o meu coração era a pior delas.

## 34 Taeyang

O show tinha sido um sucesso absurdo. E eu tinha me esquecido totalmente de todas as emoções que envolviam estar em um palco. Achei que ficaria perdido entre os dançarinos, achei que tinha me esquecido como lidar com meu público, mas tudo foi tão perfeitamente robotizado que todos vieram me dar parabéns ou agradecer por não ter fugido, principalmente a equipe de segurança.

No palco eu tinha esquecido das notícias que me envolviam e ignorado o fato que alguém poderia atacar Nicole nesse período. Suspirei apertando o volante até os nós dos meus dedos ficarem brancos, o rádio estava desligado, a possibilidade de tocar Bon Jovi me desconcertava. Não era só isso, no palco eu procurei por dois

rostos, eu procurei Hye quando vi rosas brancas, e procurei Nicole quando performei *Pop Star*, era uma música que eu tinha feito para ela e em um ato louco e desesperado.

Eu era um grande idiota. Como se algo na minha vida pudesse ser real ou duradouro.

Cortei todos os carros que estavam no meu caminho tentando voltar para casa o mais breve possível, a adrenalina de estar no palco estava passando e eu queria fugir das comemorações que Jina poderia inventar nos bastidores. Meu *comeback* não era nada a ser celebrado.

O meu corpo esfriou quando me aproximei da minha casa, e na porta dela estava uma menina com o cabelo trançado e a cabeça abaixada segurando uma blusa preta ridícula, a minha blusa ridícula de corvo.

*Putá merda*. Ela levantou a cabeça e olhou através da minha alma quando encostei o carro. Puxando o freio de mão, eu me encarei no espelho, estava usando lentes azuis como meu cabelo e haviam resquícios de glitter por todo meu rosto, tomei coragem para sair contando até dez.

Ao abrir a porta o vento me agrediu e eu fui contemplado por todas as estrelas. *Ficarei do seu lado até conseguir contar todas as estrelas*. A voz de Nicole me atingiu mesmo me olhando quieta do outro lado do gramado.

Outra mentira.

— Oi — ouvi ela dizer, sua voz estava contida e distante como mais cedo pelo celular.

Eu tinha todos os motivos do mundo para querer gritar com Nicole, mas eu não conseguia. Sentia um fogo queimar dentro de mim, mas ele estava entrelaçado com a dor de ter tido o coração partido pela

única garota que amo. Talvez eu não fosse o filho do meu pai. Me aproximei dela e parei no que julgava uma distância segura, a cinco passos.

— O que está fazendo aqui? — perguntei sentindo toda a adrenalina do show se esvaír do meu corpo, eu estava frio e não tinha relação alguma com o tempo.

Quando estava longe dela eu não conseguia parar de pensar em como ela estava ou a tratavam, ao seu lado eu me sentia um menino com a garganta sendo apertada. Minha mente dançava entre o agora e a noite passada. Toda minha vulnerabilidade tinha sido jogada sobre Nicole, sempre fui sincero sobre meus sentimentos.

Mas não tinha pensando em como ela se sentia com toda a bagagem que eu trazia.

Ela ergueu o braço um pouco vacilante com a blusa na minha direção.

— Vim devolver isso.

## 35 Nicole

Estendi a blusa na direção de Taeyang como uma tola, minhas mãos pairaram no ar entre nós e vi ele assistir o gesto com lentidão, me olhava como olhava sua equipe da gravadora. Queria me encolher daquele olhar que não era mais abismal, mas claro por lentes na tonalidade do céu ensolarado.

Ele finalmente pegou a blusa com um puxão. Taeyang estava se contendo, seus dedos dançavam inquietos ao lado do corpo, pela primeira vez desde que o conheci, vi ele guardar o que passava pela sua cabeça.

— Certo, obrigado.

Assisti Taeyang começar a caminhar para a porta de entrada da sua casa, eu tinha que falar alguma coisa, mas parecia que um caroço na minha garganta evitava que me pronunciasse.

Não precisei.

Taeyang se virou, abriu a boca e fechou duas vezes quando finalmente falou:

— De todas as pessoas na minha vida, você foi a pior. — Aquilo me atingiu como um soco, apertei os dedos na palma e senti minhas unhas entrarem na minha pele, a voz de Taeyang estava um pouco rouca, presumo que por conta do show. — Foi a que me enganou, com seu rosto bonito, voz... Entreguei meu coração para você, Nicole.

Era estranho ouvir Taeyang me chamar pelo nome, eu tinha ficado tanto tempo com "chicletinho" ou até mesmo aquela droga de "*noona*".

Ele riu, mas não alcançou os olhos.

— Mas na verdade, o idiota fui eu, né? — sua voz rouca parecia calculada.

Eu não tinha respostas para Taeyang, eu estava sufocada. Tentei respirar e ao mesmo tempo me manter firme sob seu olhar, a meia luz da entrada deixava seu rosto frio.

— Não — eu disse, ainda ouvindo a parte de ter seu coração ao meu alcance. — Não foi bem assim que aconteceu.

Não sabia explicar o que tinha acontecido para Taeyang.

— Que seja. — Ouvi sua resposta programada, e o olhei, meus olhos e garganta estavam queimando, mas eu não choraria.

*Fale agora* , disse para mim mesma.

— Pense o que quiser sobre mim — disse, estava atordoada, vi ele estreitar os olhos, eu não conseguia. — Sei a verdade, não aceitei aquela proposta. — Senti minha visão turvar com as ameaças das lágrimas. — Sabe, de fato errei, mas não pelo que pensa. — Eu tinha me apaixonado por um cantor idiota. — De qualquer forma, estou indo embora da Coreia, hoje.

Taeyang fechou os olhos brevemente, e quando os abriu caminhou apressado para o carro de onde tinha saído minutos antes, segurava sua blusa firmemente quando disse:

— Queria muito acreditar em você, mas a verdade é que não consigo, não agora. Faça uma boa viagem de volta para o Brasil, Nicole — disse abrindo a porta do carro. — Você e seu coração amargo. — E a fechou com um ruído estrondoso, me deixando na noite fria encarnando onde estivera antes.

Meus pés fizeram menção de me trair e correr para o carro, mas me esforcei para continuar exatamente onde estava. Aquela seria a última vez que eu o veria, a ideia era sufocante.

Assim como meu coração, Taeyang acelerou o carro e em questão de segundos ele havia sumido do meu campo de visão, noite adentro. Parte de mim queria saber se ele tinha olhado para trás uma última vez. Eu encarei o céu estrelado antes de voltar para casa verificar minhas malas.

## 36 Taeyang

Estava em um dos últimos lugares que tinha imaginado que me guiaria. A Torre de Namsan era tão linda de noite quanto era de dia, de longe eu conseguia ver as casas de telhados azuis e verdes iluminadas, parecendo pequenas estrelas no campo de visão. Coloquei minha blusa ridícula de corvo pois aqui ventava de modo

violento. Eu raramente vinha aqui apesar de achar o lugar bonito, tinha muitos turistas e, no geral, evitava lugares assim.

Outra coisa que me incomodou foi que a esse horário a visitação da torre estava quase fechando, mas sentando em um dos bancos brancos de metal estofado estava um cara de camisa branca e calça vinho que eu reconhecia, eu caminhei rapidamente em sua direção, olhei aos arredores, estávamos sozinhos. Ele não viu eu me aproximar com os passos firmes, estava assistindo as luzes de Seul através das janelas largas do observatório quando eu acertei um soco na lateral do rosto.

Vi Jun-ho deitar no banco com as mãos no rosto, ele me olhou horrorizado e se levantou depressa quando percebeu que minhas mãos continuavam fechadas na lateral do corpo. Ele olhou atento à nossa volta, sabia que eu não me daria ao luxo de fazer isso e chamar atenção.

— Taeyang, que diabos...

A coincidência era incrível. Minha mão doía e queimava, eu não era muito bom nisso, era uma habilidade que eu tinha guardado para fotogr fos petulantes que se aproveitavam dos meus momentos de paz e felicidade.

Ele se levantou, e precisei contar até cinco para não continuar a bater em Jun-ho até que ele estivesse no chão, eu não queria parar de forma alguma, ele tinha estragado minha relação com Nicole, ele tinha...

— Está feliz agora? — ele me perguntou inclinando o queixo para mim interrompendo meu raciocínio, ele era um pouco mais alto. — Me bater conserta algo na sua cabeç a distorcida? — não, não consertava, mas se eu dissesse que não me deixava mais aliviado, era mentira.

— Cuidado — eu o alertei, abri meus dedos e os estiquei na lateral do corpo. Jun-ho não revidaria aparentemente, isso era patético. O vento soprou nossos cabelos e vi os pelos da minha blusa dançarem com o movimento. O corredor curvado do observatório ecoava o som das nossas vozes.

— Está com raiva de mim por ter exposto o relacionamento de vocês? Ou de você mesmo por não fazer durar? — para o inferno a contagem. Fui para cima dele sem pensar duas vezes.

Era um pouco dos dois. Não queria bater em Jun-ho por ter me jogado na boca da mídia, mas por ter jogado Nicole junto comigo, mesmo ouvindo o que ela tinha dito eu não queria que ela fosse perseguida por nenhuma fã maluca ou coisa do gênero, e a mídia iria demonizá-la o máximo que conseguissem. Eu tinha sido usado, e isso não era uma novidade na minha vida, mas ela tinha sido enganada por esse pseudo-fotógrafo. Deveria ter seguido meus instintos e resolvido isso em Hannam The Hill.

Dessa vez Jun-ho para minha surpresa, revidou e me acertou na barriga eu soltei todo o ar com o impacto e senti a área ficar dormente por alguns segundos para depois latejar, contive o reflexo de me jogar no chão e lutei para puxar o ar. Eu soquei o ar na tentativa de acertar o rosto dele, mas Jun-ho me acertou outra vez no lado esquerdo da barriga, Jina ficaria agradecida por ele não mirar meu rosto. Isso era tão *nostálgico*, era quase minha rotina com o velho, daí tinha vindo minha cicatriz.

Agarrei seus antebraços para me equilibrar, precisava revidar. Jun-ho estudou meus movimentos e segurou meus braços, e por alguns segundos ficamos assim, tentando respirar de modo regular, estava de pé por conta da adrenalina, a sensação era doentia, e me fazia querer rir.

Para um modelo barato de farmácia que ferrava as pessoas com uma câmera, Jun-ho era muito bom de briga.

— Violência não é a chave — ele me disse como se não estivesse me espancando como uma batata de feira.

— Você é uma criatura patética — disse em resposta e num ato covarde subi minha perna e lhe dei uma joelhada, onde eu sabia que seria um golpe covarde e garantido.

Jun-ho me empurrou para longe e me esforcei para ficar de pé, meu abdômen latejava, ele se jogou no chão na direção oposta com as mãos na frente do corpo de forma protetora, ele proferia uma série de palavrões e grunhidos. Eu tinha acertado um único soco nele porque ele não estava me olhando e havia terminado de uma forma covarde, isso me irritava ainda mais. Eu era a criatura patética no final das contas.

— Acho que nós dois somos — disse entre dentes, como se nós nunca tivéssemos brigado, eu o encarei perplexo no chão, a minha adrenalina estava deixando meu corpo e a dor estava me dominando — você é um Idol que deixou uma menina legal ir embora, e eu sou o idiota que fez a menina legal ir embora.

Nicole, sua expressão ainda queimava meu coração. E sim, o modelo barato tinha razão, eu também era patético. Caminhei até Jun-ho que assistiu cada movimento meu, ele ainda estava encolhido no chão cinza com adesivos de marcações, quando em um delírio, lhe estendi uma mão.

Minha raiva tinha me deixado, mesmo sendo Jun-ho na minha frente, demorei a perceber que o foco da minha ira era eu mesmo, revirei os olhos quando ele demorou a pegar minha mão.

— Não tenho o dia todo, idiota. — Jun-ho hesitante segurou minha mão, a mesma que eu tinha recusado dias antes.

Eu o puxei e vi seu esforço árduo para se colocar de pé.

— Traíçoeiro — Ele me disse em resposta, e voltou para o banco metálico onde estivera sentado antes caminhando um pouco curvado. — Venha — disse dando um tapa no banco ao seu lado, esse cara esquecia as coisas rápido. — Preciso te contar uma coisa.

## 37 Nicole

Contive o impulso de mutar o rádio do carro quando eu ouvi a voz de Taeyang cantando *Sweet Night*, parecia algo só nosso, íntimo demais para vir a público, mas na vida dele isso não existia de forma alguma. Eu sempre soube que esse dia chegaria, olhei pela janela do carro, a avenida estava repleta de faróis vermelhos, e a esse horário estava bombando de motoristas, era hora de dizer um 'adeus' temporário para a Coreia da minha infância. Fui atraída pela magnitude e a luz que piscava no alto da Torre de Namsan, abaixo dela haviam várias copas frondosas de árvores.

Tive dias bons e estranhos nesse país, e todos estariam no meu coração para bem ou mal, e bom, por consequência Taeyang. Olhei para as placas azuladas na avenida, estavam apontando a direção do aeroporto Daegu, algumas nuvens tinham surgido no céu para esconder as estrelas, as que eu não contaria e as que não se apagariam em uma promessa de dois tolos.

— Estão dizendo na gravadora que esse é o ano de Taeyang brigar pelas premiações nos Estados Unidos — meu pai comentou, seus olhos estavam no trânsito, de perto podia notar que sua barba estava a fazer.

— Que bom, para ele — murmurei, se ele quisesse, com essa voz poderia brigar por qualquer prêmio. Por mais que me doesse admitir, era um cantor incrível.

Não queria falar de Taeyang por mais que não parasse de pensar nele. Voar durante a noite era um pouco estranho, quando eu chegasse no Brasil seria dia, perderia tempo e ganharia num voo de

26h. Não tinha nada demais para fazer no avião além de rabiscar algumas ideias, nesse curto período de tempo que fiquei na gravadora, eu vi que desenhar figurinos era algo interessante, e a jaqueta tinha ficado bem em Taeyang. Trabalharia na ideia.

*Nada é definitivo, e como eu disse, muita coisa pode acontecer em um mês.*

— Enviei minha inscrição para a Universidade ontem — disse, meu pai me olhou de canto com um sorriso pleno.

— Ah, é? — seu português continuava arrastado mesmo com tantos anos de prática.

— Pode ficar de olho para mim? Coloquei o seu endereço como correspondência.

Ele aumentou o rádio, e senti meus dedos formigarem. Era como se nossa discussão não tivesse acontecido.

— Sua mãe vai ficar furiosa se for aprovada, e será.

— Estou contando com isso.

Me permiti cochilar até o aeroporto, não suportava a ideia de assistir cada detalhe de Seul durante a noite, esse lugar era lindo demais. Mesmo morando no Brasil quase toda minha vida, eu conseguia me sentir mais completa na Coreia...Só demorei para perceber.

Ali eu me sentia livre, mesmo recebendo olhares estranhos e sussurros enquanto andava. Poderia experimentar coisas novas, e ter liberdade para sentir e falar por mim mesma, o que eu jamais conseguiria fazer do outro lado do mundo, com mamãe. A possibilidade de estudar o que eu gostava era sem dúvida o que mais entrelaçava o meu coração a Seul. Mas meu coração estaria preso aqui de qualquer jeito, seja com expectativas de estudos ou com...ele.

A Torre de Namsan iluminando o ponto mais alto me dava esperanças, e nesse momento eu precisava.

## 38 Taeyang

De todas as pessoas no mundo, a última que achei que diria algo relevante para a sociedade era Jun-ho.

— Nicole não aceitou a proposta até o fim...Acho que ela estava apaixonada por você.

Ele tinha me dito isso sem qualquer rodeio, confiando que talvez dessa vez eu me controlaria. Suas palavras foram piores que as socos que tinha me dado mais cedo, o ar gélido me agrediu junto com a lembrança do rosto de Nicole, praticamente a tinha mandando embora mais cedo.

E não me restava dúvidas alguma que ela iria, e muito provavelmente sem olhar para trás. Tinha fechado os olhos, ao ponto de precisar ouvir de Jun-ho o que estava na minha frente o tempo todo. Nicole não costumava expressar muito bem o que sentia com palavras, mas não mentia para mim.

*Apaixonada* . Eu não imaginava Nicole verbalizando isso, mas uma parte de mim, a que tentava se consertar inibiu o último resquício de lógica que eu tinha.

— Tenho que ir — disse a Jun-ho.

A meio caminho do bonde me perguntei por que tinha lhe dito isso. E lembrei que “Obrigado” pareceria grato demais para um cara que tinha nos jogado no ventilador imperdoável que era a mídia sensacionalista.



Se eu não tentasse, não saberia. E então fui que nem um louco para o aeroporto.

O que julguei ser o certo a se fazer enquanto cortava em ziguezague os pesos mortos da avenida estava me amaldiçoando por não ter comprado outro celular a tempo, ou consertado aquele que espatifei na TV, aliás, precisava de outra TV.

O mais próximo era o Daegu, ainda assim levaria 15 minutos, no meu ritmo. Minha melhor chance era tentar alcançar ela no caminho, sabia que ela retornaria hoje, mas não fazia a menor ideia dos horários. Eu era um patético, desesperado e sem celular, a melhor combinação para uma hora de desespero. Acelerei ainda mais o carro quando vi que os faróis poderiam me atrasar.



Quando atravessassei as portas espelhadas e polidas de vidro do portão 1, mal me importei de estar com minha blusa de corvo, rosto descoberto e ser o único a correr dentro do aeroporto. Alguns seguranças me olharam estranho, estavam com pontos e sussurraram alguma coisa quando me viram passar.

Estava sem minha segurança pessoal, e o terminal estava lotado como em um show meu. As pessoas formavam um mar em várias direções, a escada rolante estava enfileirada de pessoas e o corredor parecia bem menor do que de fato era. O chão era xadrez mesclado entre creme e um marrom claro, não era lustroso pois possuía relevo em ondas.

Haviam vários e vários guichês para passagens e os portões de embarque, comecei a caminhar com o rosto abaixado procurando por um que dizia "Brasil". Aproveitei o mar de gente das escadas e abaixando o rosto e usando uma mão para cobrir quando alguém me olhava duas vezes eu subi. Ser um Idol era ser reconhecido o tempo todo, e era exaustivo, mas por ora eu estava com sorte.

Respirei. Sai cambaleando das escadas e cortei o aglomerado de pessoas da melhor forma possível. Eu rodei em círculos por alguns minutos. Nunca tinha vindo para um aeroporto sozinho, e só tinha ido para o Brasil em um voo particular, desse modo “tradicional” podia se dizer que eu era virgem.

Devia ter gastado uns 10 minutos, indo de um lado a outro dos guichês aos portões de embarque, perguntando aos funcionários do aeroporto na medida do possível, e alguns gritavam e me abraçavam sem pedir, agradecia como se fosse algo legal e não-invasivo, não tinha tanta liberdade quanto ao meu corpo. Era da empresa. E como propriedade da gravadora, eu tinha que me portar da melhor forma possível com os fãs.

A iluminação artificial do teto que era vasta agredia meus olhos. Como um viajante no deserto eu pisquei duas vezes para ter certeza que não era uma miragem, eu tinha encontrado minha fonte dos desejos e paz. Na fila do portão que dizia “Brasil” em letras brancas com o fundo verde, estava Nicole com uma mochila roxa nas costas, e um headset azul, segurava a passagem e o passaporte em mãos, não estava tão longe, mas mesmo se tivesse eu a reconheceria.

A fila estava caminhando rápido demais, como todos os serviços prestados na Coreia, a eficiência vinha em primeiro lugar. Havia apenas uma pessoa na frente de Nicole, era um senhor. Ele estava entregando a passagem para a comissária de bordo vestida de vinho com um coque loiro no topo da cabeça, ela estava atrás de um balcão pequeno de vidro. Chegou a vez de Nicole. Ela era a última passageira da fila.

Eu tentei romper a multidão mais uma vez como tinha feito antes. A esse ponto não me importava se atrairia atenção. Então fiz o meu melhor para que isso acontecesse. Enquanto eu cortava por entre as pessoas eu me preparei para receber olhares.

— Nicole! — gritei com as mãos em concha ao redor da boca, senti minha blusa ser agarrada pelo colarinho, me desfiz da peça puxando os braços em desespero sem olhar para trás. Meus olhos estavam nos portões brancos de embarque. — ESPERE.

Gritei. Gritei e gritei. Todos olhavam. Todos na multidão olhavam, ela não. Eu não tinha voz aqui, não para alcançar o único coração que eu queria, estava arrependido, muito arrependido de ter dado ouvidos para uma mídia carniceira, mas eu estava tão acostumado em ser usado que não hesitei em acreditar, mesmo que fosse Nicole.

Resfoleguei sentindo meu pulmão queimar a cada respiração, dei mais um passo em cego me desfazendo do aglomerado.

— Senhor, por favor pare. — Ouvi uma voz fraca atrás de mim, mas não me virei, não ousaria fazer isso. Assisti enquanto a menina de cachos volumosos e o sorriso mais ácido e encantador que eu tinha visto na minha vida, embarcava para o outro lado do mundo.

Não deveria fazer isso, não aqui. Mas senti minhas pernas correrem involuntariamente na direção dos portões, ela era a última passageira, e estava entregando seu passaporte para a funcionária de vinho da companhia.

Gritei. Mas ela não virou. A funcionária me olhou alarmada, mas Nicole estava com um headset azul profundo, apertando os cachinhos da cabeça balançando com o ritmo da música como se mais ninguém a notasse.

Meu pulso foi agarrado dos dois lados por mãos grudentas e patéticas, tentei puxar o braço, mas fui jogado no chão branco e frio do aeroporto como uma batata. Dois homens baixos e corpulentos me encaravam com uniformes padrão, uma camisa branca e uma calça preta.

Me esforcei para olhar para a fila de embarque, mas ela já estava vazia. A funcionária de vinho e coque loiro bem apertado passou

pelo portão branco de embarque e fechou a porta de modo silencioso e compassado com meu coração.

— Ele está comigo. — Ouvi aquela voz familiar que sempre me causou um misto absurdo de emoções vinda de cima. — Deixe-o.

Meu pai.

Ele não estava de terno hoje, usava uma camisa polo branca com um jeans, estava bem apresentável para um velho. Ele acenou a cabeça e os seguranças pediram desculpas com uma curta reverência para o velho que assistiu calmamente eles se afastarem. Me olhou como se uma segunda cabeça estivesse nascendo no meu pescoço.

— O que está fazendo aqui, seu moleque? — ele estendeu uma mão longa, onde costumava ficar sua aliança agora tinha apenas uma linha branca. O foco é como ele sabia que *eu estaria aqui* ?

Não respondi. Parecia que eu tinha comido pedras, não conseguia olhá-lo nos olhos por muito tempo sem querer agir como uma criança.

— Não te criei para desistir do que quer.

Engasguei com o som de suas palavras.

— O que quer dizer, *velho* ?

— Levante, e vá atrás dela. — Olhei para sua mão estendida a linha branca e fina de onde tivera sua aliança era chamativa, ele a balançou no ar, não para me bater, mas para me levantar.

Peguei a mão do meu velho que me puxou com uma força nada impressionante, eu sempre soube dela.

— Obrigado... — Passei a mão pelas roupas, estava grudento. — *Pai*

A palavra soava amarga e estranha nos meus lábios, mas me esforcei para proferir sem uma careta.

Ele me olhou como se não tivesse entendido.

Não dava para culpar, essa era a única vez que eu o chamava sem nem um outro termo acompanhando. O velho meneou a cabeça concordando.

Eu o olhei uma última vez e então voltei a correr com todas minhas forças em direção a porta azul que a comissária tinha acabado de fechar, mas em decisões como essa, aqueles segundos caídos no chão podiam ser a diferença entre alcançar Nicole ou deixá-la ir.

Puxei a maçaneta lisa de forma ruidosa, estava contando com meu velho para segurar os guardas. Atrás da porta tinha um corredor largo com carpete cinza e uma sequência de luminárias quadradas e quentes.

Corri, corri e corri.

Toquei as paredes para ter apoio quando fiz a curva no corredor esperando encontrar a rampa de acesso para o avião, mas ela já tinha sido removida, olhei para a porta que dava acesso para a pista, mas o avião correspondente não estava mais lá.

Nicole tinha ido embora. Sem sentir o meu chão, caí de joelhos contra o carpete.

## 39 Nicole

Olhei pela janela e senti meu mundo girar, jurava que *e/e* estava ali. Podia senti-lo, por mais esquisito que fosse anunciar isso. Pelas estrelas do céu, estava paranoica. Não demorei muito a me despedir

do meu pai, estava na esperança que eu voltasse logo para estudar artes aqui, ele tinha me feito uma proposta, dessa vez uma menos absurda: trabalharia na gravadora como conseguisse, e com esse dinheiro poderia me bancar aqui.

Era uma proposta absurdamente tentadora. E me sentia estranhamente agitada. Minhas mãos estavam suando, passei-as duas vezes na minha calça de moletom cinza. Olhei através da janela do avião, estava escuro lá fora, mas as luzes que supostamente deveriam me guiar para casa...diziam para minha alma que agora estava em casa.

Não era a mesma pessoa que tinha vindo visitar o pai nas férias, não era a menina que mentia para a mãe sobre a faculdade, ou a menina que odiava k-pop, bom isso se mantinha parcialmente, eu tinha me apaixonado por um Idol. Não queria que aquela fosse minha última conversa com Taeyang, *não*.

Meu reflexo na janela me encarou, estava cometendo um erro ao fugir.

— Preciso descer desse avião, senhora — disse me levantando subitamente da poltrona azul.

A comissária de bordo me olhou alarmada.

— Senhorita, todos já foram acomodados, não pode descer do avião.

Eu não podia deixar aquele idiota sozinho, *não*.

Suspirei.

— Senhora...— *Ai Deus, que vergonha*, todos me olhavam — Esse avião vai cair, eu estou com esse pressentimento — todos se alarmaram nos seus lugares — não posso ficar aqui sabendo que tudo explodirá pelos ares.

— Santo Deus! — exclamou uma senhora no canto da nossa fileira e pegou um terço de sua bolsa.

— *Eu preciso descer* — insisti.

Estava sendo covarde. Muito covarde, não poderia voltar. Taeyang era algo que eu tinha perdido e não poderia substituir de forma alguma, *Nicole sua boba* .

— Senhorita, se acomode no seu acento, te garanto que esse é um voo seguro.

— *Senhores passageiros, por gentileza coloquem os cintos para a decolagem* .

Ouvi o copiloto anunciar que sairia de solo coreano em menos de um minuto. Eu estava prestes a chorar de nervoso. Olhei para a janela arredondada mais uma vez, e vi que ela tinha começado a se movimentar.

Estava apaixonada demais para esquecer o que tinha vivido aqui. Eu não estava voltando para casa.

Sentei na minha poltrona frustrada, e assisti enquanto tudo o que tinha vivido ficava para trás.

## Dois meses tinham se passado.

### 40 Taeyang

Depois de correr que nem um louco atrás de Nicole e gritar no aeroporto, não demorou para que isso fosse parar na mídia, e que as pessoas presentes me cercassem para fotos e abraços. Sorri fingindo que não estava quebrado, não deixei minhas lágrimas saírem, e abracei um por um dos fãs até que meus seguranças me alcançassem.

Meu pai ficou ao meu lado naquele instante, uma mão fria no meu ombro. Ser encostado por ele ainda me causava calafrios, lembrava de todas as agressões físicas e também verbais, era como estar ao lado do meu inimigo.

— Eu sinto muito — ouvi meu pai sussurrar enquanto éramos retirados do cerco frenético de fãs — soube da carta e...

— Não quero ouvir — respondi. — Qualquer que seja sua desculpa, esse não é o momento, *pai*.

Esperei que ele explodisse ou tentasse alguma coisa enquanto entramos no carro, mas não aconteceu. O velho tinha voltado para o seu cargo, mas dessa vez a sua opinião ficava abaixo da minha e de Do-yun.

Nesse período eu produzi mais 7 faixas e foi o suficiente para virar um álbum no topo das paradas de vários e vários países, eu o tinha nomeado de "ame a si mesmo" e a gravadora optou por alterar o título para inglês.

**"O cantor Kim Taeyang tinha finalmente superado o luto pelo seu irmão e voltava aos palcos"** era o que a mídia estava dizendo, bobagem na minha opinião. Não tem como superar a morte de alguém próximo, o que existe é aceitar e tentar seguir em frente, sentia meu coração se curar aos poucos, e depois de muita insistência de Jina eu tinha aceitado fazer terapia, o que tinha sido interessante. A empresa relutou muito no início, mas ela brigou pela ideia e levou até o fim.

Muitos outros Idols pediram por consultas quando o conceito acabou se normalizando, então me sentia fazendo o bem de uma forma ridícula, mas sentia.

Agora estávamos no Outono, que tinha passado a ser minha estação favorita na infância, o ar ficava mais puro e fácil de respirar, e o céu era um azul profundo e intenso como as cores do meu cabelo

tinham sido. Puxei o meu boné preto um pouco mais para baixo quando algumas pessoas passaram pela trilha de bicicleta do Rio Han, estavam distraídas entre si e não me notaram, o óculos escuros ajudava também.

A grama estava macia e bem intensa, eu segurava um *latte* entre minhas pernas, meu joelho estava próximo do meu tórax, olhei singelamente para o copo que estava ao meu lado na grama, essa costumava ser a dose de Hye. Não senti tanta dor ao olhar para o copo branco com a sereia verde, mas senti saudade.

De um jeito diferente que eu sentia de Nicole. Eu tinha sido um idiota tão grande, depois de comprar um aparelho novo, fiquei feliz achando que conseguiria enviar mensagens para ela, mas o chip tinha sido desativado. Tinha sido ousado o bastante para pedir para seu pai durante uma reunião, todos me olharam alarmados. Ele tinha olhos gentis, tudo que havia dito fora:

— Você duvidou de Nicole, não a merece. — Confesso que em um ato narcisista, pensei que ele nem hesitaria.

— Entendo, *senhor* Do-yun — disse nos surpreendendo, era a primeira vez que me referia a alguém assim, mas sinto que lhe devia algum respeito, ele sorriu, foi sincero e inclinou a cabeça e me assistiu deixar a sala de reunião enquanto eles planejavam minha turnê mundial.

Bebi um gole da minha bebida enquanto vi as águas do Rio Han dançarem com o vento de um jeito familiar e saudoso.

— Posso pegar *essa* bebida? — eu olhei para os *All Stars* vermelhos de Jun-ho e ergui o olhar para ele, estava usando um boné preto e uma camisa branca com jeans rasgado, olhei para o copo ao meu lado, geralmente o deixava no gramado.

Jun-ho se sentou ao meu lado pegando a bebida.

— Não disse que podia, seu idiota.

— Não disse que eu não podia. — Ele destampou o *latte* sorrindo e bebeu junto comigo.

O lado divertido de ter Jun-ho ao meu lado é que constantemente eu me sentia como se eu tivesse uma cobra de estimação pronta para me dar o bote, mas desde que ele tinha aliviado minha consciência na Torre de Namsan eu tinha o procurado, e o lugar que eu o encontrei me surpreendeu: hospital, ele estava na área de tratamento para pacientes com câncer.

Tinha pedido para que Yuna da gravadora o procurasse, ela cuidava de eventos, mas era boa em localizar pessoas.

Jun-ho tinha ficado tão surpreso quanto eu quando o interceptei no corredor. Não tinha o mesmo ar de modelo de farmácia, estava exausto e lembro perfeitamente dele ter sido o primeiro de nós a falar:

— Eu sinto muito Taeyang, eu sinto muito — ele repetiu agarrando meus pulsos ao inclinar a cabeça como se nunca tivéssemos brigado ou trocado palavras raivosas.

Jun-ho estava falando de mim e Nicole. Tinham oferecido muito dinheiro a ele, algo que seria extremamente necessário para custear o tratamento da mãe, pois os hospitais costumam ser caros.

Paguei o tratamento dela. E de repente Jun-ho começou a me seguir, aonde eu ia ele estava lá querendo saber quanto eu cobraria pelo favor. Não cobre e nem cobraria, estava seguindo em frente.

Tudo que eu tinha pedido, agora para o meu fotógrafo, era que desse um jeito de ter notícias de Nicole, de algum jeito. Ela não era uma garota ordinária, mas não era fácil encontrá-la.

— Você tem alguma coisa pra mim? — perguntei ignorando o barulho irritante que ele fazia ao tomar *latte* .

Ele me olhou de canto.

— Sobre Nicole?

— Não, sobre o Batman — respondi revirando os olhos.

— *Aish*. — ele abaixou o copo, estava com as pernas cruzadas em lótus, seus cabelos cobriam um pouco as sobrancelhas. — Nicole Dias é um fantasma, tentei contato com alguns *paparazzi* no Brasil, mas eu não soube passar muitas informações, tudo que eles têm é o que a mídia já divulgou e...

— Entendo — disse sentindo meu estômago pesar. Dois meses tinham passado, e o que me impedia de seguir totalmente em frente era uma menina que tinha me atropelado sem hesitar.

Jun-ho me olhou com aquela sua cara patética de pena, a mesma que ele fazia sempre que me dizia algo parecido.

— Eu lamento, Taeyang — ele me disse em resposta. — Realmente estou tentando.

Acreditava nele.

Das pessoas mais improváveis do mundo, Jun-ho estava do meu lado agora, e em dias estressantes ele sabia que podia me encontrar nas margens do Rio Han, em finais de show ele entrava no meu camarim com uma garrafa de soju escondida no casaco. Como um amigo faria, e isso confortava meu coração perturbado.

— Jina pediu para que eu avisasse sobre o *Met Gala* na sexta-feira, do dia 26, você deve acompanhar Riza. — Ele me olhou, claramente tentava mudar de um assunto triste para um que me irritava, eu

odiava esses eventos. — Ela está com a sensação que você está ignorando as ligações dela.

— Não é uma sensação, é um fato. — Sorri e fui aquecido por um dos últimos raios de sol do dia. — E essa porcaria é só daqui três semanas! Mas sobre isso... tive uma ideia divertida.

Jun-ho era mais alto que eu, mas era esguio e nós dois tínhamos tonalidades de cabelo parecidas, e o meu carro era único. Mas para evitar uma noite chata...

— Só *você* acha suas ideias divertidas — ele respondeu sem ao menos ouvir.

*Idiota* .

— Você vai adorar essa, te garanto. — É claro que não ia, mas era minha melhor cartada: — Pode até dirigir meu carro.

Jun-ho me olhou alarmado. Era uma Ferrari Azul intensa, edição limitada 488 GTB, meu bebê.

— Você não vai fugir outra vez, vai?

## 41 Nicole

Voltar para minha rotina não tinha sido moleza. No trabalho meu coração travou pela primeira vez quando um menino de cabelos azuis atravessou a porta da cafeteria, quase derrubei a bandeja que segurava, estava com o coração em descompasso.

Não era Taeyang.

Suspirei, e voltei a entregar os pedidos nas mesas redondas, fingindo que eu não surtava quando via algo que era sobre ele, aliás, assistir TV era impossível, pois todo canal era sobre ele, e aquilo me machucava. Mas no trabalho eu não podia ter o luxo de ignorar o som da TV que ficava ligada atrás de mim no balcão de café.

Minha chefe estava coletando os pedidos de um grupo de garotas e repassando para que eu fizesse os *frappuccinos* e *lattes*. Café estava me irritando, pois lembrava do encontro diário dele com as margens do Rio Han. *Espero que ele esteja bem*.

— É ela mesmo? — perguntou uma delas para as demais, estavam apontando para mim.

— É sim! — disse uma de cabelos loiros correndo na direção das máquinas de modo que ficasse de frente comigo.

De hora em hora eu era o centro das atenções no café, nem sempre de modo positivo. Cansei de contar às vezes que voltei para casa sem conseguir conter as lágrimas, mas isso tinha sido no começo, quando tudo ainda estava extremamente vívido na minha cabeça e quando eu deitava a cabeça no travesseiro sem conseguir dormir, ao fechar os olhos sua voz cantava *Sweet Night*, só pra mim.

— Posso tirar uma foto sua? — ela me perguntou com expectativa nos olhos, não parecia hostil como as demais fãs dele.

— Por quê?

E não era fotogênica, e a última pessoa que tinha me fotografado... Também não deveria pensar em Jun-ho agora.

— Muitas *twinkles* estão espalhando mensagens de ódio sobre você na internet...

Eu sabia, tinha deletado as poucas contas inativas que eu tinha com meu nome, deixei apenas o Instagram para postar meus desenhos, e ainda sim, o perfil estava privado.

— *Twinkles?* — perguntei, pois do que ela havia dito, a segunda palavra era novidade.

— É o nome do fandom de Taeyang- *shi* , significa: Brilho, o que ele é para todas nós. — Ela parou enquanto minha chefe me encarava do outro lado da bancada usando um avental verde como o meu. — Ele fez um vídeo se ajoelhando e chorando, implorando para que essas *twinkles* parassem de machucar você.

Não tinha visto.

— Quando...?

Ela me olhou como se eu morasse em uma caverna.

— Há uma semana, postou em um perfil desassociado com a *Master Hit* .

— Por que...quer...a foto? — tentei formular as palavras sentindo minha cabeça girar, apoiiei as mãos sobre o balcão de madeira.

— Porque existe um grupo que apoia você. Apesar da inveja e coisa do tipo, queremos o nosso Tae feliz.

Minhas mãos estavam grudando, as passei no avental e peguei as comandas. Três *lattes* e um *frappuccino* de chocolate.

— Pode tirar a foto enquanto eu trabalho — respondi ao ligar a máquina.

A menina me fotografou sem hesitar. Não me importei. Quando entreguei os pedidos, a loira voltou a falar comigo.

— Dizem que ele está tentando encontrar você, quebrando as regras da gravadora.

— Isadora, chega! — sua amiga de cabelo roxo a segurou pela manga arrastando-a do balcão. — Desculpa — disse na minha direção.

Assisti elas se afastarem.

— Essa foi a primeira vez — Suzy disse para mim, seu sorriso estava manchado com o batom vinho que combinava com seu cabelo marsala crespo.

Tentei sorrir, mas estava me sentindo embriagada. Estava leve e zozna. Ele tinha me perdoado? Ou estava sendo gentil como qualquer ser-humano seria?

— Estou indo embora — disse para Suzy, que afofava seu cabelo.

— Você volta? — quis saber.

— Acho que não. — retirei meu avental apressada e o pendurei na parede. — Preciso respirar...

— Se cuida, garota.

Estávamos no verão, o que era insuportável para dormir e ao mesmo tempo aconchegante para voltar para casa em uma caminhada de 15 minutos. Algumas pessoas desde que voltei da Coreia tinham me

reconhecido na rua, poucas me paravam para dizer algo legal, mas tudo bem, já estava acostumada com esse tipo de coisa.

Taeyang precisava ser falso com seus fãs, eu não. Mas hoje tinha sido a primeira vez que percebi que tudo tem dois lados, eu estava sendo criticada e apoiada, como ele tinha sido a vida inteira.

Às vezes, do meu trabalho eu oscilava entre ir direto para casa ou para casa da vó Maria, mamãe ultimamente estava empenhada em excesso com o próprio trabalho, dizia estar guardando dinheiro para minha faculdade de Direito, e sobre isso, eu ainda não tinha verbalizado para ela.

Vovó sabia, claro que sabia, desde seu aniversário ela está com o olho bem aberto sobre mim. E fica repetindo constantemente que meu coração não está no Brasil, não conseguia esconder meu desejo de voltar. Não tinha mistério algum sobre, eu não tinha amigos aqui, não tinha um emprego dos sonhos e quando encaro qualquer carro que se pareça com o de papai vejo um menino com blusa de corvo inquirindo uma carona.

No caminho eu encarei um casal de adolescentes que se beijavam na rua como se o mundo não existisse ao redor.

*O que eu estava fazendo?* Parei onde estava, na frente da drogaria Raia. Contive o impulso de me ajoelhar no estacionamento. Desviei o olhar dos jovens e encarei as copas das árvores que aqui não possuíam padrões algum e suas raízes altas eram um perigo para pedestres distraídos na calçada.

Tinha fugido sem fazê-lo ouvir.

*Eu tinha fugido?* Balancei a cabeça para me livrar desses pensamentos idiotas.

Desde então eu tinha evitado o máximo que dava sair sendo “Nicole Dias” que geralmente era uma camiseta larga e uma calça de

moletom com meus cabelos soltos. Tenho me vestido de maneira estranha, como minha avó devia ter se vestido na adolescência, com vestidos de poá rodados e um mix das roupas que meu pai tinha me comprado, e adotado o estranho hábito de Taeyang de usar boné e óculos escuros.

Minha vida aqui estava como sempre: trabalho, desenhar a noite toda, e agora eu tinha adquirido o hábito estranho de assistir reality shows coreanos sobre músicos, eu não prestava atenção, só deixava a TV ligada, continuava não gostando de k-pop e as danças robotizadas ainda não me atraíam, mas eu tinha esperança que talvez eu escutasse ou visse Tae, o que era um pouco contraditório, porque toda vez que ele era citado ou aparecia, eu desligava imediatamente.

E ficava mais furiosa quando pensava nele, e mais ainda pelo fato do meu *sketchbook* estar cheio de desenhos dele e de roupas que ficariam legais nele.

Não tinha mais o seu número gravado. Também tinha mudado o meu, pois o antigo havia sido vazado.

Criei coragem para voltar para o apartamento da mamãe.

— Estou em casa — disse abrindo a porta branca do apartamento para ninguém específico, eu estava sozinha.

Acendi as luzes e imediatamente a recém adotada gata da minha mãe veio correndo, ela era preta com os olhos dourados, e no escuro parecia um pequeno demônio pronta para abocanhar meu calcanhar em movimento.

— Oi, Fúria da Noite — disse dando dois tapinhas na sua cabeça, e ela começou a me seguir ronronando pela casa como se fosse minha sombra.

O nosso apartamento era bem menor que o de papai, e não tinha uma vista tão bonita assim, apesar de popular. Era de frente para a Avenida Paulista, onde vários jovens costumam vir para tirar fotos conceituais, era bem perto do meu trabalho, o que era um fator positivo.

E quando o assunto era proximidade, lembrava que tinha uma quantidade razoável no banco para tentar alguma faculdade aqui perto. Mas a ideia não me animava.

Sem ter com quem conversar, caminhei direto para o quarto, não estava animada para comer. Fúria da Noite me alcançou antes que eu fechasse a porta. Fui para mesa de escrivadinha, era branca e longa, nela havia vários *sketchbook*s antigos e folhas espalhadas, alcancei minha luminária vermelha e a acendi. Fúria da Noite pulou no meu colo quando peguei meu celular e o desbloqueie, haviam 5 chamadas perdidas do meu pai.

Retornei na mesma hora. Ativei minha câmera.

— Nicole — disse de forma arrastada e familiar, meu coração deu um pulo. Ouvei a porta da sala ser aberta e o barulho de salto da mamãe contra o carpete de madeira reverberar por todo o ambiente. — Como foi o trabalho?

Não queria falar sobre meu trabalho, tinha sido um saco. Me concentrei o dobro depois do menino de cabelos azuis, preparei três pedidos errados antes dele e tinha sido inundada com a ideia de Taeyang se ajoelhando para o mundo, não aguentava mais a sensação. Papai estava bem vestido como sempre, estava usando uma camisa branca e sua gravata preta estava um pouco frouxa, o cabelo estava baixo com pomada.

— Estou em casa — disse mamãe batendo na porta, e por um desastre da natureza ela a abriu, talvez tivesse escutado a voz de papai. Fúria da Noite saltou do meu colo e foi correndo para os pés de mamãe, *traíra*. — Do-yun, como você está?— ela se materializou

atrás de mim e se inclinou sobre meu ombro, mamãe estava com seus cabelos soltos e fartos e muito elegante em um vestido preto até os pés com um blazer vinho por cima.

Papai riu, um pouco constrangido.

— Estou bem obrigado, e você?

— Bom — ela respondeu imediatamente, e então o silêncio se arrastou. Constrangedor.

Desde que tinha voltado da Coreia mamãe tinha me incentivado a ligar diariamente para o papai, e em muitas dessas ligações ela participava, às vezes os dois conversavam entre si por um tempão e eu ficava sobrando.

Ouvi papai pigarrear do outro lado e afrouxar ainda mais a gravata, ele estava em casa dava para ver pelo papel de parede, era o meu quarto.

— Algo chegou para você hoje — ele ergueu um envelope espesso, a maioria dos lugares fazia o retorno por e-mail, mas a Coreia ainda não tinha aderido esse hábito líquido, eu preferia assim. Senti minhas mãos umedecerem, a que estava livre eu passei sobre a barra do meu vestido de poá. — Posso abrir? — ele perguntou como se um devaneio eu pudesse dizer não.

E então o papai leu a carta da Universidade.

Chorei a tarde inteira.

Naquele momento meu futuro tinha sido traçado. Dessa vez seguiria meu coração, não importando se teria o apoio da minha mãe. Além da gritaria evidente que estava por vir, meu pai acrescentou:

— As aulas começarão em quatro dias, eu pagarei sua passagem para voltar para casa.

# Epílogo

## Nicole

Três semanas depois.

Outono é a temporada onde tudo se renova. Eu me levantei depressa quando a aula acabou, história da arte estava sendo uma das minhas matérias favoritas, confesso que quando olhei a grade achei que eu fosse odiar. Corri para a biblioteca e comecei a fazer anotações desesperada, eu não seria o tipo de aluna que deixaria a matéria acumular e depois entraria em desespero na véspera dos exames, não, eu seria dedicada.

Quando meus pulsos começaram a gritar e meus olhos queimarem, percebi que o sol estava se abaixando e as luzes artificiais da biblioteca prevaleciam. Optei por ir embora antes que ficasse muito tarde, olhei para meus novos melhores amigos: as enciclopédias. Alguns colegas acenaram quando perceberam que eu estava saindo, um pouco constrangida devolvi o aceno.

Caminhei pelo campus, achei que as pessoas seriam idiotas comigo aqui, eu era estrangeira, e a estrangeira que tinha “usado” um astro coreano, mas essa notícia tinha ficado ultrapassada quando Taeyang novamente movimentou seu perfil no Instagram para fazer uma live. No começo achei que era algo programado pela gravadora, mas quando vi a gravata de papai ser afrouxada em um movimento de pânico entendi, ele tinha feito por conta própria.

*Típico .*

Olhei as árvores altas com as folhas laranjas e amarelas soprarem meu caminho de volta para casa, tomei cuidado, mesmo com o caminho do portão sendo de concreto essas folhas eram um ótimo jeito de escorregar. Parei onde tinha estado com Jun-ho há três

meses, queria dizer que sentia raiva e culpá-lo por tudo, mas eu tinha fugido sem pensar duas vezes, e quando finalmente voltei para o Brasil achando que todo esse pesadelo acabaria, eu não conseguia esquecer o que eu tinha vivido aqui.

Mesmo estando aqui há três semanas eu não tinha encontrado Taeyang, e nem sei se conseguiria, agora não mais por ele, mas pela minha idiotice, eu tinha errado, claro que tinha, mas eu devia ter falado e não corrido. Suspirei, e optei por refazer o caminho de volta para casa caminhando, o que me roubou meia hora.

Achei que minha mãe ficaria furiosa quando disse que voltaria, eu não tinha pedido, apenas dito que voltaria. Ela não me perguntou o que eu ia fazer, talvez ela já soubesse, Direito não fazia meu coração vibrar, Artes, sim. Tudo o que fez, foi me levar para fazer compras antes do meu voo, como ela queria ter feito da primeira vez. Aceitei de bom grado, seria a última vez em um tempo.

Tinha prometido ligar diariamente e segundo ela, não sumir como na última vez.

Quando perguntei se ela ficaria bem ela respondeu:

— Tenho Fúria da Noite.

Uma filha pode facilmente ser substituída por um gato ao que parece, mas sei que muito desse comportamento estava relacionado a tentar impressionar papai. E sobre ele, andava se esforçando mais para passar um tempo comigo, e tinha me pedido para trabalhar na gravadora como trainee para desenvolver conceitos para alguns grupos, ele estava focado em me deixar longe do prédio, ele trazia fotos dos Idols para que eu desenhasse em casa, estava sendo divertido, eu poderia ousar com cores e texturas, a indústria coreana recebia muito bem bizarrices de vestimentas, então minha imaginação corria solta pelas páginas.

Hoje era o *Met Gala*, papai não estaria em casa e eu podia caminhar tranquilamente pelo condomínio, tinha passado do ponto onde eu e Tae tínhamos nos beijado pela primeira vez, involuntariamente toquei meus lábios e em seguida me amaldiçoei. Quando cheguei em casa, eu olhei para o prédio mais alto de Hannam The Hill.

O que tinha de errado comigo hoje?

## Taeyang

— Toque nisso e eu soco você. — Assisti Jun-ho parar a mão a meio caminho de uma moldura dourada do corredor de casa, eu e Hye estávamos sentados comendo melancia juntos na antiga casa.

O corredor de fotos, agora tinha fotos outra vez.

Agora a saudade era maior que a dor, minha psicóloga dizia que daqui um tempo seria bem mais fácil.

Estava pagando para ver.

Desviei os olhos da foto.

— Venha. — Minha voz falhou quando chamei Jun-ho ao abrir a porta do closet.

Não ouvi seus passos sorrateiros por conta do carpete fofo, mas ele esbarrou em um porta casacos de madeira que havia comprado por impulso em outro dia.

— Desculpe. — Ele tentou voltar o objeto de madeira em sua posição original, nele estava a blusa de corvo.

Revirei os olhos.

— Vamos ter que te deixar bonito, para parecer comigo, essa será uma tarefa difícil.

Jun-ho riu como se tivesse acabado de ser elogiado. Cara.

— Olha só você. — Ele caminhou para o centro do cômodo. — Tá todo animadinho hoje.

Sabia aonde ele queria chegar. Ou melhor: em quem.

— Que seja. — reprimi os olhos âmbar que pairavam na minha mente.

Nós dois não falávamos muito sobre Nicole, porque toda vez que Jun-ho tocava no assunto eu tinha vontade de jogá-lo na frente de um carro. Mas essa manhã o assunto veio à tona.

— Que seja — ele repetiu como uma criança. — Você mal consegue ser azedo como de costume.

Ele disse que tinha visto Nicole ontem durante a tarde descendo o bonde da Torre de Namsan, no começo, mesmo querendo, não acreditei. De muitas coisas que me arrependo na minha vida, deixá-la ir era a que me martelava a cabeça diariamente. Não acreditei que ela voltaria para a Coreia, pelo menos não em dois meses.

Jun-ho tinha honrado nossa única promessa, conseguir notícias de Nicole. Muitas das minhas fãs haviam participado disso na conta de Instagram que criei, mas raramente tinha paciência para mexer, era tudo ele. Estava sendo um louco insano atrás de Nicole, a pior parte é que tinha plena consciência disso.

Mas precisava voltar para aqueles dias felizes.

— Aqui — chamei Jun-ho para uma parte intocada do meu closet há um tempo.

As roupas mais sofisticadas eram destinadas para premiações. Eu e Hye íamos com a mesma roupa em cores diferentes ou modelos diferentes em mesma cor, tudo dependia da decisão de imagem que precisaríamos passar.

Peguei o terno branco que eu tinha usado no KMA há um ano e oito meses, e o entreguei para Jun-ho, então caminhei para pegar o que pertencia a Hye. Era o que eu vestiria essa noite, antes da nossa troca.

Ele era mais alto que eu, talvez suas canelas ficassem à mostra, mas a ideia era engraçada.

— Isso ainda me soa como uma péssima ideia — ele voltou a anunciar o que tinha feito durante a semana inteira.

O plano era bom. Tinha que ser visto pela gravadora antes, após encerrar a chamada de vídeo eu daria as chaves do carro para Jun-ho.

— Você se acostuma — disse puxando fora as peças de roupas para fazer colocar o terno.

Eu olhei nostálgico para a peça e por um breve momento, pude vê-lo sorrindo ao erguer a estatueta, aquele era um sorriso que poderia iluminar o mundo inteiro, e por um bom tempo de fato tinha.

Até que se apagou de vez.

— Taeyang... — mesmo protestando ele começou a trocar de roupa.

— Você vai amar — menti.

Mas pela sua expressão, sabia que o estava enrolando. Assisti Jun-ho pegar o celular, era algo que eu fazia com frequência, pois apesar da nossa proximidade, ainda tinha dificuldades em confiar 100% nele.

— Uma fã sua mandou a comanda de um pedido interessante — anunciou lendo uma notificação.

Afivelando o cinto me aproximei intrigado de seu aparelho.

## Nicole

Estava exausta, muitos dos meus colegas iam para bares após a aula, mas se eu fizesse isso, meu fígado morreria antes que assassinasse minhas notas. Abri o aplicativo de delivery e pedi um balde de frango frito com *cajun*.

Me joguei na cama e liguei a TV do meu quarto para acompanhar a chegada das celebridades ao tapete vermelho, acho que tinha chegado ao fundo do poço da programação que alguém pode chegar ao assistir TV na Coreia, e ainda assim, só conhecia um dos nomes indicados.

Dessa vez o veria. A ideia era como andar numa montanha russa, assustava, mas não conseguia conter o impulso de querer por mais. Acho que muitos aspectos do nosso relacionamento tinham a mesma base.

Minha maior surpresa foi quando o nome de Taeyang foi anunciado, em uma sincronia perfeita com meus pensamentos. Vi seu carro azul profundo parar no corredor, muitos fãs que estavam atrás da faixa vermelha estipulada ficaram histéricas.

Quando a porta abriu, Jun-ho vestindo um terno branco e cabelos enrolados saiu. Acenou e sorriu de modo constrangido, eu quis rir.

Ele tinha fugido outra vez.

Vi as pessoas ficarem mortificadas, Taeyang tinha esse efeito. Vários flashes foram disparados na direção de Jun-ho que acenava de forma envolvente como ele costumava fazer.

— *Onde está Taeyang?* — vários repórteres e paparazzis ecoaram em um ritmo descompassado.

Jina surtaria, meu pai também.

Desliguei a TV ainda rindo quando ouvi a campainha tocar. Estava dividida entre rir da situação e a possibilidade de não o ver.

Peguei o dinheiro em cima da mesa e corri para a porta com minha camisola azul do Spock. Abri violentamente a porta, com o estômago urrando.

— Vida longa e próspera, chicletinho — Taeyang disse segurando minha comida, estava vestindo a mesma roupa que Jun-ho, seu cabelo estava enrolado nas pontas e levemente mais claro do que lembrava.

Soltei o dinheiro no chão. Taeyang assistiu o gesto com um sorriso diabólico no rosto.

— O que está fazendo aqui? — perguntei tentando manter a voz neutra. Algo dentro de mim, além da fome, se agitou. Não precisaria ligar a TV para ver o quão lindo ele era, pois estava parado aqui na minha frente.

— O que mais? Tô entregando frango frito — disse suavemente e passou pelo vão da porta como um demônio recém-invocado.



Atravessámos a porta da sala, Taeyang foi na frente como se conhece o local tão bem quanto sua casa, e de fato o *layout* era parecido, com exceção de nossas casas serem espelhadas. Não sabia o que dizer, queria gritar, queria bater em Taeyang, queria chorar e queria comer, o frango no caso.

Grudei na parte de trás do seu terno branco, ele olhou por cima do ombro.

— Você é um idiota, não tem nada para me dizer além de: “Tô entregando frango frito”?

Ele colocou o balde de frango sobre a mesa de vidro e me olhou profundamente, recuei um passo. Odiava quando ele fazia isso, quando me olhava como se eu fosse a última pessoa do mundo.

— O que quer que eu diga? — perguntou enfiando uma mão no bolso da calça — você fugiu.

— E você me *deixou* ir com tanta facilidade...

— Eu corri que nem um louco atrás de você em Daegu, você não virou para trás uma droga de vez, Nicole...

— Mentira — eu murmurei involuntariamente.

Ele arqueou a sobrancelha, em um gesto que parecia estranhamente meu.

— Não estou mentindo, você seguiu sua vida e me deixou aqui, esperando por qualquer migalha que você pudesse me dar, mas você sumiu do mapa... — ele olhou para cima e vi seus olhos brilharem — então você me desculpe, mas eu não tive opção alguma.

— Eu tentei descer do avião, disse que ia explodir... — ele me olhou entretido, não podia suporta a ideia de vê-lo chorar outra vez.

— Ainda bem que não explodiu. — Ele deu um passo na minha direção, rindo ao passar as costas das mãos nos olhos como se não estivesse com maquiagem.

— Me desculpa, Tae — disse — eu nunca quis usar você...

*Pensei em você todo santo dia, e como senti falta das suas idiotices e até mesmo de quando era narcisista.*

— Vamos começar de novo.

Senti um peso me deixar quando olhei para Taeyang, meu coração agora estava tranquilo. Ele continuava tão lindo quanto antes, seus cabelos naturais emolduravam perfeitamente seus olhos.

Taeyang estava cheirando a gengibre e mel, era tão familiar.

— Oi, me chamo Kim Taeyang, achei você estonteante, e com o pijama mais revolucionário de toda Hannam, e sexy... — Encostou a testa na minha e senti seus cabelos tocarem a lateral do meu rosto, se calor era aconchegante e sua voz era aveludada. — E eu estou completamente, e indubitavelmente apaixonado por você desde o momento em que me atropelou, por mais masoquista que isso soe.

— Acha o Spock sexy? — Mordi o lábio, tentando formular uma resposta — *tsc...tsc...* você é questionável.

— Sua vez, chicletinho — Ele me interrompeu, o que não negou minha afirmação. Arqueei uma sobrancelha na sua direção, ele riu percebendo o que tinha feito. — Você é bem mais, é claro.

— Oi, meu nome é Nicole Dias, eu atropeliei um Idol narcisista uma vez, e fui paga para incentivar o *comeback* dele, mas não consegui ir até o final da proposta porque eu me apaixonei por ele. — Taeyang sorriu e passou os braços pela minha cintura e me puxou para um abraço, eu fiz o mesmo aninhando a cabeça na lateral do seu pescoço erguendo os pés. — E prometi ficar ao seu lado até que consiga contar todas as estrelas do céu.

— Repete — inquiriu com o mesmo tom que tinha feito que eu o atropelasse.

— Estou apaixonada por você? — fiquei em dúvida sobre qual parte deveria repetir.

— Isso, repete. — Seus olhos brilhavam com intensidade do nosso reencontro.

— EU ESTOU APAIXONADA POR VOCÊ!

— Agora sim — ele sorriu.

Ele recuou um pouco o rosto e tocou os lábios nos meus, lentamente o abriu e senti todo meu corpo queimar com o gesto, nós ficamos assim por um bom tempo, o beijo que começou lento virou algo voraz, e depois suave. Eu estava ansiosa, sentia saudades dele, e tinha ouvido Taeyang verbalizar em alto e bom tom que estava apaixonado por mim, e tinha respondido exatamente o que sentia, sem me importar com o resto do mundo ou com o fato dele ser minha Hannah Montana.

Suspirei com leveza de estar sozinha com ele. Aproveitei cada batida do seu coração e compartilhei o meu com ele num gesto sincero.

Taeyang tinha sido o começo da minha Odisseia Coreana, mas nossa história ainda estava sendo escrita.

## **Em breve:**

Uma Estrela Renasce,

A HISTÓRIA NUNCA CONTADA DE RIZA.

## **Notas do texto**

Todos os lugares citados nesta obra são reais, mas como eu nunca estive na Coreia o meu reconhecimento foi através do *Street View*, e quanto a Hannam The Hill, a casa de Taeyang também era casa

do BTS, mas essa teve que sair 90% da minha imaginação já que o condomínio não foi mapeado.

Taeyang é um personagem extremamente grosseiro e que banaliza alguns dos costumes familiares coreanos, gostaria de dizer que apesar de ele ter tido inspiração na minha personalidade, eu não compactuo com suas ações, tente entender que ele é um menino passando por um processo de cura, dê amor ao Tae. Ainda sobre o nosso inseto, vocês devem ter percebido a semelhança dele com um cantor muito querido para mim: Kim Taehyung, mas são físicas! Quis fazer uma singela homenagem ao meu *Utt* colocando uma referência ou outra, mas não sei a história e o processo de cura do cantor V em relação às perdas que ele teve durante sua carreira.

A música que Taeyang canta é uma dessas referências pois ela é de autoria do V, e eu a escutei em boa parte da minha escrita ao ponto de precisar colocar no papel, porque é sobre isso, o meu Tae cresceu em um ambiente hostil e desenvolveu dificuldades em confiar em outras pessoas, a Nicole está ali nas suas noites longas, mesmo que não seja presencialmente.

*Pop Star* foi imprescindível para a fundação desse livro, ela pertence ao Youngjae.

## Agradecimentos

Como todo grupo de k-pop, eu não cheguei aqui sozinha. Passei por um longo período de bloqueio criativo que começou a ser vencido com a convivência com meus alunos, então vamos lá: Lu obrigada pela paciência em me ensinar origamis, Larissa por me fazer rir em todas as aulas de gramática, Rebecca por cada "amém" em sala que me fazia gargalhar horrores e por compactuar com as ideias de Nicole sobre política, Lívia por ser um doce de menina e socorrer essa pobre alma toda vez que caía creme em meus olhos, Catharina por entrar em todos os reforços e me apoiar; Ju, Gabs, Leão, João e

Helena, todos vocês são luz na minha vida, e eu conseguirei contar todas as estrelas do céu antes que eu me esqueça de cada um.

Joyce sem você acho que eu não teria terminado essa Odisseia, me aturou e entrou no zoom comigo para falar sobre a estrutura, fofocar e ver dorama. Leticia Oliveira e Leticia Santana, eu pedalei em muitos acentos e vírgulas nessa história, e algumas outras coisas que prefiro nem divulgar! Seus olhares precisos fizeram toda diferença.

Por último, ao meu amor e inspiração para minha Nicole Dias: Gustavo, aturou meus surtos, me deu chocolate e leu os capítulos que eu escrevi até que eu caísse no sono, o Taeyang que habita em mim, venera a Nicole que habita em você.